



**Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Antropologia**

Carlos Eduardo Rodrigues

**UMA ASSEMBLAGE DE PROJETOS DE VIDA  
mudanças organizacionais na Fazenda Canadá, Cavalcante-GO**

Brasília, Distrito Federal  
2023

**UMA ASSEMBLAGE DE PROJETOS DE VIDA**  
**mudanças organizacionais na antiga Fazenda Canadá, Cavalcante-GO**

Carlos Eduardo Rodrigues

Orientador: Henyo Trindade Barretto Filho

Monografia de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia, sob a orientação do Prof. Henyo Trindade Barretto Filho.

Brasília, Distrito Federal

2023

## RESUMO

Este trabalho trata do recente fracionamento da Fazenda Canadá, localizada entre o centro urbano do município de Cavalcante (GO) e o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. As glebas são áreas que até recentemente abrigavam a criação de gado e as infraestruturas necessárias para tal atividade econômica. As compras de parcelas de terras por pessoas de origens urbanas explodiram a partir da pandemia de COVID-19, tendo os mais de cem lotes sido vendidos até 2022. Esse movimento expressivo de loteamento em uma área vista até então como rural é percebido com preocupação pela possível urbanização e pelos impactos socioambientais da ocupação do solo.

A proposta principal é evidenciar a aurora de uma nova dimensão sociocultural que se forma na área ocupada pela antiga Fazenda Canadá. Entende-se que as escolhas habitacionais são feitas pelos indivíduos com base na memória e nos seus “projetos”. Acrescida a esta ideia, também utilizamos reflexões sobre os condomínios fechados como forma de romper com as dicotomias particular / universal ou unidade / diversidade, psts compreender o fracionamento da Fazenda Canadá como a combinação de forças que conformam uma nova territorialidade da região.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer de coração o apoio infinito da minha mãe, dona Sheila Rodrigues, que sempre me incentivou a seguir em frente e ser uma pessoa melhor. À minha irmã, Carolina Rodrigues, pela sua amizade incondicional. Ao professor Henyo Barretto, por sua humanidade e por ser um guia excepcional nesta pesquisa. Ao professor Don Sawyer, por ser uma figura inspiradora e fundamental na minha jornada profissional e pessoal. À professora Christine Chaves, por lecionar minha última disciplina da graduação e por aceitar avaliar esta pesquisa. Aos meus amigos e clientes, André Aquino e Daniel Ferreira, por sempre acreditarem e incentivarem meu trabalho. À Carina Momesso, por sua amizade e apoio em Cavalcante.

Não posso deixar de agradecer também ao Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) e ao Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), por todo o suporte ao longo dos anos e por terem acreditado em mim como profissional. É uma honra poder contribuir com a ciência socioambiental dentro e fora da Universidade de Brasília. Agradeço também ao povo brasileiro por ter contribuído com minha formação acadêmica e a de muitas outras pessoas. Devemos defender a universidade pública e os meios de acesso facilitados para pessoas em situação de vulnerabilidade social a todo custo.

Por último, agradeço a todas as minhas amigas e amigos não mencionados aqui. Vocês sabem quem são e quero dizer que sem a rede de apoio de vocês, nada disso teria sido possível. Sou eternamente grato por todo o apoio, risadas, choros, jogos, desabafos, festas e momentos bons e ruins da vida.

Agradeço por tudo, mesmo.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>3</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>4</b>
<b>SUMÁRIO</b>	<b>5</b>
<b>0 - Sobre o trabalho</b>	<b>6</b>
0.1 - Introdução	6
0.2 - Metodologia	9
0.2.1 - Estrutura deste TCC	11
<b>1 - Conhecendo a Fazenda Canadá</b>	<b>14</b>
1.1 - Do arraial de Cavalcante até a contemporaneidade	14
1.2 - Sobre a Fazenda Canadá	29
1.3 - A figura do Sr. Odecy na Fazenda Canadá	36
<b>2 - Chegantes da Fazenda Canadá</b>	<b>41</b>
2.1 - Campo de Possibilidades, Memória, Identidade e Projeto	41
2.1.1 - Indivíduo sujeito, aquele que faz projetos	47
2.1.2 - Indivíduo sujeito socioeconômico	49
2.1.3 - Indivíduo sujeito inserido na Fazenda Canadá	55
2.1.4 - Indivíduo sujeito e seus projetos	59
<b>3 - Reserva Natural Veredas dos Buritis</b>	<b>75</b>
3.1 - Carreira e Veredas	76
3.1.1 - Criando uma identidade	79
3.1.2 - Projetando a identidade	82
3.1.3 - Inventário Florestal	84
3.1.4 - Devaneios do Cerrado	86
3.1.5 - Campanha de financiamento coletivo para a BRIVAC	90
3.1.6 - Rede de Monitoria Participativa da Fauna	93
3.2 - Em suma	95
<b>4 - Reflexão</b>	<b>100</b>
4.1 - Um novo condomínio em Cavalcante?	100
4.2 - Fim?	106
<b>5 - Bibliografia</b>	<b>108</b>

# 0 - Sobre o trabalho

## 0.1 - Introdução

A Fazenda Canadá, antigamente um único imóvel rural, é atualmente um conjunto de glebas resultantes de seu recente fracionamento, localizado próximo ao centro urbano do município de Cavalcante (GO). O território possui aproximadamente 728 hectares de área e conta com uma história de ocupação recente intrigante.



Entrada da Fazenda, 2021, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

Por estar posicionada em uma área plana com o acesso bastante facilitado e também pela sua grande proximidade com o centro da cidade e o córrego Lava-Pés (onde começou a extração de ouro na região), podemos inferir a presença do colonizador na região há pelo menos dois séculos e meio. É muito provável que esta terra tenha visto a sua posse passar pelas mais diferentes mãos e interesses ao longo das eras, tendo o uso do seu solo acompanhando o direcionamento do capital ao longo dos ciclos econômicos.

A área da Fazenda Canadá vem passando por um processo recente de reformulação, se considerarmos as formas de se ocupar a terra. Começa a se reconfigurar no que antes era pasto, uma *assemblage* de intencionalidades em que se somam os mais diversos elementos históricos, políticos, econômicos e culturais, que confluem, se organizam e reorganizam na territorialidade cavalcantense.

O aparentemente repentino interesse de “pessoas de fora” por esse território não é mero trabalho do acaso e também não é nenhuma grande novidade. Há na tomada de decisão, um gatilho para algo que já estava carregado: a gleba sempre foi objeto de desejo de compradores. Fato que se torna ainda mais relevante nos dias atuais, ao lembrarmos que essa porção de terras está convenientemente posicionada entre os novos limites do Parque Nacional e o centro da cidade, com seus serviços e facilidades, um local bastante estratégico na malha ecossocial e para o desenvolvimento do chamado turismo de natureza.

A Fazenda Canadá vê os primórdios de seu fracionamento lá para idos dos anos 2010~, tendo aumentado lentamente ao longo do tempo a quantidade de terras fatiadas, até finalmente explodir em um processo de vendas a partir de e ao longo do surto da pandemia de Covid-19. Todas as parcelas já haviam sido vendidas em 2022. A compra de um terreno rural não é um feito diário (ou possível) para grande parte da população. Toda tomada de decisão e eventual ação é moldada pelas vivências do indivíduo e as suas próprias metas de vida - dado que as condições objetivas propícias para a realização desse desejo estejam presentes.

Evidentemente que um expressivo movimento de fatiamento e venda de terras em uma região tão próxima do centro urbano do município atrairia alguns olhos curiosos para a questão. Muito se fala em Cavalcante, e inclusive dentro da própria Fazenda, sobre a possível condominização daquele território. Levando, ao olhar dos mais pessimistas, à inevitável expansão da área urbana e trazendo os impactos sociais e ambientais que acompanham ocupações de terras que se dão de maneira rápida, desordenada e sem fiscalização.

A proposta de aproximação deste trabalho em avançar no entendimento do que está se passando em Cavalcante, na Fazenda Canadá, foi olhar para esta dimensão sociocultural (Velho, 1994), que está ali se formando, a partir do estudo das formas de habitação entendidas como as escolhas efetuadas por *indivíduos* a partir de *projetos* elaborados em *campo de possibilidades*, e pautados na *memória* (Velho, 1994 *apud* Patriota, 2010, p.218). Ainda, no que diz respeito à questão de

uma potencial condominização, este trabalho bebe nas fontes de Cristina Patriota ao problematizar a utilização de conceitos e modelos construídos a partir de casos específicos para compreender outros processos também específicos. Como, por exemplo, comparar o caso da Fazenda Canadá com os condomínios de grandes cidades.

A proposta é utilizar o caso das “*gated communities*” e dos “condomínios” para pensar combinações de forças que, para além de serem atualizações locais de modelos globais ou casos à parte que têm valor intrínseco, rompam com dicotomias do estilo particular / universal ou unidade / diversidade, com as quais a antropologia tem lidado desde seus primórdios.

(Patriota, 2010, p. 210)

Vale ainda lembrarmos que, sim, grande parte do/as adquirentes de terras da Fazenda Canadá possui origens urbanas. Nasceram ou já moraram grande parte de suas vidas em grandes metrópoles no Brasil e afora. Este é um principais motivos que nos levaram ao diálogo com Gilberto Velho para nos apoiar neste enigma, pois é ele quem nos oferece alguns conceitos importantes que surgem quando se debruça sobre a vida nesses grandes espaços socioculturais que são as cidades.

O pano de fundo oferecido por Velho a partir do conceito de *campo de possibilidades* é perfeito para que a gente consiga olhar para a Fazenda Canadá a partir de suas formas de associação, onde jogam os *projetos dos indivíduos*, que produzem *assemblages*, dimensões socioculturais que estarão sempre em movimento, já que os elementos em ação são sempre os atores que efetuam as próprias transformações e, não simplesmente, servem de elos intermediários entre formas cristalizadas. Menos do que uma perspectiva totalizante que perde a visão das partes, a contribuição da etnografia é, conforme relembra Patriota (2010, p. 222), a capacidade de apresentar determinados processos sociais e acompanhar os atores. Neste trabalho busca-se, portanto, evidenciar o caráter não homogeneizante da designação conceitual dos fenômenos aqui apresentados.

A perspectiva construída neste trabalho busca afunilar a situação da Fazenda Canadá no contexto social de Cavalcante, buscando pensá-la como sendo um processo de combinações de fatores histórico-sociais transversais. A ideia é, portanto, construir uma perspectiva pela qual seja possível percebermos o mundo social da Fazenda sem a necessidade de recorrer a distinções ontológicas entre natureza e sociedade, agentes humanos e não-humanos, ou entre espaços de fluxo



e de lugar, acirramento da segregação urbana, etc. Conforme coloca Patriota (2010, p. 223), não se trata de negar a existência desses processos, claro, mas sim de pensar nas originalidades e diversidades de combinações possíveis que podem surgir em uma *assemblage* ecossocial.



Um exemplo visual de *assemblage*, por Wolf Vostell, "Ihr Kandidat", 1961

Nunca antes na história tantos indivíduos em tantos lugares foram afetados diariamente e tiveram a oportunidade de entrar em contato com sistemas de valores diferentes dos seus e dos seus próximos. Gilberto Velho, quando discorre sobre este assunto, afirma que essa seria mais uma tendência geral do que uma tentativa de generalização dogmática. Segundo ele, o que está em jogo é um processo histórico abrangente e a dinâmica das relações entre os sistemas culturais com repercussões na existência de indivíduos particulares (1994, p.31).

## 0.2 - Metodologia

Para compreender as possíveis repercussões existenciais desses sistemas socioculturais (Velho, 1994), entendi que seria necessário somar três diferentes formas de produção de dados: em campo, *online* e por meio de relatos da minha

própria vida profissional. Busco, assim, articular estas perspectivas e gerar dados com o enfoque principal na dimensão interativa sociocultural que surge na Fazenda, a partir de sua reorganização, que estamos chamando de *assemblage* (Patriota, 2010) de projetos de vida. A produção de dados, portanto, se deu em quatro esferas distintas:

1. Em campo, por meio de conversas e entrevistas com moradores locais e adquirentes que estabeleceram residência em Cavalcante.
2. Na exploração da bibliografia e de documentos oficiais em locais como o fórum do município e o cartório de registro de imóveis.
3. Na *internet* através de um formulário *online* padronizado, que foi apresentado aos moradores e adquirentes, e respondido por alguns dentre estes.
4. Em observações feitas nos serviços que realizei para a Reserva Natural Veredas dos Buritis.

Em campo, o trabalho consistiu em seis viagens curtas feitas ao longo de dois, quase três anos, ocorridas entre 2020 e 2022. Ao longo dessas viagens com objetivos profissionais, pessoais e acadêmicos, foram geradas informações por meio de observações diretas, anotações, entrevistas com os moradores locais e alguns adquirentes. Utilizou-se para tudo isso apenas um aparelho celular. O *smartphone* foi usado para fotografar, anotar, marcar locais em mapas, gravar entrevistas e, claro, possibilitar os encontros em Cavalcante. Estar em campo também possibilitou levantar dados no Fórum de Cavalcante e no Cartório de Registro de Imóveis, o que permitiu ter uma visão da cadeia possessória.

Também foi realizada uma pesquisa *online* com 39 adquirentes de porções da Fazenda, que responderam a um formulário que permitiu a análise de suas intenções expressas por meio das condutas organizadas em projetos, memórias e biografias (Velho, 1994). A produção desses dados foi importante para entender melhor as motivações, em escala de paisagem, dos adquirentes em comprar terras na Fazenda Canadá e como planejam utilizar essas áreas.

Foi possível, ainda, dar um *zoom* nessa *assemblage* por meio da minha própria vivência, o que permitiu olhar com maior precisão para como se dá a articulação das memórias com um projeto específico da Fazenda Canadá e este

com a própria realidade. Isso se deu a partir da minha própria atuação neste *campo de possibilidades* enquanto prestador de serviços de comunicação para um casal de adquirentes da Fazenda. Fato que nos permite conhecer mais de perto a iniciativa de André Aquino e Daniel Ferreira, da Reserva Natural Veredas dos Buritis. Eles transformaram a sua gleba de 84 hectares em uma reserva natural que possui o objetivo de conservar e restaurar a fauna e a flora locais, enquanto promovem a educação ambiental e articulação de parcerias.

### **0.2.1 - Estrutura deste TCC**

Tendo em mente que o objetivo geral do trabalho é compreender esse esboço de *assemblage* de projetos de vida na Fazenda Canadá a partir de seus processos interativos; e que este se dá a partir da articulação dos conceitos da Antropologia Urbana de Gilberto Velho (1994) e de Cristina Patriota (2010), o presente TCC se estrutura de forma a dar conta dos três objetivos específicos propostos:

1. Traçar a cadeia possessória da Fazenda Canadá;
2. Entender o perfil do/a adquirente de terras da Fazenda Canadá; e
3. Cruzar os dados gerados em diferentes frentes para obter uma visão panorâmica da *assemblage* de projetos de vida na Fazenda Canadá.

Neste trabalho temos cinco capítulos. O primeiro e presente capítulo é introdutório e visa apresentar o objeto construído para a pesquisa e as formas de produção de dados. O segundo capítulo dá dois passos atrás e busca fazer uma breve contextualização histórica da região de Cavalcante, desde o período da exploração aurífera para construir um pouco mais a noção de *assemblage* da Fazenda Canadá como sendo o resultado de vários processos transversais entre inúmeros sistemas culturais com repercussões na existência de indivíduos particulares.

Para isso, os trabalhos de Sebastião Fontenele, Luana de Lima e Danielli Jatobá sobre identidade e territorialidade Kalunga são fundamentais para o nosso trabalho, pois são eles que nos fornecem os termos organizacionais da situação colonial da Chapada dos Veadeiros. Também faço uso de dados produzidos por Sobrinho *et al.* e Luanna Ribeiro para somar no entendimento da questão territorial

do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e do turismo de natureza na microrregião.

Ainda no segundo capítulo, conheceremos a cadeia possessória da Fazenda, desde o começo do século 20 até a sua fragmentação. Neste sentido, também conheceremos a figura do Negão da ImobiSolo, o corretor de imóveis e a corretora de imóveis responsáveis pela venda da maior parte das glebas da Fazenda Canadá, até a sua conclusão em 2022. Tomaremos emprestado os conceitos de Gilberto Velho ao vermos de que forma a memória, a identidade e o projeto de Negão para Cavalcante se alinham com os acontecimentos da Fazenda Canadá. Também conheceremos brevemente a figura da Associação Águas de Santana, uma pessoa jurídica que representa o interesse de uma boa parcela desse/as adquirentes e que está diretamente ligada com a produção de dados para esse TCC. Dessa forma, teremos um pequeno panorama sobre a questão da posse da Fazenda Canadá, respondendo, assim, ao primeiro objetivo específico.

No terceiro capítulo, iremos aprofundar os conceitos de Velho ao olhar para os resultados obtidos em um levantamento com 39 dos 174 adquirentes da Fazenda Canadá presentes no grupo de WhatsApp da Associação Águas de Santana. Neste questionário padronizado, os adquirentes nos responderam sobre os seus locais de origem, *strata* sociais, receios e expectativas. Insumos que nos permitiram construir um objeto social passível de observação a partir das ferramentas etnográficas da Antropologia Urbana de Velho. Afinal, as próprias memórias que embasam os projetos implementados dentro do campo de possibilidades da Fazenda Canadá são pautadas nas vivências do mundo urbano. Afinal, é dali que se originaram as mentes hoje adquirentes de porções desse território rural.

A proposta do quarto capítulo é dar um *zoom* em um dos projetos da Fazenda Canadá. Isso irá nos permitir observar uma parte desta *assemblage* com maior resolução e se dará por meio de meus relatos pessoais enquanto prestador de serviços para um desses projetos. Veremos de que forma a memória de André Aquino e Daniel Ferreira se somam para culminar na maior gleba, em termos de área, dentro da Fazenda Canadá: a Reserva Natural Veredas dos Buritis. As duas escalas de observação de projetos: por meio do formulário *online* e por meio de relatos pessoais; se somam para nos dar uma visão tridimensional dessa *assemblage* de projetos de vida. Assim, espera-se responder ao segundo objetivo específico: evidenciar um perfil do adquirente médio de terras na Fazenda.

Por fim, a partir do cruzamento de informações para responder ao terceiro objetivo específico, percebi, ao longo da realização deste trabalho, que não cabia fazer nenhuma conclusão no sentido *stricto sensu* da palavra para o quinto capítulo. Entende-se, portanto, que cabe apenas uma reflexão do momento, que irá buscar articular os conceitos de Velho com a reflexão trazida por Cristina Patriota sobre a questão dos condomínios em Brasília e Goiânia, e o debate em torno das “*gated communities*”. Quem dará a conclusão final serão o/as próprios/as adquirentes ao longo do tempo.

# 1 - Conhecendo a Fazenda Canadá

## 1.1 - Do arraial de Cavalcante até a contemporaneidade

O arraial de Cavalcante, eventualmente elevado à categoria de freguesia no ano de 1759, era um povoamento que tinha o único objetivo de prestar suporte aos bandeirantes e garimpeiros estabelecidos na região. Sendo assim, recebeu também grandes contingentes de negros escravizados que vinham de outras províncias e serviam como mão de obra para obtenção de lucro por parte dos colonos. Conforme relata Sobrinho *et al.* (2016, p. 35), no auge da mineração do arraial de Cavalcante, havia cerca de nove mil escravos ali forçadamente estabelecidos.

Segundo relata a história, a fundição do ouro acontecia principalmente no arraial de São Félix, entretanto, por conta dos ataques constantes de indígenas no local, a fundição do metal precioso e uma parte considerável da população foram transferidos para a freguesia de Cavalcante, ainda no século 18, no ano de 1794 (Curado, 1886; Correio Oficial, 1920 apud Ribeiro 2020). Esta casa de fundição de ouro também acompanhou a decadência do ciclo econômico, sendo eventualmente extinta em 1806 por tornar-se deficitária.

Em paralelo às atividades que giravam em torno da extração de ouro, que já se encontrava em decadência no início do século 19, existiam os trabalhos nos engenhos e outras atividades intrínsecas à sustentação dos colonizadores. O povo negro escravizado, devido às más condições de trabalho, desumanização e do exarcebado sofrimento, fugiam dos seus contextos de servidão e adentravam as serras, onde por conta das características do relevo, poderia lhes conferir alguma independência e segurança, formando assim os primeiros quilombos da região.

[...] os quilombos começam em Goiás no século XVII com a fuga de escravos indígenas, mas o primeiro relato oficial data de 1727 e refere-se aos negros. Os quilombos do século XVIII eram, em sua maioria, escravos garimpeiros que continuaram com seus ofícios em áreas remotas. Eles trocavam ouro pelas mercadorias de que necessitavam para o seu sustento e, provavelmente, negociavam com contrabandistas mestiços acusados pelos portugueses de contrabandear ouro para a Bahia. Também viviam da caça e da pesca, coleta e de pequenos cultivos.

(Karasch apud Jatobá, 2002, p. 29)



- 1755 - Ocorre a instituição do Julgado<sup>1</sup> de Cavalcante, que passou a ser vinculado à comarca e município de Goiás.
- 1809 - Incorporado à nova comarca de São João das duas Barras, cujo território agregava os arraiais de Santa Rosa, Flores e Mato Grosso.
- 1831 - Elevado à categoria de vila, com a denominação de Cavalcante, e como distrito sede, o que foi formalizado em novembro de 1838.
- 1911 - Em nova divisão administrativa, foram agregados dois distritos: Moinho<sup>2</sup> e Nova Roma.
- 1920 - A partir de dados do recenseamento geral, o município aparece constituído de cinco distritos: Cavalcante, Lajes, Nova Roma, São Domingos do Café e Veadeiros.
- 1938 - Com a sanção do Decreto-Lei nº 557 de 30 de março, passou a se denominar Cafelândia o antigo distrito de São Domingos do Café, o distrito de Lajes foi extinto e seu território incorporado ao distrito sede do município de Cavalcante e Cafelândia.
- 1943 - O Distrito de Cafelândia começa a se chamar Araí e Nova Roma torna-se Guataçaba, sob o Decreto-Lei nº 8305 de dezembro.
- 1944 até 1948 - O município de Cavalcante passa a vigorar com os seguintes distritos: Cavalcante, Araí, Guataçaba e Veadeiros.
- 1949 - Sob a Lei Municipal nº 2 de janeiro, a sede do distrito de Araí foi transferida para Lajes, cuja denominação permaneceu. A partir da sanção da Lei Estadual nº 355 de novembro, o distrito de Guataçaba voltou a se denominar Nova Roma.
- 1950 - Cavalcante é constituído em quatro distritos: Cavalcante, Lajes, Nova Roma e Veadeiros.
- 1953 - A partir do decreto da Lei Estadual nº 808 de 12 de outubro, são desmembrados do município de Cavalcante os distritos de Veadeiros e Nova Roma, os quais formaram o município de Veadeiros (atual município de Alto Paraíso).
- 1955 - A partir da Lei Municipal nº 6 de agosto, o distrito de Lajes torna-se Colinas.

---

<sup>1</sup> Um território sobre o qual o juiz ordinário, ou juiz da terra, possui legitimidade para aplicação da lei.

<sup>2</sup> Segundo o IBGE, não há registros sobre o desaparecimento do distrito de Moinho.



- 1968 - A partir da Lei Estadual nº 7.042 de junho, é criado o distrito de Teresina de Goiás, e seus territórios incorporados ao município de Cavalcante.
- 1987 - A partir do decreto da Lei Estadual nº 10.403 de dezembro, desmembra-se do município de Cavalcante o distrito de Colinas, tornando-se o atual município de Colinas do Sul.
- 1988 - Com a promulgação da Lei Estadual nº 10.449 de janeiro, o distrito de Teresina de Goiás também é separado de Cavalcante, tornando-se um novo município.



Outros tempos em Goiás, s.d., Cavalcante - GO. Foto: *nomen nescio* / Acervo: M. A. F. da Silva

A primeira menção ao nome Chapada dos Viadeiros, aparece em uma carta corográfica de 1836, com a marcação de uma estrada que levaria até Viadeiro, muito provavelmente a sede da fazenda que depois veio a originar a cidade de Alto Paraíso, nome advindo de uma outra fazenda e adotado em 15 de outubro de 1963 com a promulgação da Lei Estadual nº 4.685. Este nome, Viadeiros, surge em homenagem aos cães que eram utilizados nas expedições de caça dos *Ozotoceros*

*bezoarticus*, conhecidos popularmente como Veado-campeiro (Ribeiro, 2020). Antes desta carta corográfica de 1836, a região estava nomeada como Serra dos Montes Claros, posicionada à direita do rio Preto e do rio Claro, passando na parte sul pelo rio Tocantins; em mapas mais antigos ainda, há apenas a menção à Chapada de São Félix, localizada à noroeste de Cavalcante (Ribeiro 2020).

Sebastião Fontenele (2019), quando inicia o seu debate sobre as condições que sacralizam a territorialidade Kalunga, põe que, de certa forma, o território para um povo sempre foi e é sagrado, pois é nele em que se dá todos os tipos de relação: o ser humano com o solo, e ligado a ele o trabalho, a família com o Estado, que atribui direitos e obrigações, a família entre si, que mantém relação de respeito e de ética.

Fontenele ainda nos relembra que o Povo Kalunga não conquistou o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, de mais de 253 mil hectares espalhados pelos Cerrados dos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, por meio de guerras. Mas sim, pelas condições históricas de sua luta contra a barbárie da escravidão e pela competência do Estado democrático de direito, que por meio da jurisprudência estabelecida na constituição de 1988, lhes outorgou uma porção de terras que outrora havia servido como eficaz esconderijo para àqueles que fugiam das condições desumanizantes impostas à força pela escravidão.

Esta outorga aconteceu de fato no ano de 1991, quando o Território Kalunga foi reconhecido pela Lei Complementar do Estado de Goiás nº 11.409-91<sup>3</sup>, que previa em seu texto, os limites da área do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural, titulando o território em favor exclusivamente dos Kalunga, provendo o direito ao uso das terras por parte de seus habitantes, bem como a desapropriação de posseiros ali já estabelecidos (de Lima, 2012).

---

<sup>3</sup> A lei Estadual nº 11.409/91 foi subsidiada por estudos e pela construção de um mapa da região dos Kalunga feito pela equipe do Projeto Kalunga Povo da Terra da Universidade Federal de Goiás e adotado pelo extinto IDAGO (Instituto de Desenvolvimento Agrário de Goiás), que sancionou o direito à primeira titulação de terras aos Kalunga. Foi posteriormente ratificada pela Lei Complementar 19/1995. (Baiocchi, 2006 apud de Lima, 2012)



Ipê-rosa na frente de uma residência Kalunga, julho de 2021, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

O território do Povo Kalunga é famoso por ser uma das maiores áreas de Cerrado permanentemente conservado, por suas belezas cênicas e espetaculares cachoeiras, que vêm ganhando cada vez mais notoriedade nacional em círculos de turistas e socioambientalistas. A territorialidade agrária e a relação humana com ele estabelecida dentro do Sítio Kalunga, é um dos elementos-chave para entendermos a proteção do meio ambiente contra os efeitos maléficos do agronegócio e da exploração predatória de garimpo, proteção esta, promovida por meio da cultura africana na microrregião da Chapada dos Veadeiros (França, 2019).

Além da própria existência do território, da cosmologia e do Povo Kalunga, sendo estes elementos absolutamente indissociáveis uns dos outros, as feridas do período escravagista continuam muito evidentes para quem caminha por Cavalcante com um olhar atento, apesar de ser uma cidade que não faz questão de conservar a sua história. Repetindo o feito em outros locais Brasil afora (como na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo), onde é preferível enterrar ou derrubar a história recente enquanto maquia-se o discurso como "progresso" ou "modernização".

Algumas dessas feridas abertas do período escravagista tornaram-se, na contemporaneidade, atrativas para o crescente complexo turístico da microrregião

da Chapada dos Veadeiros. Hoje em dia, sob a propriedade da Pousada Veredas (propriedade vizinha à Fazenda Canadá), a chamada Trilha dos Escravos é apenas o fragmento de um antigo caminho que era utilizado pelas pessoas em situação de escravidão e seus captores bandeirantes na época da exploração do mineral em Cavalcante e em outras várias regiões mais ao norte da capitania de Goyaz.

Sebastião Fontenele também virou os seus olhos brevemente para a Trilha dos Escravos, que era um caminho que ligava Cavalcante ao Arraial dos Couros, atual cidade de Formosa. Durante sua expedição para conhecer esse fragmento do caminho, foi acompanhado de um guia local, o senhor Daniel Ângelo Dal Col, que relatou algumas das atrocidades cometidas contra os negros escravizados ao longo do caminho (França, 2019).



Placa sinalizadora da Pousada Veredas, s.d., Cavalcante - GO. Foto: A. Cecilia

Além do escoamento do ouro, que circulava por essa trilha, os negros levavam seus produtos agrícolas para Formosa - GO, como por exemplo, farinha de mandioca, feijão, dentre outros, e, também, couro de animais, os quais trocavam por sal, enxadas, tecidos e outras ferramentas para o uso em suas atividades domésticas.

(França, 2019, p. 148)

Outra evidência tangível deste período escravagista é preservada por Odecy Cupertino de Alvarenga, popularmente conhecido na região pelo apelido de Negão. Seu Odecy, o Negão, é o proprietário da Reserva Particular do Patrimônio Natural Varanda da Serra e uma figura chave para a fragmentação da Fazenda Canadá. A RPPN Varanda da Serra foi criada em 2004 por José Luiz de Lima Ramalho, o Sr. Zico, que, com a ajuda da Fundação Pró-Natureza (Funatura), oficializou a titulação da RPPN em 1.43 hectares dentro dos 4.33 hectares totais da propriedade. Segundo o Sr. Zico, as suas principais motivações para a criação da Reserva eram conservar a nascente e o córrego existentes na propriedade, para poder posteriormente trabalhar com ecoturismo, feito nunca realizado por Zico, mas continuado por Odecy (de Lima, 2012).

Estive presente em duas ocasiões diferentes na Varanda da Serra. A primeira (enquanto hóspede) se deu em julho de 2021, quando fiz a cobertura do seminário de planificação para a criação da Rede de Monitoria Participativa da Fauna na Chapada dos Veadeiros, uma iniciativa de proprietários de terras da região ligados à conservação, em parceria com a Fundação Pró-Natureza e a Universidade de Brasília. Na minha segunda visita à Varanda da Serra, ocorrida em dezembro de 2021, durante uma excursão dedicada exclusivamente ao levantamento de dados para esta pesquisa, tive a oportunidade de conversar mais extensamente com o Sr. Odecy, o Negão, momento em que ele me apresentou um pouco da sua história de vida e algumas de suas iniciativas e ideias para fortalecer a conservação do Cerrado e da história de Cavalcante.

Uma dessas iniciativas - e evidência do período escravagista do passado recente - está conservada sob os cuidados de Negão na Varanda da Serra, onde passa a trilha Caminho da Anta ao Destino do Descanso da Onça. Negão relatou para mim nesta ocasião que esse rego-d'água foi construído à mão pelos escravos que talharam as pedras apenas com picaretas e a própria força. Segundo ele, o rego tinha o propósito de canalizar as águas do córrego Varanda até as imediações do centro urbano de Cavalcante, onde servia para apoiar a extração de ouro nas lavras ali localizadas.



Antigo rego-d'água construído por escravos e conservado por Negão em sua propriedade, a Varanda da Serra, dezembro de 2021, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

Negão me informou que o rego-d'água é aparente dessa forma apenas em sua propriedade, porque ele faz um manejo voluntário para a conservação desta estrutura. Também me relatou que a partir de informações passadas por pessoas de idade avançada, é sabido que o rego corta várias outras propriedades descendo a serra (inclusive passando próximo da Fazenda Canadá) e está enterrado sob várias camadas de solo e edificações.



Percurso do rego-d'água dentro da Varanda da Serra. Imagem: C. E. Rodrigues

Infelizmente, grande parte do patrimônio histórico e cultural que diz respeito ao período colonial de Cavalcante continua enterrado, escondido, ou foi demolido nas últimas décadas. As construções mais antigas podem ser identificadas por meio de algumas características, como a grossura das paredes, a disposição das janelas e das portas, a ausência de muros e as telhas “feitas nas coxas”, muitas, surpreendentemente, ainda cobrindo várias das casas no centro da cidade. As edificações hoje presentes no centro de Cavalcante podem ser divididas em cinco categorias, de acordo com minhas observações:

- As abandonadas, que resistem à incansável força do tempo.
- As que conservaram as características originais do imóvel.
- As reformadas que mantiveram as características originais do imóvel.
- As reformadas que descaracterizaram os imóveis.
- Novas edificações.



A proprietária do estabelecimento Armazém Grão do Cerrado manteve as características originais do antigo casarão colonial que antigamente pertencia à Maria Angélica, uma das pessoas mais ricas da cidade, detentora de ouro em abundância e vários escravos, dezembro de 2021, Cavalcante - GO.

Foto: C. E. Rodrigues

Há quem caminhe pelo centro urbano e simplesmente não consiga apontar para as evidências do passado colonial dessa cidade que vive na aurora de mais um ciclo socioeconômico: o chamado turismo de natureza. Mas também pudera: não há memoriais, um museu, ou uma placa informativa sequer nessa cidade tão antiga quanto o próprio Estado. Talvez o elemento mais revelador, neste sentido, seja a ausência da antiga igreja de Sant'Anna na praça mais antiga da cidade. Atualmente presente apenas na memória dos mais velhos e em pouquíssimas fotografias, a igreja foi demolida algumas décadas atrás e os seus bens de valor inestimável foram leiloados. A nova igreja da cidade em nada remete às edificações tradicionais das cidades coloniais de Goiás, como Pirenópolis, mais se parecendo com uma construção qualquer do século 20, feita de alvenaria contemporânea com um forro de policloreto de polivinila sem personalidade alguma.





Detalhes da pintura no teto da igreja de Sant'Anna, meados de 1955, Cavalcante - GO. Foto: IPHAN



Interior da igreja construída no século 20, dezembro de 2021, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

Apesar da generalizada falta de recursos e apoio técnico qualificado, do abandono e do descaso com o patrimônio histórico e cultural por parte do poder

público, há aqueles da sociedade civil que resistem, garantindo a perpetuidade da memória coletiva, para que ela também não seja perdida para o incansável tempo.

Tive a oportunidade de conhecer a partir do Negão, durante um dos sábados culturais<sup>4</sup>, uma das guardiãs da memória de Cavalcante, a dona Maria Alice Ferreira da Silva, que foi quem me gentilmente cedeu algumas das fotografias antigas deste capítulo. Com números de telefone celular trocados na noite de um sábado cultural, marcamos de nos encontrar pessoalmente dois dias depois do nosso contato inicial com o objetivo de aprofundar um pouco mais nossa conversa. O ponto de encontro combinado era em sua morada, na Rua Direita, localizada a aproximadamente 400 metros da praça principal da cidade, a praça Diogo Teles Cavalcante.

Alice e o seu filho adolescente habitam uma antiga casa colonial reformada. Conforme ela mesma me relatou, a propriedade já funcionou até como escola e está em posse de sua família há muitas e muitas décadas. Fez questão de apontar para a grossura das paredes como uma forma de atestar para a veracidade de suas falas anteriores sobre a idade da edificação.

Enquanto tomávamos um cafezinho durante a tarde e nos deliciávamos com biscoitos salgados e doces, ambos feitos seguindo à risca as receitas da sua família, dona Alice me contextualizou sobre a ausência da antiga igreja de Sant'Anna, sobre algumas polêmicas da cidade e sobre o contexto das imagens em sua posse.

Olha, a igreja, tenho até a foto para te mostrar [...] Ó aqui a foto do altar dela, tá bem velhinha, mas dá pra você ver. O teto dela era trabalhado todo em ouro, igual aquelas igrejas de Minas, sabe? Aí em 1960 veio um padre holandês pra cá, mas acontece que o povo só condena ele, eu não acho que é só ele. Todo ano quando chovia, chovia muito mais do que agora, viu? Então, todo ano, a parede do fundo caía, por causa do peso das telhas, e ele procurou recurso, ele foi até no Rio de Janeiro [...] e disseram que não tinha recurso. E a comunidade, eu falo que a comunidade foi muito parada, porque podia todo mundo ter se unido e ter feito alguma coisa, né? Porque ele conseguiu uma verba para construir outra, que a Holanda deu, mas não para reformar, apenas para construir outra. Aí, ele construiu a que tem hoje né, perto do Morro Encantado. Por três meses ele mandou carta pedindo por ajuda e tudo. Quando o governo teve aqui ele pediu. O governo falou que não tinha condição, que era melhor desmanchar. Foi um crime né? Eu e um primo meu tamo atrás pra saber onde tã as coisa dela, né, porque na época o padre vendeu baratinho, sabe? Prum tal de José da Nóbrega. Ele vinha, saiu daqui com um caminhão cheio das coisas. Era uma igreja muito bonita.

(Maria Alice Ferreira da Silva, 2021)

---

<sup>4</sup> Sábado Cultural é um evento promovido desde 2017 por voluntários e que atualmente conta com o apoio da prefeitura para a realização de atividades culturais, como: feiras, cinema ao ar livre, festejos, teatro, circo, exposições e gastronomia.

Agravando essa situação de falta de memória sobre a história da cidade, é o fato do município estar perdendo uma óbvia oportunidade de arrecadação bem à frente de seus olhos, já que poderia beneficiar-se, e muito, com a construção de museus e a criação de uma identidade de Cavalcante enquanto parte da história viva do país, assim como se faz em cidades coloniais como Ouro Preto, Diamantina, Goiás Velho, Pirenópolis, Petrópolis, Olinda e outras Brasil afora.



Centro de Cavalcante, s.d., Cavalcante - GO. Foto: *nomen nescio* / Acervo: M. A. F. da Silva

Criar, cuidar e potencializar estes atrativos culturais, para além dos naturais, já existentes espalhados pela área do município, traria inúmeros benefícios para a comunidade local. A construção dessa identidade histórica, certamente, traria um maior fluxo de pesquisa para a cidade, além de que criaria mais atrativos diferenciados, como uma forma de incentivo para que turistas passem mais tempo por ali, tendo em vista que hoje em dia é muito comum vários turistas apenas passarem brevemente por Cavalcante, com as hospedagens e o dinheiro ficando majoritariamente em Alto Paraíso. Se feita uma boa gestão desse enorme potencial sociocultural e econômico, os benefícios a serem colhidos poderiam ser revertidos

em educação de qualidade, saúde pública e infraestrutura, campos que infelizmente são negligenciados no município que possui o menor IDH de todo Goiás.

Atualmente, os principais atrativos do município para os turistas são as suas formações naturais, as cachoeiras de águas límpidas, a presença e o turismo de natureza no território Kalunga, gerido por estes, e sua vida caracteristicamente bucólica. Após a reampliação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros no ano de 2017, o município de Cavalcante, até então relativamente esquecido, entrou definitivamente para o radar do complexo turístico da microrregião da Chapada dos Veadeiros.

As promessas de abertura de um portão norte do PNCV parecem estar cada vez mais próximas de se concretizarem. Segundo João Lino, Secretário de Turismo e Meio Ambiente de Cavalcante, a prefeitura está focada em fazer acontecer a abertura do novo portão. A expectativa é que a entrada norte do Parque Nacional esteja localizada na Fazenda Mundo Novo, onde está a cachoeira Santana.



Centro urbano de Cavalcante (alfinete amarelo), a cachoeira de Santana (alfinete azul) e os limites da Fazenda Canadá (em vermelho). Imagem: C. E. Rodrigues

A abertura do portão norte do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros intensificará um contexto que podemos observar já estar em movimento e em

contínua aceleração. Trabalhos que estão diretamente ou indiretamente ligados à agropecuária e ao garimpo, atividades degradadoras do meio ambiente, vêm sendo gradativamente substituídos por atividades ligadas ao turismo, o que é bastante positivo numa perspectiva da manutenção dos serviços ecossistêmicos na região. Mas esta nova onda também não chega sem as suas problemáticas próprias. Nas últimas décadas, algumas das mudanças provocadas pelo turismo de natureza praticado na Chapada dos Veadeiros também estão contribuindo para a degradação de certos recursos naturais e alterações culturais substanciais (Filho, 2007).

Cavalcante possui uma história longa. Bem maior, inclusive, do que o que está colocado nesta pesquisa. O importante para nós é o entendimento de que a própria noção de territorialidade da região está intrinsecamente ligada ao e é moldada pelo processo colonizatório do interior do país e as suas eventuais repercussões.

Entende-se que o fracionamento da Fazenda Canadá, ao acompanhar esse processo de mudança no paradigma econômico da microrregião da Chapada dos Veadeiros em direção ao fortalecimento do turismo de natureza, torna-se mais um elemento da composição de questões transversais sociohistóricas que culminam na *assemblage* de hoje.

## 1.2 - Sobre a Fazenda Canadá

*O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia.*

- Guimarães Rosa



Entrada da antiga sede da Fazenda, dezembro de 2021, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

São de particular interesse para entender o passado recente da Fazenda Canadá, as Certidões de Inteiro Teor das Matrículas 3.280 e 5.777 do Cartório de Registros de Cavalcante. O primeiro registro da cadeia dominial de posse do imóvel no século 20 está sob a matrícula número 3.280 de 9 de fevereiro de 1937, em que é formalizada a compra da propriedade rural pela quantia de 400\$000 (quatrocentos

mil réis). A transação foi firmada entre o adquirente das glebas, Joaquim Ferreira de Freitas, com compra feita à Joaquim Freire dos Santos, Lindolfo Ferreira Freire, Leopoldo Ferreira Freire, Felipe Freire dos Santos, Napoleão Ferreira Freire e Antenor Ferreira Freire.

O segundo registro da cadeia dominial do imóvel rural acontece ainda sob a matrícula nº 3.280, 47 anos depois, na data de 30 de janeiro de 1984. É a partir deste momento que a Fazenda Canadá torna-se responsabilidade de Marco Aurélio Cayres, no ato da compra feita à Joaquim Ferreira de Freitas pelo montante de Cr\$40.000.000,00 (quarenta milhões de cruzeiros).

Já o último registro conhecido de compra e venda da Fazenda Canadá até o início de seu fracionamento em meados dos anos 10 do século 21, está oficializado na inscrição sob a matrícula nº 5.777 e firmou-se em 30 de janeiro de 1997, quando a Fazenda Canadá é adquirida por José Antônio de Almeida por compra feita à Marco Aurélio Cayres por um valor em reais ainda desconhecido. O documento original encontra-se rasgado na parte do valor, deixando como informação visível apenas as casas das centenas e decimais do montante total: “Pelo preço certo e (rasgado), duzentos e cinquenta reais”.



Certidões de Inteiro Teor da Matrícula com a cadeia possessória do imóvel “Fazenda Canadá”, sob as matrículas números 3.280 e 5.777. Fonte: Cartório de Registros de Cavalcante Goiás

Vale notar que a Fazenda Canadá está há pelo menos quase quatro décadas sob a propriedade de indivíduos que não são naturais de Cavalcante, tendo em vista que os senhores José Antônio e Marco Cayres possuem como residência

relatada o Estado de São Paulo, vivendo nas cidades de Sorocaba e São Bernardo do Campo, respectivamente.

No registro AV-2 sob a matrícula 5.777 no Livro 2-K, folha 280, a Fazenda Canadá ganha um georreferenciamento. Está registrado no memorial descritivo de primeiro de dezembro de 1991 como um loteamento único. A área total em termos oficiais, entretanto, é um enigma:

[...] Goiânia, 01 de Dezembro de 1.991. a) Juscelino de Souza- CREA (rasgado) 1.887/TD. O referido é verdade e Dou fé. Cavalcante, 13.de Fevereiro de 1997. (totalizando a área ora (rasgado). (a) Vera Lucia Ferreira Gomes. Sub-Oficial.

(Certidão de Inteiro Teor da Matrícula, 2020)

Em 22 de agosto de 2002 procedeu-se aos termos que firmaram uma relação de servidão perpétua para a passagem de linhas de transmissão e telefônicas dentro dos limites da Fazenda:

AV-3-5.777 - Livro 2-L, fls.210vº - Procede- se esta averbação nos termos do Contrato Particular de Constituição de Constituição de Servidão que entre si fazem JOSÉ ANTÔNIO DE ALMEIDA, brasileiro, casado, comerciante, [...] e sua mulher Creuza Rodrigues Souza Almeida, brasileira, comerciante, [...], residentes e domiciliados na Av. Atavuvu, Nº1091, Casa Vila Carol, Sorocaba/SP, como outorgantes; e como outorgada, TRANSMISSORA SUDESTE NORDESTE - TSN; Que o outorgantes são legítimos proprietários do imóvel denominado como FAZENDA CANADÁ, com a área de 5.076,0840 hás, situado neste município e que pelo presente constitui em favor da outorgada sobre o imóvel acima descrito, servidão perpétua para passagem de linhas de transmissão e telefônicas auxiliares, bem como de implantação de torres e postes e ainda servidão de passagem para acesso a faixa das referidas linhas de transmissão na área de 18,0538 há. Dou fé. Cavalcante, 22/02/2002. (a) Rosana Alcântara Gomes. Oficial.

(Certidão de Inteiro Teor da Matrícula, 2020)

Este registro é bastante importante por contar com a descrição da área total do imóvel, que coloca a Fazenda Canadá com detentora de uma área de mais de cinco mil e setenta e seis hectares, o que, ao olharmos mais atentamente para os dados apresentados até agora, não aparenta ser muito condizente com a realidade. Tenhamos em mente que o registro mais antigo que possuímos registra essa porção de terra como tendo seiscentos alqueires goianos, algo que gira em torno de pouco mais de dois mil e novecentos hectares.

Este enigma é reforçado ainda mais por alguns fatores, como, por exemplo, a modalidade *ad corpus*<sup>5</sup> tomada como condição para a última transação financeira conhecida pré-fracionamento: o ato da compra da Fazenda Canadá por José Antônio de Almeida feita à Marco Aurélio Cayre. O registro R-8-3.280 do Livro 2-g, folha 50, afirma:

Que no entanto, apesar de nos títulos descritos na matrícula que originou este registros constarem medições e mensões de área exata, não podem os vendedores afirmarem a sua exatidão, e por esta razão fica estabelecida a condição "Ad - Corpus".

(Certidão de Inteiro Teor da Matrícula, 2020)

Há ainda a presença nesta Certidão de Inteiro Teor da Matrícula, de duas informações que são as repercussões de uma aparente disputa judicial sobre uma área de 50 alqueires goianos, entre as propriedades de Juscelino de Souza, parte executora, e a Fazenda Canadá sob propriedade de seu Marco Cayres, parte ré. Os registros R-9-3.280 e AV-10-3.280 do Livro 2-K, folhas 274 e 279, respectivamente afirmam que:

R-9-3.280 - Livro 2-K, fls.274º - Nos termos do Auto de Arresto, assinado pelo Oficial de Justiça desta cidade, Raimundo Portela Barbosa Neto, do seguinte teor Aos nove dias do mês de Dezembro do ano de Hum Mil e Novecentos e Noventa e Seis (1996), nesta cidade de Cavalcante, Estado de Goiás, em cumprimento ao mandado retro, extraído dos Autos de Execução movida por Justino de Sousa, contra Marco Aurélio Cayres, e aí após formalidade legais, procede o Arresto dos bens do executado acima mencionado a saber: Inicia-se na divisa da cerca do Dr. Othgamis Neri do Carmo, à margem direita do Córrego São Bartolomeu, daí segue Córrego São Bartolomeu abaixo até a estrada da usina; daí pela cerca da divisa com os paulistas no sentido da serra fechando na cerca do Dr. Neri onde de a área de 50 alqueires goianos, destacada de uma área maior de 600 alqueires, devidamente registrada no Cartório de Registro de Imóveis desta Cidade de Cavalcante, Estado de Goiás, no Livro 2-C do Registro Geral. Do que para constar lavrei o presente termo que vai devidamente assinado por mim, de oficial de Justiça. Raimundo Portela Barbosa Neto - Oficial de Justiça. O referido é verdade e dou fé. Cavalcante, 09 de Dezembro de 1.996. Sub-Oficial.

(Certidão de Inteiro Teor da Matrícula, 2020)

---

<sup>5</sup> *Ad corpus* é uma condição na qual as dimensões do imóvel são mencionadas apenas de forma expositiva, e portanto, não há possibilidade de reclamação em relação à área. Presume-se que o comprador do imóvel está ciente da sua extensão e dimensão, tendo pago o preço com base no que viu e conheceu. (Jusbrasil)



No ano de 1997 a disputa pelos cinquenta alqueires nas beiras do Rio São Bartolomeu ganha uma nova repercussão e o seu fechamento: a causa toma como valor Cr\$ 887.049,05 (oitocentos e oitenta e sete mil e quarenta e nove cruzeiros, e cinco centavos) e procede-se à execução do cancelamento do Auto de Arresto de Bens expedido no ano anterior.

Somando-se ao enigma sobre a verdadeira área total da Fazenda Canadá, o documento intitulado “Instrumento Particular de Cessão de Direitos Possessórios” que registra uma área de aproximadamente 524 alqueires goianos, ou cerca de 2.537 hectares para a Fazenda Canadá. O documento datado de 2021 registra a ocasião onde o Sr. José Antônio de Almeida (Jacozito) “cede” uma gleba<sup>6</sup> de quatro hectares destacada da sua propriedade em favor da Associação Águas de Santana. Esta gleba coletiva de quatro hectares abriga a cachoeira São Bartolomeu, uma área crítica para a manutenção dos recursos ecossistêmicos da região e dos interesses socioeconômicos dos adquirentes do território.

Com base nas informações obtidas de forma independente através do arquivo KML, é possível concluir que a área efetivamente parcelada da Fazenda Canadá é de 728.68 hectares, excluindo a sobreposição de 82.65 hectares com parte da superfície do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Embora a origem exata do arquivo seja incerta, as informações contidas nele fornecem alguma concretude em relação à área da fazenda.

Diante dos vários registros anteriores com definições diferentes ou ausentes sobre a área da Fazenda Canadá, é importante ressaltar que o levantamento realizado com o arquivo KML certamente não representa com exatidão a extensão da Fazenda. Para uma definição precisa, seria necessário *plotar* novamente o mapa georreferenciado conforme os azimutes presentes na matrícula do imóvel. Dessa forma, é fundamental considerar que as informações obtidas a partir do arquivo KML são uma referência inicial, mas não devem ser tomadas como definitivas em relação à área da Fazenda Canadá.

---

<sup>6</sup> A “gleba coletiva”, que é onde fica a cachoeira São Bartolomeu, possui até estatuto próprio.



Área em sobreposição da Serra de Sant'Anna (em azul) entre a Fazenda Canadá (em vermelho) e o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (em verde). Imagem: C. E. Rodrigues

Apesar da Fazenda Canadá ser uma terra sem escritura, contendo apenas documentos que registram o título de posse, essa característica não foi um grande impeditivo para a realização do parcelamento e venda de sub-glebas no território. Corria desde 11 de dezembro de 1986 no Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, o processo da Ação Discriminatória de Cavalcante, Teresina de Goiás e Colinas do Sul. A sentença final que decreta como terra devoluta as áreas ali demarcadas, estando entre elas incluída a Fazenda Canadá, foi proferida em janeiro de 2015 pelo então juiz Eduardo Tavares dos Reis, quase trinta anos depois. Este processo, que culminou na delimitação das terras devolutas, colocava em jogo a possibilidade de regularização dessas terras já ocupadas há muito tempo.

A Fazenda Canadá transformou-se ao longo do século 20 em uma área de pastagem e criação de gado. Ao longo das décadas, tal atividade foi feita de maneira intensa, muitas vezes predatória e sem muito planejamento, o que acabou causando o secamento de nascentes, veredas e campos úmidos, na compactação do solo, na morte da vegetação nativa, no espalhamento de capim exótico e no aparecimento de enormes erosões - marcas pronunciadas no solo até hoje, que agora ficam sob a responsabilidade dos novos moradores do território.



Cocho se perdendo em meio ao capim, dezembro de 2021, Faz. Canadá - GO. Foto: C. E. Rodrigues

Caminhando pela Fazenda Canadá, não é incomum encontrar antigos cochos abandonados que quase se perdem de vista em meio ao capim exótico, que cresce sem grandes impedimentos, já que o rebanho que o mantivera sob controle foi retirado da região e várias das chácaras já começaram a ser, ou estão, cercadas. Durante os períodos de seca, esse capim pode ser um problema se for permitido crescer à revelia, tornando-se um excelente combustível para as queimadas que tendem a se tornar mais frequentes. Acidentes podem acontecer e vários moradores da Fazenda e a própria Associação Águas de Santana fazem parcerias com a BRIVAC para a realização de aceiros, queimadas controladas e outras medidas que visam diminuir as chances do fogo se espalhar.

Atualmente, a Fazenda encontra-se atravessando uma revolução na lógica do uso da sua terra, deixando de ser uma unidade sob a posse de apenas um único proprietário para se tornar uma espécie de *assemblage* que contém mais de 100 módulos rurais sob a propriedade de diferentes pessoas e/ou grupos. Essa movimentação de ocupação das glebas é vista com alguma preocupação por uma parcela da população vizinha, pois há uma expectativa de que a Fazenda torne-se um novo bairro de Cavalcante, ou até mesmo, uma espécie de condomínio de luxo. Porém, será que esse fenômeno poderia ser mesmo encarado como um processo de urbanização propriamente dito, ou há algo mais para olharmos atentamente?

### 1.3 - A figura do Sr. Odecy na Fazenda Canadá



Seu Odecy (apelidado de Negão) em um mirante dentro de sua RPPN, chamada Varanda da Serra, dezembro de 2021, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

É seguro presumir que Negão seja uma das pessoas mais presentes no que diz respeito à construção da reorganização territorial da Fazenda Canadá para os anos que estão por vir, afinal, além da mera relação de compra e venda, seu Odecy relata que faz do seu ofício enquanto corretor de imóveis uma forma de apoiar, de alguma maneira, a conservação e a proteção do Cerrado de Cavalcante. Segundo o próprio, ele busca realizar as vendas de terras apenas para aquelas pessoas que possam espírito de conservação e a intenção de proteger o território que compram.



ImobiSolo é o empreendimento de Negão, responsável por ofertar e fechar as vendas dos parcelamentos da Fazenda Canadá e outros imóveis rurais e urbanos, dezembro de 2021, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

Seu Odecy conta que nasceu e foi criado no Vale do Catingueiro, onde dividia uma vida simples com os seus pais e nove irmãos e irmãs. A região do Vale do Catingueiro é um dos locais mais tradicionais de Cavalcante e localiza-se na estrada de terra que vai em direção a Colinas do Sul, beirando o Parque Nacional. Caracterizada pela presença da fitofisionomia de Cerradão, a região já foi bem mais habitada no passado, contando inclusive com antigas edificações, cemitérios e vilas abandonadas. Hoje a região encontra-se praticamente despovoada.

Eu achava que tinha que ajudar nas tarefas de casa, ajudar com comida em casa, né? Foi quando comecei a pescar e caçar sozinho. Aí, trazia peixe pra

casa, que eu achava que a mesa tinha que ser com fartura, com carne né. Essa história foi um período bem grande. Eu ia pras matas pegar bicho, caçar [...]. Depois com o tempo, graças a Deus que eu fui vendo, que foi quando eu vim pra Cavalcante. eu fui ver que não tinha mais necessidade essa história. Parei foi (de caçar) com 20 anos.

(Odecy Cupertino de Alvarenga, 2021)



Vista para o Catingueiro a partir do mirante próximo ao atrativo da Ponte de Pedra (o Parque Nacional está à esquerda desta foto), julho de 2022, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

Negão relata que por volta dos 20 anos de idade para frente, depois de ter decidido parar de caçar, começou a procurar conhecer mais sobre a fauna nativa do Cerrado e formulou uma nova visão acerca desta:

Depois [...] dessa idade, eu fui tendo conhecimento com a cultura, com a história de animais e ver os animais com outros olhos. E aí comecei a defender a natureza e comecei a ir pedindo oportunidades para a espiritualidade que eu ia reverter aquele quadro, né, de quantos animais eu matei, quantos animais eu vou proteger né, tá entendendo? E assim, foi aparecendo muitas oportunidades para que eu pudesse aprender com essa história, de ver o bicho com outros olhos. E aí eu senti, que quando eu saía com a espingarda na mão, eu não via animais [...] e quando eu saía sem arma na mão, os animais apareciam. [...] aí eu fui entendendo que eles ficavam, como fala? Eles tinham o poder com eles, que eles podiam ficar invisível sobre o caçador, né. Aí se ele olhasse pra você e visse que você não ia fazer mal a ele, ele podia aparecer. [...] Aí fui descobrindo também que quanto mais você protege os animais silvestres, mais a onça ela tem comida. Se ela tem comida, ela não vai comer a sua comida. Com o tempo eu tive uma oportunidade, em uma roça que eu tinha, descobri que a onça se tiver bastante animal silvestre, ela não tem necessidade de comer nem um bezerro nem um cavalo.

(Odecy Cupertino de Alvarenga, 2021)

Seu Odecy é um contador de histórias. Entre um gole de café e outro em meio a uma cozinha em um Cerrado próximo à RPPN Varanda da Serra, foi possível compreender um pouco mais sobre as suas memórias e de que maneira elas se conectam com a sua vida como corretor de imóveis, figura-chave no parcelamento da Fazenda Canadá. O passado humilde no Catingueiro e as suas vivências como caçador são elementos da identidade de Negão do presente, elementos que carrega consigo e são fonte para suas tomadas de decisão no dia-a-dia:

[...] o Catingueiro tem muita história [...]. Histórias da natureza, história de seres, ali é protegido por seres que habitam. Histórias sobre as montanhas, aquele lugar é diferente né. Tem lugar que não deve ser destruído, lugar que não deve fazer nada, tem que proteger, não adianta a pessoa querer chegar e só ir, porque ali é diferente. Acho que Deus, a espiritualidade, o universo, me colocou no lugar certo, na hora certa. Hoje eu me considero um guardião do Catingueiro. E qualquer coisa (ruim) que vier a acontecer ali me abala muito. Eu sonho muito ali né, sonho muito com o Catingueiro, tenho muito transporte<sup>7</sup> no Catingueiro, né, direto, direto, direto.

(Odecy Cupertino de Alvarenga, 2021)

Aproveitei o papo da ocasião para perguntar quais eram as ações tangíveis que Negão tomava para efetivamente proteger o Vale do Catingueiro:

Hoje a minha preocupação é o Catingueiro né, quando eu conseguir fechar o ciclo Catingueiro, me aliviei mais, Catingueiro tá protegido. [...] eu comecei com um casal, a gente fechou uma área imensa, de mais ou menos uns 600 alqueires, do rio pra cá. [...] Então hoje tem (impacto) mínimo, as pessoas que tão lá hoje não vão deixar entrar outras pessoas diferentes do que eles pensam né. Quando você pega um imóvel, uma área de terras que você bota algum ambientalista, ele geralmente não vai vender pra um cara né... você pressente a pessoa que vai cuidar, a pessoa vai ter o mesmo carinho né, afinidade. Então ali eu me sinto seguro, como se diz? Eu entreguei uma criança para a pessoa cuidar, adotar né, entendeu? Ali é como se fosse um pedacinho que você vai cuidar.

(Odecy Cupertino de Alvarenga, 2021)

Dá para perceber que Negão, a partir das relações de compra e venda, se sente responsável pelo futuro daquelas terras ali. Ele as insere no centro dos seus projetos, construídos a partir dos laços afetivos que surgem em sua memória. O seu ofício e a memória com o território estão interconectados na e com a Fazenda Canadá.

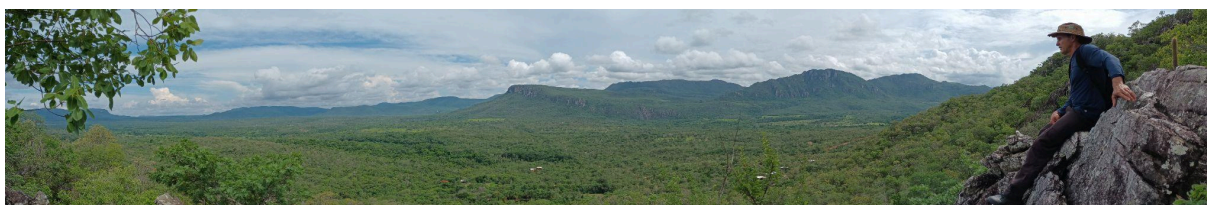
---

<sup>7</sup> No espiritismo, o fenômeno de transporte consiste da introdução ou retirada de objetos materiais de um recinto através da ação invisível dos Espíritos

Como um nativo de Cavalcante e conhecedor de muitas histórias locais, aproveitei para perguntar para ele sobre as lacunas nos registros de posse pré século XX, nos documentos que vimos há pouco. Eu queria era saber o que sabia Negão sobre o passado do território da Fazenda Canadá:

Antigamente era, a maior parte era desse senhorzinho, essa área toda aqui, esse senhorzinho da Fazenda Canadá, ele era dono dessa região quase toda. Depois quando entrou esse negócio de (inaudível) prefeitura, aí virou área dela. Era tudo área da prefeitura, aí a prefeitura fez lotes e eu fui vendendo pras pessoas<sup>8</sup>. Antes era fazenda bem antiga, fazenda de escravos. Naquela época não tinha escritura né, as pessoas faziam domínio de pedra, de morro pra morro que me pertence. Então daquela serra, daquele pico pra cá é de fulano, se entrar morria. A cerca era a bala.

(Odecy Cupertino de Alvarenga, 2021)



Cavalcante e suas serras, dezembro de 2021, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

A Fazenda Canadá e o Catingueiro, assim como os museus, os institutos históricos, os monumentos, as casas de cultura e tantos outros, têm o propósito de serem lugares de memória e manterem aceso um senso de pertencimento e um determinado vínculo identitário (Nora, 1984). No caso de seu Odecy, a manutenção do antigo rego d'água em sua propriedade, a escolha de seus clientes e suas demais ideias para a revitalização do patrimônio histórico de Cavalcante podem ser entendidas como evidências e expressões de um esforço para conservar a identidade e manter um senso de autenticidade naquilo que é relatado oralmente e constitutivo de suas memórias, histórias que foram passadas de geração em geração e que fazem parte da sua própria formação enquanto pessoa:

De certa forma, a busca do controle sobre a memória institui uma identidade para o agente social nela envolvido, no sentido de gerar um lugar dentro de uma rede específica de circularidade e fluxo. Então, a princípio, participar

---

<sup>8</sup> Acredita-se que possa ter ocorrido a partir de um desdobramento da ação das terras devolutas na região. Não há clareza se foi um acordo realizado entre o antigo proprietário da Fazenda Canadá e a prefeitura, que posteriormente teria entrado em contato com Negão. Essa parte do história é um pouco nebulosa e o Negão não pareceu muito disponível para falar sobre o assunto na ocasião onde nos encontramos.



como agente neste processo de construção de memórias é um processo comunicacional por excelência, pois coloca o emissor das mensagens dentro de uma rede de fluxos de informação que lhe confere identidade como participante desta rede. Existe, portanto, uma intensa relação entre a memória como processo coletivo de construção do passado a partir de demandas do presente e a conferência de identidades sociais para aqueles que estão envolvidos em tal processo.

(Pollak, 1992, p. 205)

Gilberto Velho soma às dimensões da memória e da identidade, a noção de projeto, tomando como ponto de partida a definição de Schutz, sendo o projeto uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Segundo Velho, se a memória permite uma visão em retrospecto mais ou menos organizada de uma trajetória de vida, o projeto é justamente a antecipação para o futuro dessa biografia, na medida em que busca, por meio do estabelecimento de objetivos e marcos, a organização dos meios pelos quais estes serão atingidos. Ele diz que “projeto e memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade” (Velho, 1994).

## 2 - Chegantes da Fazenda Canadá

### 2.1 - Campo de Possibilidades, Memória, Identidade e Projeto

O cenário está posto: um mundo gigante, altamente complexo, cheio de interações entre grupos diferentes (nem sempre das mais amistosas), onde vivem os **indivíduos**, com as suas próprias vontades, medos, costumes, tradições e projetos, **projetos** estes que são construídos e reconfigurados em um contínuo processo de reafirmação e resgate da **memória** daquele/a mesmo/a que cria e implementa o projeto. E do que se trata o tal **campo de possibilidades**? No nosso caso, a própria *assemblage* de projetos de vida da Fazenda Canadá.

O campo de possibilidades, segundo as palavras de Gilberto Velho, é uma dimensão sociocultural, um verdadeiro espaço para a formulação e a implementação de projetos; ou seja, os conceitos aqui apresentados, quando relacionados uns aos outros, apoiam a análise de trajetórias e biografias enquanto expressões de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades.

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um *campo de possibilidades*. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de *projetos* diferentes, até contraditórios. Suas pertinência e relevância serão definidas contextualmente.

(Velho, 1994, p. 37)

Em poucas palavras, o campo de possibilidades é aquilo que se apresenta para o indivíduo a partir de processos sociohistóricos amplos que estão sujeitos aos olhares interpretativos e subjetivos da sociedade. Trata-se de algo que é dado, mas que passa, ao mesmo tempo, por ressignificações constantes, evocando o potencial de metamorfose do indivíduo.

Ainda segundo Velho (1994, p. 38), as trajetórias individuais se materializam a partir da delimitação de projetos com objetivos específicos. Contudo, a viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e da interação com outros projetos, sejam eles de caráter individual ou coletivo.



Um marco na Fazenda Canadá, uma das evidências de sua fragmentação, 2021, Cavalcante - GO.

Foto: C. E. Rodrigues

A Fazenda Canadá é um cenário especialmente fértil para observarmos a interação desses diferentes conceitos na prática; justamente por ser uma fazenda recentemente fracionada, com interesses econômicos e pessoais impressos nas aquisições de suas porções de terra. Não é um exercício imaginativo muito delirante pensar que há o florescimento de tensões que poderiam ser explicadas justamente por conta da complexidade e heterogeneidade da sociedade contemporânea, que se dão a partir da interação entre estas diferentes facetas existenciais.

Antes de mergulharmos nos projetos de vidas dos adquirentes, gostaria de compartilhar previamente com o leitor, um pequeno excerto de uma conversa que aconteceu no grupo de WhatsApp da Associação Águas de Santana, que, entre muitas outras, se destaca justamente por evocar aquele sentido de interação entre os projetos de vidas desses adquirentes de porções do território e a própria noção de territorialidade da Fazenda Canadá:

**Vice Pres. da Associação - 10/11/2022 / 13:32**

Boa tarde pessoas 🌻🌻

Há um tempo me pergunto sobre os motivos e inspirações que levaram os antigos proprietários dessa fazenda a nomeá-la de Canadá?! E hoje me pergunto... se ela agora foi fracionada e existem novos proprietários com perspectivas e desejos diferentes, que mostram uma vontade de estar na Chapada se conectando com o Cerrado, vivendo e aprendendo nesse espaço, porque não batizamos esse lugar com um novo nome? Que sentido faz se chamar antiga fazenda Canadá?! Qual a relação que esse nome faz com a cidade, com o Cerrado, com o maior território quilombola da América Latina, com a cultura local e essência da Chapada dos Veadeiros?! Nesse sentido, pergunto a vocês sobre o que acham de propormos e estudarmos um novo nome para esse nosso querido e amado espaço.

—

**Adquirente 1 - \_ / 13:40**

Tarde!!!!

Sugestões para um novo nome?

—

**Vice Pres. da Associação - \_ / 13:48**

Tarde!!!!

Sugestões para um novo nome?

Podemos começar agora 😊

Ainda estou elaborando um

—

**Adquirente 2 - \_ / 13:49**

Águas de Santana

---

**Adquirente 3 - \_ / 13:49**

Águas de Santana

hahahaha ia sugerir exatamente o mesmo

---

**Vice Pres. da Associação - \_ / 13:54**

Águas de Santana

Águas de Santana é o nome da Associação. A ideia é colocar um nome do espaço mesmo 😊

---

**Adquirente 4 - \_ / 13:58**

Ótima ideia

---

[...]

---

**Adquirente 5 - \_ / 16:46**

Águas de Santana é o nome da Associação. A ideia é colocar um nome do espaço mesmo 😊

Terras de Santana? rs

Apesar que acho OK colocar Águas de Santana no espaço tbm...

---

**Adquirente 4 - \_ / 16:46**

Cheguei quase por último... mas por que o Santana?

Apenas uma curiosidade

---

**Pres. da Associação - \_ / 16:48**

Cheguei quase por último...mas por que o Santana?

A serra de Santana é a que rodeia. Santana é padroeira de Cavalcante, de Goiás e do Canadá:)

---

**Adquirente 6 - \_ / 16:57**

E por que motivo não podemos colocar o nome do espaço, da fazenda, com o mesmo nome da Associação? Por mim poderia ser: FAZENDA ÁGUAS DE SANTANA

---

**Adquirente 5 - \_ / 17:02**

Águas de Santana é o nome da Associação. A ideia é colocar um nome do espaço mesmo 😊

Indo nessa linha, acho que Setor de Chácaras Águas de Santana talvez faça mais sentido

---

**Eu - \_ / 17:03**

Fascinante esse debate sobre o nome! Hehe

---

**Adquirente 7 - \_ / 17:03**

Pra que esse nome ?

Hahaha

---

**Adquirente 5 - \_ / 17:06**

Pra que esse nome ?

Acho que pra batizar com um nome que faça sentido para as pessoas que estão começando a ocupar esse espaço

—

**Adquirente 7 - \_ / 17:07**

Mas cada lote tem um nome.

—

**Adquirente 5 - \_ / 17:09 - 17:20**

Mas até que ponto vale mudarmos o grande nome já instaurado "Fazenda Canada"? que querendo ou não faz parte da história do local. Eu particularmente acho válido continuar chamando de "antiga Fazenda Canadá", soa até como um alívio após uma má nostalgia

[...]

Sobre o nome "antiga Fazenda Canadá", me parece que é amplamente difundido na cidade, o Sr. João, por exemplo, cresceu na "Fazenda Canadá" junto de outros amigos, esse foi um lugar que fez parte da história dele, e acredito que da história de outros moradores ali também. Quando me perguntam onde que é minha terrinha eu falo "lá depois da pousada Araras, Perto do rio São Bartolomeu" as pessoas ficam confusas ainda , daí quando falo "lá na antiga Fazenda Canadá" as pessoas já sacam e sabem onde é. Voltando ao ponto, acho super válido o questionamento, por outro lado não acho que tudo deva ter uma relação direta a um propósito alinhado com os desejos das pessoas que estão ocupando um determinado local. Não vejo que isso é o suficiente para que um nome seja modificado... Vejo que o nome atual carrega uma história, que sim está relacionada ao espaço que faz parte de uma parte da Chapada dos Veadeiros, não é a toa que é tão utilizada atualmente

—

**Adquirente 8 - \_ / 17:20**

Acho super válido e realmente quando falamos antiga Fazenda Canadá todos sabem. Mas como tudo muda no mundo e universo, acho que o que todo o conjunto de pessoas que adquiriram la, em grande maioria quer dar um novo propósito para a área que antes era pasto. Agora como mudarmos, ainda dando validade para as experiências aqui já vividas?

—

**Adquirente 5 - \_ / 17:22**

Em resumo, falando agora a minha opinião, não acho que devemos modificar o nome "antiga Fazenda Canadá", porque isso apagaria um rastro da história já vivida ali. Alguém tem o contato do Jacozito<sup>9</sup> aí pra perguntar pra ele pq escolheram o nome Fazenda Canadá? Hahaha

—

**Adquirente 9 - \_ / 17:24**

O nome é anterior ao Jacozito. O dono era um farmacêutico da cidade, vindo do sul (SP, eu acho), e que achava o Canadá um lugar lindo. Chegou, viu a terra e sua beleza e quis homenagear com esse nome. Foi isso o que aprendi.

---

<sup>9</sup> Apelido do Sr. José Antônio de Almeida, último proprietário da Fazenda Canadá.

---

**Adquirente 8 - \_ / 17:24**

em resumo, falando agora a minha opinião, não acho que devemos modificar o nome "antiga Fazenda Canadá", pq isso apagaria um rastro da história já vivida ali Mas as histórias ali vividas também tem a ver com pastagem e destruição. Já vi comentários de pessoas falando que é chatice do pessoal não querer por pasto. Porque antes lá era tudo pasto

---

[...]

---

**Adquirente 10 - \_ / 17:26**

E mesmo se mudarem o nome as pessoas sempre vão falar na antiga Fazenda Canadá.

---

**Adquirente 8 - \_ / 17:26**

Então ainda acho que fazenda Canadá tem ainda estigmatizado um lugar de gado

---

[...]

---

**Adquirente 9 - \_ / 17:30**

Eu acho bonito rebatizar com um nome que não seja Fazenda e que implique esse cuidado com a regeneração da terra, que foi como eu fui apresentada às pessoas que estavam na área e o que me atraiu a chegar junto. Não implica em apagar história, até porque pode virar "Nome X (Antiga Fazenda Canadá). Até porque a Fazenda Canadá é maior que a área que foi dividida, né?

---

**Adquirente 8 - \_ / 17:40**

Hoje como morador de Cavalcante, eu vejo que as pessoas ainda falam dela como fazenda, e também super gostaria de um nome novo que não tivesse essa referência. Até pela proposta das pessoas que moram por lá e do que queremos para o lugar. Visando mesmo no futuro e o que pode ser novo. Lá um dia pode virar um bairro rural dado as proporções de chácaras e pessoas que tem posse lá, não gostaria de morar no bairro Canadá. hahaha prefiro algum nome voltado às novas práticas que vão ser desenvolvidas.

---

**Vice Pres. da Associação - \_ / 17:49**

Trocar o nome não vai mudar a história do local ou suas subjetividades. A ideia é colocar um nome que tenha haver com esse local, com o Cerrado, com a chapada, com a água, com toda essa nossa riqueza. Se a fazenda foi batizada com esse nome "Canadá", me desculpem mas essa história não é minha e muito menos vejo ela se alinhar com esse espaço. Acredito que tudo é dinâmico e mutável. O Brasil mesmo já teve vários outros nomes até chegar nesse atual. 😊 Mudar faz parte dos processos e junto com ele nasce uma nova história e um novo começo. 🌱🦋

---

**Pres. da Associação - \_ / 17:51 - 18:02**

Não é fazenda mas outro nome para essa espécie de distrito (não oficial)  
Fazenda Canadá só restará a sede porque ela será totalmente vendida.

Sede = casa do Sr. Almeida/Jacozito

[...]

Para referenciar essa área, atualmente trato como:

Parcelamentos da Fazenda Canadá

Setor respectivo (o meu é o Parna)

Vejo que no futuro esses setores serão bairros de chácaras, as vizinhanças vão criar suas dinâmicas e espaços de convivência ou organização.

A região atravessando o rio São Bartolomeu é limítrofe ao Parque Nacional e ao Rio de Pedras pode ser chamado de "Parcelamento de algo" ou Águas de Santana ou outra coisa.

Imagino que seremos um distrito como um povoado ou comunidade em termos de dimensão ou ocupação populacional.

Alô Geógrafos(as) e urbanistas, cadê vcs??

Eu acho Fazenda Canadá um nome bem feio e sem conexão alguma conosco.

Eu usaria Águas de Santana

Foi um nome votado por muitas pessoas que se importam em cuidar coletivamente dessa região

E com ou sem associação é um nome que tem muitos mais conexão com a geografia e boniteza do lugar

Outro lance, já vejo que a subdivisão em setores pela imobiliária, às vezes já nem condiz com a dinâmica de ocupação, tem vizinhos de parte do PARNA que tem muito mais relação com parte do Rio de Pedras 2.

São nomes e divisões compulsórias...

Colocar um termo novo para nomear uma grande área é uma escolha possível e aqueles que residem aqui em Cavalcante sentem uma necessidade de mudança para tentar alinhar com a imagem e propósito que a maioria aqui parece intencionada.

Referenciar a uma região natural, renovada, turística..

Setor de chácaras Águas de Santana

Me parece bom

Essa conversa é uma das muitas que buscam delinear um projeto de futuro para o território da Fazenda. São ideias e proposições frutos de memórias e projetos individuais que surgem e são jogadas ali no grupo de WhatsApp para dialogar com a realidade - naquele espaço que é nada mais nada menos do que uma extensão do campo de possibilidades da Fazenda, tendo em vista que o que é decidido ali pode ter repercussões bastante táteis no mundo real.

### **2.1.1 - Indivíduo sujeito, aquele que faz *projetos***

Voltando às noções centrais de Gilberto Velho para esta pesquisa, podemos perceber exatamente aquilo a que ele se referia sobre a noção de biografia ser um

elemento absolutamente fundamental dentro de uma sociedade onde predomina a ideologia individualista, tendo a trajetória individual um significado crucial como um elemento constituidor da própria sociedade em si. A memória do indivíduo é o elemento socialmente relevante. Os marcos que caracterizam o indivíduo sujeito dentro de uma trajetória de vida são constantemente enfatizados:

Carreira, biografia e trajetória constituem noções que fazem sentido a partir da eleição lenta e progressiva que transforma o indivíduo biológico em valor básico da sociedade ocidental moderna. [...] A memória tem um significado fundamental nesse processo. O inconsciente freudiano, a repressão, as associações, assim como as escolhas e opções a nível individual constituem a matéria-prima de toda uma vertente mais do que expressiva da produção e do consumo intelectuais contemporâneos.

(Velho, 1994, p. 85)

Para entender os projetos individuais da *assemblage* da Fazenda Canadá era preciso entender quem eram aquelas pessoas que haviam depositado ali alguma expectativa. A forma mais eficiente de se fazer isso com um grande número de pessoas foi por meio de um formulário eletrônico.

A ideia era até simples. Gostaria que a maior quantidade possível de pessoas respondesse ao formulário, assim eu teria, pelo menos, como traçar algumas tendências e, possivelmente, verificar se estas existiam de fato. A meta era produzir um formulário que não fosse longo e chato o bastante para que as pessoas desistissem de respondê-lo, mas que também não fosse demasiadamente simples e esvaziado de sentido, pois eu precisava saber, justamente, qual era a consistência daqueles projetos.

Vale lembrar que essa pequena amostra de pessoas certamente não abrange todos os adquirentes de porções da Fazenda Canadá, mas representa, isso sim, uma parcela considerável de pessoas já envolvidas com atividades na região, de uma forma ou de outra, e que se mostraram disponíveis a colaborar no entendimento do processo de ocupação recente daquela região. Os motivos que levaram cada uma a tomar a decisão de preencher o formulário e algumas até a se interessar pelo porquê disso, podem ser muitos, desde curiosidade sobre quem são os seus vizinhos ou a região em si, à vontade de apoiar um estudante ralando, ou mesmo como uma forma de externalizar possíveis indagações e colocar os seus projetos em jogo.



## 2.1.2 - Indivíduo sujeito socioeconômico

Pois bem, o que será que a voz dos adquirentes da Fazenda Canadá e seus projetos podem nos dizer sobre a malha social que se constrói naquela área? Todas as 174 pessoas presentes no grupo de WhatsApp da Associação Águas de Santana foram convidadas para participar do questionário. De todas essas, 39 demonstraram interesse e responderam o formulário do início ao fim:

Foram 21 mulheres respondendo, 16 homens e duas pessoas não-binárias. O grupo etário mais expressivo é composto por 20 indivíduos que possuíam entre 35 e 44 anos, 12 entre 45 a 54, seis entre 25 a 34 e uma pessoa entre 55 e 64.

A maioria dos adquirentes são heterossexuais, com uma parcela menor, mas ainda expressiva, de LGBTs. Quando observamos os dados sobre a questão de raça, vemos uma maioria branca: 24 pessoas se identificaram como brancas, 11 pardas, 3 negras e um amarela.

No campo sobre qual a religião da pessoa, optei por deixar um espaço para escrever, pois sabia que nesta pergunta estaria uma das primeiras pistas para entender o indivíduo sujeito feitor de projeto. Conforme coloca Velho, as religiões e credos são um rico universo de representações e relações sociais:

*As experiências sociais* devem ser entendidas não só como as variáveis externas ao fenômeno religioso propriamente dito, como a classe, a etnia, a origem regional, a ocupação, a trajetória etc., mas também compreendidas como aquelas que definem e demarcam a religião em si mesma como experiência sociocultural e produtora de significados.

(Velho, 1994, p. 45)

Nesta etapa, foram 12 pessoas que, ou não responderam, ou se consideram agnósticas, atéias ou não seguem nenhuma religião. Das que seguem algum credo e se sentiram confortáveis de se abrir com a pesquisa, 3 são cristãs, 3 participam de religiões de matriz africana, 1 budista, 1 politeísta, 1 espírita e o restante está dividido em opções que afirmam seguir algum tipo de espiritualidade independente.

A adesão “vigorosa e militante” a uma determinada ordem de valores, religiosa em sua essência, ou não, pode ser provisória ou vitalícia. Lembremos sempre que há toda uma trajetória que culmina nessa resposta e que continua após ela. O próprio ceticismo, ou a ausência de vontade de integrar um meio religioso,

pode ser entendido como uma resposta à fragmentação e descontinuidade característica da sociedade contemporânea (Velho 1994, p. 84).

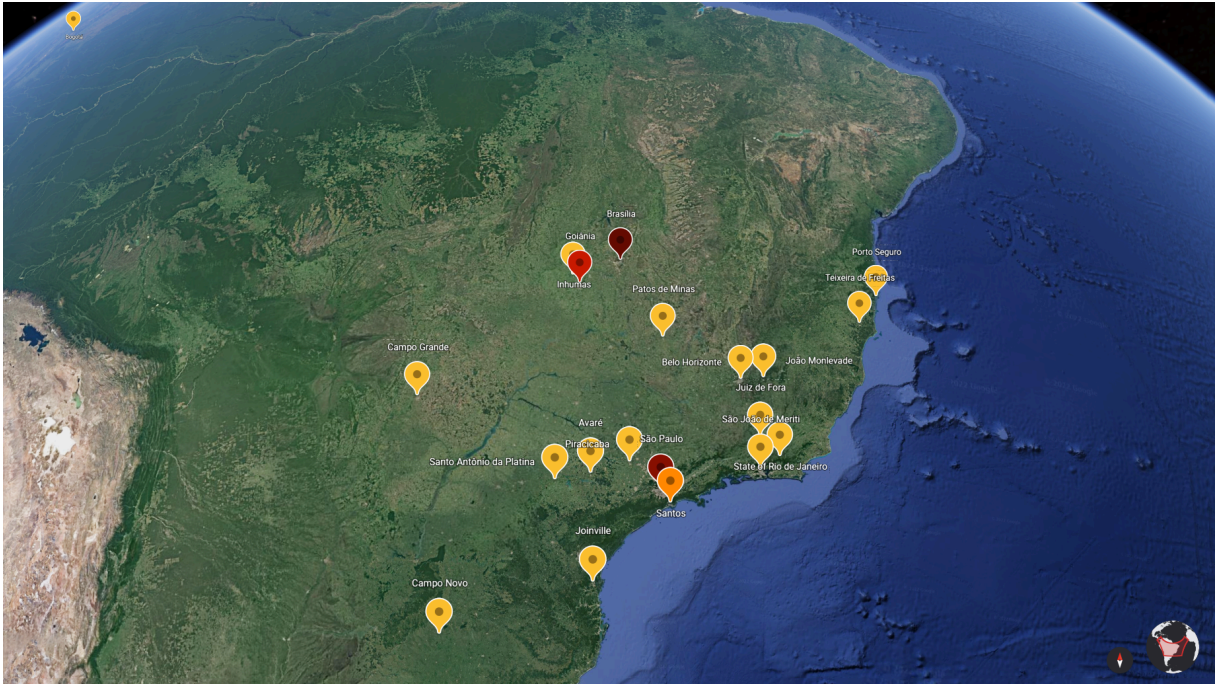
Evidentemente que é praticamente impossível e seria, na verdade, até errado tirar conclusões precipitadas das trajetórias das pessoas a partir, puramente do nome das suas religiões. Limite-me, então, ao entendimento englobante de que há aqui certa disparidade com o que se espera para o padrão brasileiro, que é uma maioria cristã. Parte das respostas são marcadas por grande diversidade, seja pelo tom da resposta, desde um simples “não”, até “Centro-Oeste”, ou mesmo, “Não sou praticante de nenhuma religião, apesar de ter sido educado em um lar espírita/kardecista. Minha religião é Deus e a natureza.” Evidencia-se, a partir do quadro geral, que há uma parcela considerável de pessoas que buscam algum tipo de crescimento espiritual, ainda que seja impossível colocá-lo em uma caixinha.

No caso das sociedades complexas modernas, essas características assumem outras proporções e significados. A multiplicação e a fragmentação de domínios, associadas a variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em cheque e sujeita a alterações drásticas. O trânsito intenso e freqüente entre domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores, produtores de e produzidos por escalas de valores e ideologias individualistas constitutivas da vida moderna. Essa situação, como já percebia Simmel no início do século, é particularmente aguda nas metrópoles. Mas o desenvolvimento da comunicação de massas e dos processos globalizadores expande e generaliza essa problemática.

(Velho, 1994, p. 35)

Impossível falar de trajetória individual sem citar os caminhos percorridos no espaço-tempo: de onde é, onde está e para onde vai. Entender quais são as raízes de uma pessoa, mesmo que a grosso-modo, nos permite apontar para um provável tipo de socialização que ela possa ter recebido durante os anos iniciais de sua vida.

Todos os adquirentes que responderam ao formulário nasceram longe de Cavalcante: um colombiano de Bogotá e o restante todos brasileiros, a maior parte de Brasília, 11 pessoas, seguido por São Paulo com 6 pessoas, depois 4 de Goiânia e o restante espalhado pelo sudeste, sul e nordeste.



Cidades natais de 39 pessoas que compararam terra na Fazenda Canadá.

Ao longo da vida muito pode acontecer. Os caminhos percorridos podem nos levar aos lugares mais inesperados. Apenas nove indivíduos permanecem residindo em suas cidades natais, já os outros 30 se mudaram em algum momento de suas vidas. Apesar da maior parte das pessoas morarem atualmente em Brasília (17), é legal perceber que 11 destas nasceram em outras cidades. Os que atualmente moram em Cavalcante (9) compõem o segundo maior grupo de adquirentes, logo seguido por São Paulo (5). O restante das pessoas que moram no Brasil estão em Goiás, Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Norte. Outras 3 pessoas moram no exterior: em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos e em Jakarta, na Indonésia. É notável a grande mobilidade geográfica dos proprietários de parcelas da Fazenda Canadá.

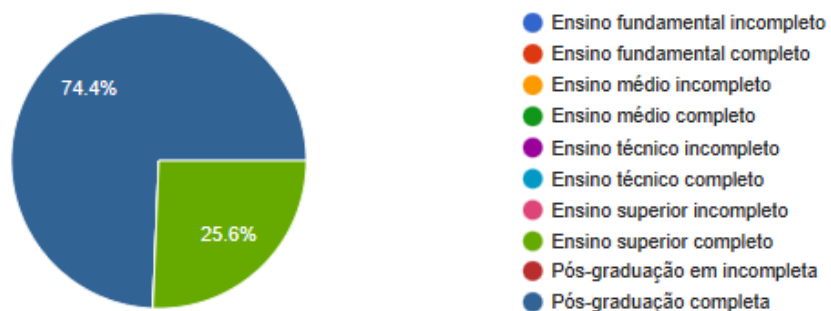


Cidades atuais destas mesmas 39 pessoas que compararam terra na Fazenda Canadá.

Outra informação significativa sobre a trajetória individual se revela quando olhamos para o nível de escolaridade dos nossos adquirentes: todos aqueles que responderam possuem, pelo menos, nível superior completo. Tirando os 10 com “apenas” a graduação, são 29 indivíduos que completaram algum tipo de pós.

### Nível educacional

39 responses



A partir de anos investidos na educação, é possível pensar que existe uma carreira construída a partir dessa qualificação, seja de forma direta, exercendo o que

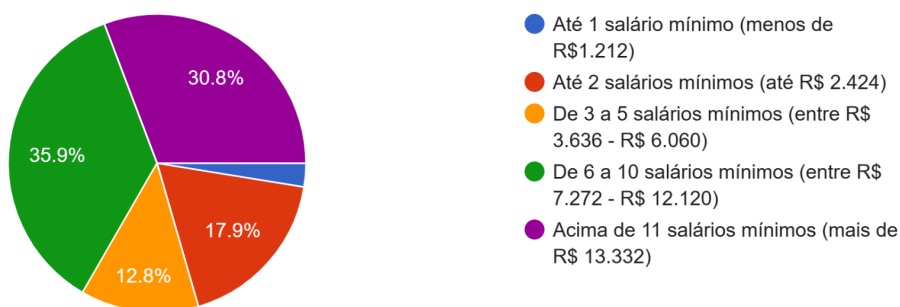
se estudou, ou de forma indireta, a partir de estudos e qualificações outras. Isso se comprova, se olharmos as formações e conseqüentemente, as carreiras.

A grande maioria dessas pessoas são formadas em alguma *STEM* (sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia e matemática), algumas seguem a carreira acadêmica, outras não. Do total, são 5 pessoas formadas em direito (uma delas com dupla graduação também em jornalismo), 4 em ciências biológicas, 4 em ciências sociais, 4 em comunicação ou jornalismo, 3 em relações internacionais, 2 em economia, 2 em psicologia, 2 em geografia, 2 em turismo e o restante inclui designers, gestores ambientais, professores, engenheiros, profissionais da saúde e profissionais da tecnologia.

Comprar um terreno rural não é algo que está ao alcance de grande parte do povo brasileiro, infelizmente. Se considerarmos as respostas recebidas até aqui, é de se esperar que a renda pessoal mensal esteja condizente com o perfil e a classe social da pessoa. Vamos às informações:

Qual é a sua renda pessoal mensal?

39 responses



Podemos inferir a partir da situação que nos é apresentada que a maioria das pessoas vive em uma situação confortável financeiramente e está localizada nos estratos superiores da pirâmide social brasileira. São 12 indivíduos que recebem acima de 11 salários mínimos mensais, 14 na faixa entre 6 a 10 salários, 5 na faixa entre 3 a 5, 7 recebendo até dois salários e uma pessoa recebendo menos do que um salário mínimo. E onde trabalham, então, o/as adquirentes? Aqui, podemos traçar algumas considerações: são, em sua maioria, pessoas que desempenham

serviços altamente qualificados e em escritórios, ou, como chamam os norte-americanos, trabalhos de “colarinho branco”.

Essas pessoas trabalham no terceiro setor, em diferentes âmbitos do Estado, em organismos multilaterais, ou em grandes bancos. Alguns nomes de instituições financeiras de peso apareceram na Fazenda: Banco Mundial, Itaú e Banco do Brasil. Ainda, a parcela de pessoas que trabalha nos altos escalões do Estado é bastante expressiva: temos adquirentes no Governo Federal, nos Ministérios da Cidadania, da Saúde, das Relações Exteriores, no Superior Tribunal de Justiça e no Tesouro Nacional.

Uma parte das pessoas também trabalha em instituições privadas sem fins lucrativos, o chamado “terceiro setor”: Fundo Brasileiro para a Biodiversidade, Global Alliance for the Future of Food, Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, Instituto de Pesquisa do Risco Comportamental e Fundo Social ELAS. Também temos funcionários de universidades públicas: acadêmicos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e na Universidade de Brasília.

Há ainda os que trabalham de forma independente, os que não possuem um local fixo de trabalho, os que não especificaram um local e aqueles que desempenham serviços na iniciativa privada ou em empresas públicas. Nesse sentido, temos adquirentes que trabalham na Agência Nacional de Energia Elétrica, Hunger Station, Prefeitura de Cavalcante, Sussa Ecoturismo, UPIS Faculdades Integradas, La Haus, Airbnb, “Clínica”, “Empresa de Telecomunicação”, “Serviço Público”.

Do restante, oito se afirmaram como autônomos. Cinco não especificaram o trabalho e as outras três que sobram trabalham com: facilitação de Biodanza, consultoria ambiental e uma pessoa que afirmou possuir vários ofícios: doula, parteira, terapeuta em ginecologia autônoma, erveira e raizeira. De todas as 39 pessoas, apenas uma está desempregada.

O pano de fundo para que os projetos possam ser colocados em jogo está colocado. É possível traçar algumas linhas paralelas, delineando o perfil dos adquirentes: este/as novo/as proprietário/as de terras em Cavalcante ainda são bastante jovens e estão em plena idade de trabalho, possuem, em sua maioria, posições importantes em organizações e instituições, públicas e privadas nas grandes cidades, com um elevado poder aquisitivo, se comparado à média

brasileira, uma boa qualidade de vida e alta capacidade de acesso à informação e a ambientes de tomada de decisão.

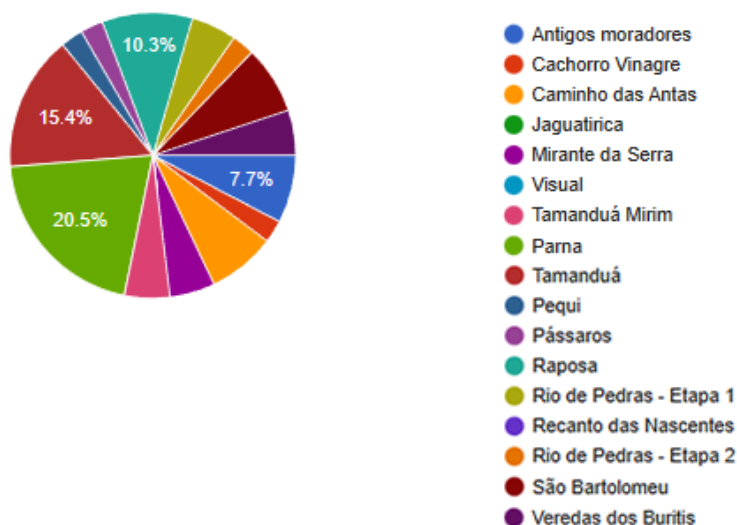
Levando esses dados sobre os contextos sócio-históricos, econômicos e demográficos em consideração, agora é o momento para buscar entender como se relacionam estes novos proprietários de terras com o território da Fazenda Canadá propriamente dito. Onde estão as suas glebas, o que pretendem fazer com elas, quais os seus anseios, etc. Em poucas palavras, começaremos a entender um pouco melhor o escopo geral dos projetos que esse pessoal pretende implementar neste campo de possibilidades.

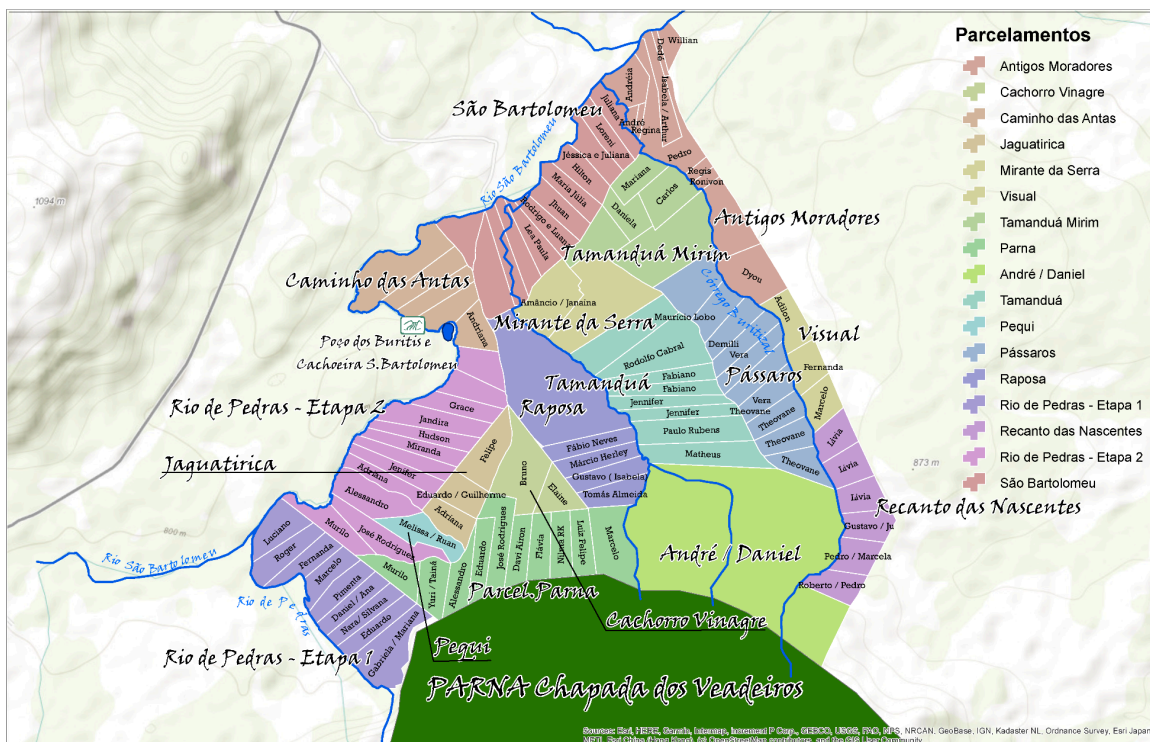
### 2.1.3 - Indivíduo sujeito inserido na Fazenda Canadá

A organização dos limites das propriedades dentro da Fazenda Canadá está conforme o estabelecido pela ImobiSolo, a imobiliária de Negão. A divisão se dá assim: dentro da Fazenda, são ao todo 17 parcelamentos, e dentro de cada um dos parcelamentos, existem várias glebas, que são os terrenos propriamente ditos. A única exceção, neste caso, é o parcelamento de gleba única da Veredas dos Buritis, propriedade de André Aquino e Daniel Ferreira. Em nossa amostra, temos uma expressão bastante plural de parcelamentos. Temos participantes em quase todos, com exceção de três: Recanto das Nascentes, Visual e Jaguatirica.

Qual o parcelamento onde está a sua gleba?

39 responses





Parcelamentos da Fazenda Canadá. Mapa: Associação Águas de Santana

Quando olhamos para o ano de aquisição dos terrenos, fica evidente que a pandemia foi o momento de girar a chave, a “explosão” do fracionamento: 34 das 39 pessoas fizeram a compra dos terrenos no período compreendido entre 2020 e 2022 e as outras cinco compraram em 2019, 2017, 2013, e duas em 2012. Apenas uma não pretende obter a escritura da terra.

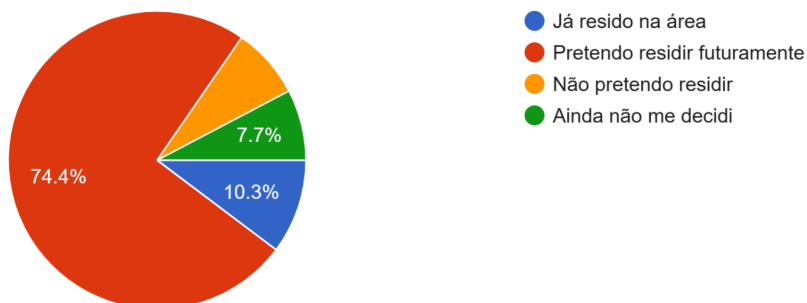
Grande parte das pessoas ficou sabendo da oportunidade de comprar um terreno rural por meio de amigos, ou conversas boca a boca. Todas as pessoas que participaram desta pesquisa já estiveram em Cavalcante em algum momento de suas vidas. Das 39, são 21 pessoas que já visitaram várias vezes, outras nove já moram ali e nove foram poucas vezes.

Quando perguntadas sobre a vontade de estabelecer moradia na Fazenda Canadá, a esmagadora maioria deixa claro que pretende, sim, colocar em prática o projeto de ter uma casa na roça. São 29 pessoas que pretendem residir no futuro, 4 já residem na área, 3 ainda não se decidiram e 3 não pretendem residir.



### Tem pretensões de estabelecer moradia na Fazenda?

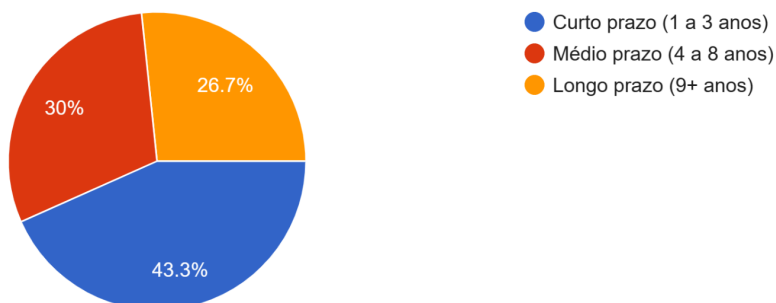
39 responses



Em seguida, perguntou-se para essas pessoas qual seria o prazo para colocar este projeto em prática, ao que responderam: 13 no curto prazo (1 a 3 anos), 9 no médio prazo (4 a 8 anos) e 8 no longo prazo (9+ anos).

### Se tem pretensão de morar algum dia na Fazenda, esse plano é para daqui quanto tempo?

30 responses



As pretensões de moradia costumam vir acompanhadas de algum projeto de habitação e uma certa infraestrutura. Neste sentido, aproveitei para perguntar que tipo de construção se almejava implantar no terreno. Aqui é importante levar em consideração que os adquirentes puderam sinalizar em resposta a esta pergunta mais de um tipo de infraestrutura - um pequeno chalé particular não impediria a construção de um camping para receber clientes e vice-versa. Pois bem, o resultado ficou assim: 34 indivíduos querem construir residência ou chalé particular, uma tendência que afirma a vontade dos nossos adquirentes de estabelecer moradia.

Treze indivíduos afirmaram que pretendem construir algum tipo de residência ou chalé dedicados a aluguel e cinco querem construir camping. Alguns destaques para o intento de construir uma salinha de atendimento, um mirante e três pessoas que pretendem construir locais de capacitação e pesquisa em temáticas ambientais.

A partir desses dados é seguro afirmar que os projetos individuais deste/as adquirentes envolve, sim, morar em algum momento do futuro na Fazenda Canadá e colocar tais projetos individuais em prática por ali; o que faz sentido se imaginarmos que aqui busca-se algum tipo de rural ampliado pela imaginação citadina na esteira de símbolos de harmonia, solidariedade e comunidade.

Para entender o teor destes projetos individuais, creio que possamos beber um pouco da fonte de Providence (1982 *apud* Giuliani, 1990, p.5), que percebe um fenômeno que chama de “desterritorialização”, ao estudar as mudanças ocorridas nos campos da Bretanha em áreas afetadas pela expansão da produção avícola em grande escala. Neste contexto estudado pelo sociólogo, a terra e o ser humano que a habita passam a adotar novos símbolos e serem enquadrados de uma nova maneira. O que muda não são apenas as relações de produção, mas também a própria maneira de viver e as demais relações sociais. Giuliani coloca que aquilo que Providence aponta como a “desterritorialização” aparece na cabeça da população local do campo como uma “deterioração” das antigas relações sociais. O autor ressalta ainda que essa mudança impõe uma nova maneira de habitar e investir material e simbolicamente na terra, criando efetivamente um “novo território social”:

É novamente Providence quem melhor esclarece as dimensões paradoxais desse processo. Para esse autor, o duplo movimento “desterritorialização - reterritorialização” subverte o antigo modo de “habitar”, que é também o modo de produzir da sociedade rural tradicional baseada na pequena produção autárquica não-mecanizada. Por outro lado, o movimento institui novas relações sociais de produção que passam a ser legitimadas por uma simbologia “nova” da terra, simbologia que, de fato, é tomada de empréstimo ao antigo modo de “habitar” e produzir. Ao fazer isso, esse duplo movimento, estaria paradoxalmente realizando o ideal supremo, e nunca realizado, em uma sociedade capitalista: que cada um possa ter um lugar e um espaço social com os quais seja possível uma identificação satisfatória, isto é, realizar o inverso da “atopia” e da “anomia”, as mais típicas invenções do capitalismo.

(Giuliani, 1990, p. 5)

Este processo permite que o “local” e o “regional” possam se tornar perfis de uma identidade que deve ser modelada, definida e realizada. Eizner (1978 *apud* Giuliani, 1990, p. 5), quando olha para o neorruralismo, o vê como uma forma de protesto canalizado. Este seria um protesto silencioso contra o trabalho parcelado, o gigantismo urbano, a degradação das relações sociais, a feiúra e a uniformidade do ambiente físico das cidades, tudo isso justificando-se por meio da nostalgia de formas de viver perdidas para o passado.

Isso nos leva diretamente à dimensão dos projetos individuais, daquilo que é da soberania da pessoa. Segundo Giuliani, como reação às urbanitas redes de condicionamento e controle, cada vez mais plastificadas, fechadas e produzidas em massa, o fenômeno do novo ruralismo estende a esfera do indivíduo a uma vasta gama de atividades que não possuem objetivos necessariamente econômicos.

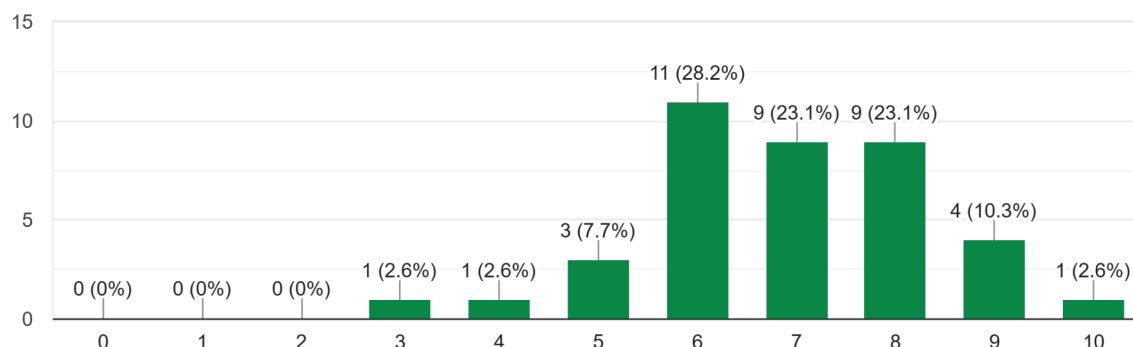
Muito do que acontece na Fazenda Canadá assemelha-se ao que foi observado por outros autores que estudaram fenômenos similares de urbanitas presentes no campo. Veremos no capítulo a seguir que os adquirentes da Fazenda Canadá, assim como outros novos rurais, buscam a satisfação de suas aspirações individuais; muitas delas surgindo, inclusive, a partir de um casamento entre os valores tidos como “rústicos” do mundo rural e os “modernos” das cidades. Muitos dos projetos somam elementos como autodeterminação, natureza, tranquilidade e paz com a racionalidade, a especialização e a renovação tecnológica.

#### **2.1.4 - Indivíduo sujeito e seus projetos**

O objetivo da parte final do questionário buscava justamente entender com maior profundidade qual o teor dos projetos deste/as adquirentes e como se relacionam com o restante da sociobioesfera de Cavalcante. Habitar um terreno rural envolve, certamente, algum tipo de relacionamento entre o indivíduo que está ali se estabelecendo e todo o resto do Cerrado. A primeira pergunta indagava sobre o nível de entendimento do indivíduo sobre o bioma Cerrado, na qual a maior parte das pessoas afirmou possuir um entendimento acima da média:

Em uma escalada de 0 a 10, qual o seu nível de entendimento sobre o bioma Cerrado?

39 responses



A Fazenda Canadá, bem como todo o restante da microrregião da Chapada dos Veadeiros, está localizada dentro de uma Área de Proteção Ambiental, a APA do Pouso Alto. Isso é uma informação importante, pois as APAs fazem parte do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e possuem certas particularidades previstas na legislação brasileira com o objetivo de garantir a conservação dos ecossistemas naturais. De todos os nossos adquirentes, nove pessoas já moraram anteriormente em uma APA e as 30 restantes não.

Para além de simples números e gráficos de pizza, entender o teor de um projeto envolve tangenciar aquilo que é da subjetividade individual. Neste sentido, a pergunta seguinte era aberta e tratava de quais eram as maiores expectativas dos adquirentes com o seu terreno na Fazenda. Novamente, optei por deixar que as pessoas pudessem se expressar livremente e o quanto quisessem. Percebe-se mais uma vez que praticamente todas as pessoas aqui pretendem, de fato, construir um projeto de refúgio e maior contato com a natureza. Algo que fica bastante evidente é a busca por melhores qualidades de vida como parte dos projetos. Vejamos alguns exemplos:

“Recuperação forestal e da grotta / Conseguir usar a tecnologia para o conforto humano e a preservação ambiental ao mesmo tempo.”

“De ser um lugar de transformação, uma unidade de conservação com experiências para a conscientização das pessoas.”

“Tomar banho de rio e uma casa simples.”

“Recuperação do Cerrado de forma sustentável.”

“Que as pessoas protejam as áreas, que elas entendam que a terra não é nossa, é da natureza e nossos projetos precisam caber no que a terra pede, não ao contrário! Que a gente precisa cuidar, trazer impacto positivo, se relacionar respeitosamente com tudo Aqui: fauna, flora, terra, ar, água, vizinhança. Temos que ser uma comunidade.”

“Colocar à disposição uma área para realização de capacitações/eventos/vivência voltadas à temática ambiental, cultural e esportiva / Atividades esportivas ao ar livre / Restauração da flora nativa / Monitoramento da fauna / Produção de alimentos e insumos naturais por meio da agrofloresta.”

“Descanso, paz, qualidade de vida, ajuda mútua.”

“Não torná-lo um espaço com várias edificações.”

“Plantar agrofloresta”

“Ter um local perto da natureza pra ter paz, preservar e cuidar”

“Que seja um exemplo de ocupação responsável com os outros seres vivos (humanos e não humanos) e com demais aspectos naturais.”

“Adquirir todas as licenças para instalação de infraestruturas/ ocupação planejada para gerar menor impacto ambiental”

“Que a grande maioria dos habitantes encontrem seus sonhos desde uma perspectiva harmônica com o Cerrado que nos cerca”

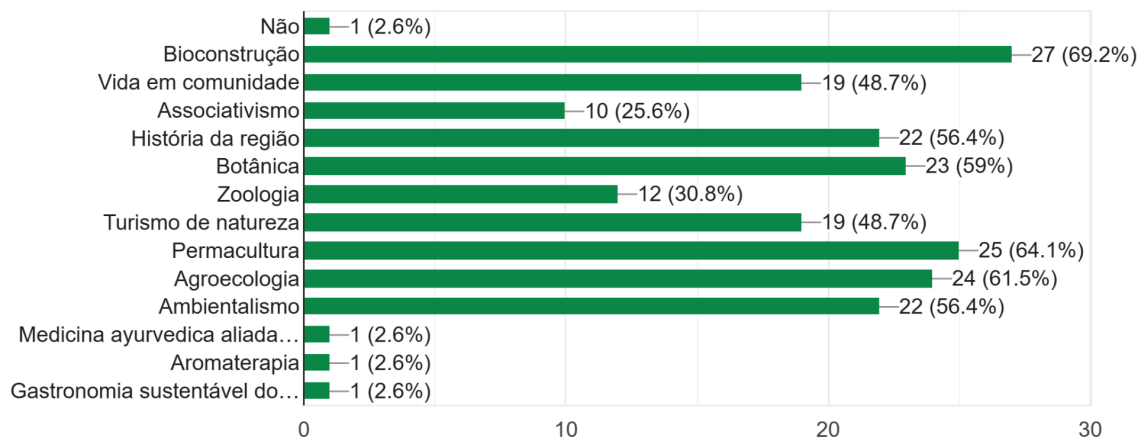
“Que a fauna continue passando pelo terreno após o “êxodo urbano”.”

A vida urbana construiu redes de condicionamento onde a autonomia do indivíduo se expressa quase que exclusivamente pelo desejo de consumo e por atividades de lazer aos fins de semana. A dimensão do “prazer em fazer as coisas”, baseada na memória continuamente reconfigurada, é o elemento orientador das buscas pelas novas atividades, relações sociais, sociabilidades, lazer e formas de identificação (Giuliani 1990, p. 5).

Sobre aprendizados que gostariam de desenvolver e colocar em prática no solo da Fazenda Canadá, as respostas continuam seguindo a linha observada acima sobre a questão das expectativas. Nesse momento, evidencia-se que as pessoas possuem algum desejo de trabalhar e aprender com o meio e com a terra, de uma forma ou de outra:

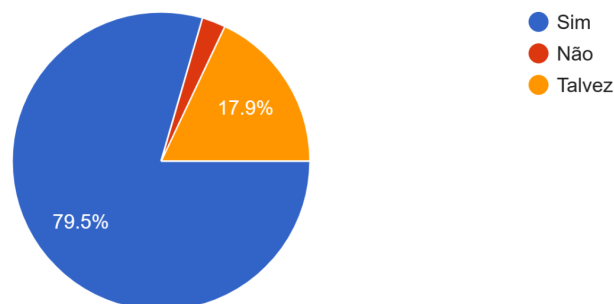
Há aprendizados que gostaria de desenvolver e / ou botar em prática na Fazenda?

39 responses



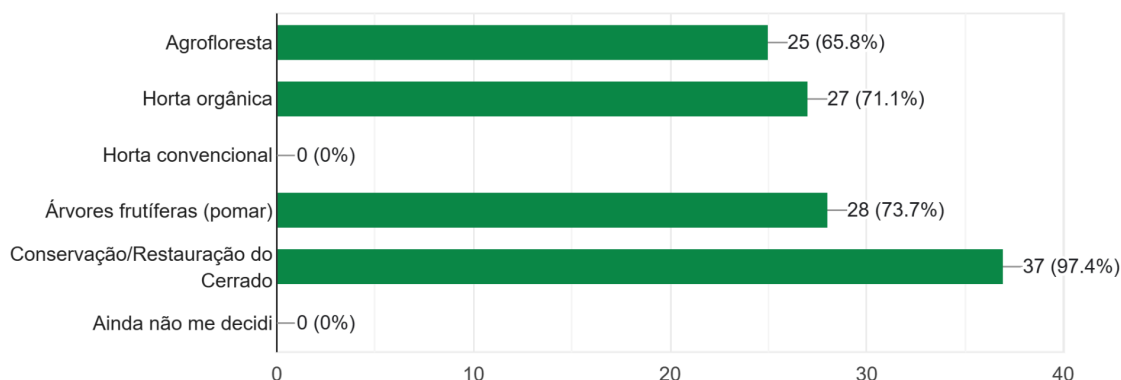
Você pretende executar plantio em seu terreno?

39 responses



### Se sim, qual tipo de plantio?

38 responses



O fracionamento da Fazenda Canadá é algo que chama bastante a atenção dos moradores de Cavalcante, isso é fato. Ao longo do tempo em que estive imerso no universo da Fazenda Canadá, tive oportunidade de compartilhar um pouco do tema desta pesquisa com inúmeras pessoas e entrei em contato com vários pontos de vista diferentes sobre a situação. Evidentemente, anotei algumas das provocações feitas a mim e com elas fiquei por bons meses matutando, até que me surgiu a ideia de descobrir o que pensavam os adquirentes sobre estes murmurinhos populares. A Fazenda Canadá não existe em uma bolha em Cavalcante. Muito pelo contrário. Não é lá muito difícil caminhar pelo centro urbano do município sem escutar alguma menção a algo que esteja acontecendo por aquelas terras, ou com alguém que esteja relacionado ao território da Fazenda, seja ele proprietário, prestador de serviços, ou apenas um visitante. Além disso, os relacionamentos culturais e socioeconômicos entre as diferentes partes fazem com que o território esteja em um constante processo interativo.

Neste momento, o formulário pedia para que os entrevistados sinalizassem o quanto eles concordavam ou discordavam sobre cada uma das provocações abaixo. As opções eram: concordar totalmente ou parcialmente, ser indiferente ou discordar totalmente ou parcialmente. Ficou assim:

"Os chegantes da Fazenda Canadá ajudarão a conservar a biodiversidade de Cavalcante."

**- trabalhador na Fazenda Canadá**

"O fracionamento da Fazenda Canadá está causando um impacto negativo sobre a flora e a fauna do Cerrado na região."

**- adquirente da Fazenda Canadá**

"Ciclos econômicos são normais. O fracionamento representa novas oportunidades para geração de renda no município."

**- adquirente da Fazenda Canadá**

"O fracionamento da Fazenda Canadá está criando um novo condomínio privado em Cavalcante."

**- morador de Cavalcante**

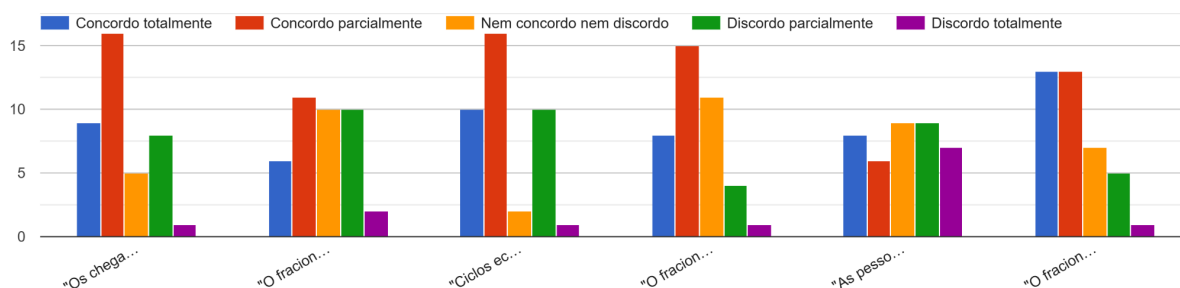
"As pessoas que vivem em condomínios fechados contribuem ativamente para o enfraquecimento e a corrosão do espaço público."

**- colega da Antropologia**

"O fracionamento da Fazenda Canadá faz parte de um fenômeno maior de especulação fundiária na Chapada dos Veadeiros."

**- morador de Cavalcante**

Sobre as afirmações a seguir, indique o quanto você concorda ou discorda.



A partir dos questionamentos acima, perguntei à/os adquirentes se ele/as tinham vontade de comentar brevemente os seus posicionamentos em relação aos trechos indicados na pergunta anterior. Algumas respostas que recebi são bastante reveladoras no sentido de expor melhor alguns dos ideários, dos projetos e das identidades-sujeitos enquanto atores em um campo de possibilidades.

Destacarei e comentarei algumas dessas respostas e posicionamentos, dialogando com aquilo que foi relatado até aqui sobre o/as adquirentes e com as demais informações aprendidas durante a pesquisa:



Comprei uma gleba coletiva quando ainda haviam poucas vendidas. Na época nos disseram que não venderiam tantas glebas. Morei um ano em Cavalcante e vi o cenário mudar drasticamente em relação à especulação imobiliária. Não tem como não gerar impactos na conservação da área, isso já vem acontecendo.

Ainda que a esmagadora maioria do/as adquirentes tenha chegado a essas terras nos últimos dois anos, é preciso salientar que existe em meio a essa assemblage, um parcelamento chamado “Antigos Moradores”. Não à toa, é onde ficam as residências desses primeiros compradores. Várias dessas pessoas já vivem as suas vidas dentro da Fazenda Canadá há alguns anos. Algumas, inclusive, adquiriram seu terrenos diretamente com Jacozito<sup>10</sup>, sem fazer tratativas pela ImobiSolo, imobiliária de Negão.

Tiveram assim, tempo o suficiente para se estabelecer e notar as mudanças que acompanham o expressivo movimento de aquisição de terras durante a pandemia. No grupo da associação de moradores Águas de Santana essas vozes dos antigos moradores são expressivas: não são infrequentes os alertas para os impactos gerados por essa recente ocupação de terra, seja na questão de manutenção das vias de trânsito, das cercas com arame farpado que impedem a locomoção da fauna, dos impactos ambientais ou mesmo impactos sociais, como furtos a automóveis e casas. É, afinal, o grupo de pessoas que mais possui propriedade e conhecimento sobre aquele território.

Fato é que claro que o fracionamento é uma representação da especulação imobiliária que ocorre em toda a região da Chapada. Certamente isto também traz seus riscos (sociais e ambientais), ainda que também traga oportunidades. Acho que dependerá do perfil dos novos habitantes e do nosso ímpeto organizativo/associativo para tentarmos reduzir os riscos. Não me parece que a maioria dos novos chegados desejem viver em um condomínio fechado, isolados em sua ilha de conservação em meio a uma Cavalcante inóspita. Ao menos, os que conheci demonstram interesse em “tentar fazer as coisas direito”. Eu sempre comparo ao que era a Fazenda até 2020/21. Basicamente, um latifúndio de mais de 2000ha, que servia a apenas uma família para produção, sob forma completamente insustentável, de apenas um produto (carne). Qualquer ocupação territorial que fuja deste modelo já é progresso.

Percebo que a grande problemática vinculada ao fracionamento da fazenda é que ela traz consigo uma diversidade de proprietários que visam lucrar com a especulação imobiliária e não consideram que a localidade está inserida numa APA e é zona de amortecimento do PARNA da Chapada dos

---

<sup>10</sup> Apelido do seu José Antônio de Almeida, anterior proprietário da Fazenda Canadá.

Veadeiros (há exceções!). Isso é algo bastante crítico, pois tentam reproduzir no interior uma lógica urbana que não cabe. Dessa forma, intensificam o impacto negativo sobre fauna, flora, meio hídrico, relevo, entre outros, e não buscam se integrar ao ambiente que estão adentrando. Além disso, percebo que os proprietários (em sua maioria) possuem um elevado poder aquisitivo e isso leva à existência de muitos "detentores da verdade", dificultando assim o avanço das discussões em pautas prioritárias para atender às necessidades básicas e coletivas.

O desenvolvimento industrial e o crescimento urbano produzem não apenas no Brasil, mas no resto do globo, um crescente sentimento de insatisfação com as condições de vida nos grandes centros. Este fenômeno está diretamente ligado ao desejo de alimentar relações mais diretas com a natureza, guiados por um ideário rural que simboliza uma ruptura com relação aos valores predominantes da cidade. Talvez seja esta a mais evidente dimensão da racionalização destes projetos de vida: um movimento impulsionado pela busca da valorização dos espaços cotidianos que os torna suportáveis, desejáveis e consumíveis - em um claro contraponto com a imagem do mundo urbano, onde há poluição, barulho, carros e indústrias.

Trabalhamos nesta pesquisa com vontades individuais e expectativas face a projetos que ainda estão em vias de serem implementados (com exceção da parcela dos antigos moradores, que já possuem seus projetos em andamento). As duas indagações apresentadas acima, apesar de terem as suas peculiaridades de percepções subjetivas individuais, ajudam a evidenciar uma preocupação que se mostra frequente quando tratamos deste assunto.

Essa provocação joga-se para o futuro, visto que ainda é cedo demais para tirar qualquer conclusão sobre como se comportarão o/as adquirentes da era pós-2022 da Fazenda Canadá. A preocupação levantada aqui pelos nossos interlocutores é praticamente a mesma colocada por Elaine de Azevedo em um artigo no *Le Monde Diplomatique Brasil*, intitulado, "Neorrurais: os imigrantes da utopia":

Mas no plano social estariam eles contribuindo para alguma mudança? [...] Sua inserção no campo estaria, de alguma maneira, mudando as formas de "habitá-lo"? Sua organização da produção e da vida cotidiana estariam configurando modelos alternativos, que contestam ao mesmo tempo a sufocante vida urbana e o tradicionalismo estagnante da vida rural? O território (local) de sua inserção é objeto de reflexão, ou de ação, no sentido de estender as preocupações que os levaram a escolher o campo em lugar da cidade? Em suma, poderiam ser veículos de uma nova moral produtiva e associativa?

A maneira urbana de ser, de consumir, de falar e se relacionar torna as pessoas distintas no município. Isso se reflete quando olhamos para as moradias e veículos de transporte pessoal, em geral, muito superiores ao padrão de conforto médio da área. Como bem comentado pelo adquirente, será necessário observar o futuro e as capacidades desse pessoal, enquanto coletivo, para se unir e evitar a propagação de uma ideologia burguesa dentro do campo.

Entendo que o HOMEM precisa estar mais junto à natureza, até mesmo para resgatar sua humanidade. Tudo vai depender de como será conduzido este processo, o que espero que seja com menos egoísmo e mais integração.

Subjetivas as questões. Ao longo do tempo isso vai ficar mais claro. Depende muito do coletivo.

Acho que é importante que todas as parcelas mantenham o aspecto rural e de conservação.

Vejo como um GRANDE problema a venda e a ocupação sem planejamento da região dos parcelamentos e que foi um processo muito agressivo terem feito uma venda tão grande em um período curto sem oferta de infraestrutura.

Os novos moradores da fazenda Canadá formam um grupo muito diverso. Há pessoas com intenção de causar o menor impacto possível, mas há também pessoas que não parecem se preocupar com o coletivo e com o meio ambiente, que compraram os terrenos para especulação, ou para fins de exploração comercial. O antigo dono explorou a terra muito irresponsavelmente e gerou prejuízos ambientais expressivos com a criação de gado. Mas tenho minhas dúvidas se o adensamento populacional teria um impacto menos pior, ainda mais quando temos poucos mecanismos para orientar, monitorar e cobrar o manejo sustentável da terra.

Acredito que há muita gente com ideais conservacionistas dentre os compradores das glebas, mas infelizmente não são todos. Vejo que muitas pessoas estão entendendo o local como mais um condomínio fechado, extensão dos que encontramos em Brasília.

Penso que a ocupação em formato condomínio da fazenda trará gravíssimos prejuízos para a vida em comunidade com a população de cvc. Me preocupa muito.

O fato de ter um fracionamento da Fazenda é "normal" em termos do desenvolvimento econômico assim como do crescimento natural da população global. Isso não significa necessariamente que tenha que ser algo negativo, é possível manter a preservação do lugar”

Podemos ver aqui expressos alguns dos anseios e expectativas do/as adquirentes, também como a memória, que é constantemente evocada (como, por exemplo, ao falar de Brasília), soma-se com a noção de uma nova territorialidade, que dialoga com o passado e com o que pode ser em termos de futuro da Fazenda Canadá. É possível dizer que o/as adquirentes são, em sua maioria, ao menos em minha pequena amostra, pessoas conscientes de sua missão de dar um novo significado para uma terra que se propuseram a ocupar. Novamente, a questão fica jogada ao futuro.

Tivemos uma seleção (acredito eu) de pessoas para comprar aqui, então, acredito que não está sendo algo que perderemos o controle do cuidado mais pra frente. E acho que condomínios fechados, principalmente com tanta natureza, ajuda a manter e regenerar o cerrado. Será um mini parque aqui se fizermos nossa parte enquanto associação.

Do que acompanho das conversas no grupo de WhatsApp da Associação Águas de Santana, e ele certamente não abarca todos os proprietários, percebo que há um posicionamento pela conservação da biodiversidade, e, de alguns, da sociobiodiversidade e a importância da história e habitantes locais (principalmente os Kalungas). A fazenda já é altamente degradada, por isso sinalizei que discordo parcialmente da afirmação de que "O fracionamento da Fazenda Canadá está causando um impacto negativo sobre a flora e a fauna do Cerrado na região." O fracionamento pode potencialmente trazer estes impactos se não gerirmos o território da Fazenda integralmente, sem considerar conectividades via corredores ecológicos, por exemplo. Percebo, também, a partir da conversa no grupo, alguns querem uma casa de "veraneio", mas que outros querem gerar alguma renda, plantando ou realizando atividades de turismo. Sobre o fracionamento se assemelhar a um condomínio, já foram feitas reflexões sobre isso no processo de criação da associação e muitos se colocaram contrários a esta perspectiva. Penso que a Associação, que tem por objetivo também envolver a sociedade envolvente, quer evitar esta conformação de condomínio, mas só na prática veremos se terá sucesso.

São vários indivíduos que vislumbram o compartilhamento não apenas do mesmo território físico, mas de trajetórias no campo de possibilidades da Fazenda Canadá. O conflito entre projetos é natural e, inclusive, esperado. Ele faz parte do jogo. O que está em palco aqui é a forma como eles serão negociados a partir da realidade, e conseqüentemente, adaptados através do potencial de metamorfose de cada um. As preocupações fazem parte da antecipação da memória. O projeto deve estar preparado para lidar com situações adversas que podem surgir e impedir a obtenção de sucesso em sua implementação.

Aproveitei a ocasião para pedir à/os adquirentes para que externalizassem as suas maiores preocupações quando estamos falando sobre a gleba individual na Fazenda Canadá. Elas seguem a mesma linha do perfil desenhado até aqui, pois envolvem, em grande parte, a preocupação com ações que levem à degradação socioambiental da região e o crescimento desordenado:

O desrespeito ao mínimo módulo rural (já existe), surgindo novos loteamentos e crescimento desordenado de um bairro.

Especulação imobiliária e degradação ambiental.

Virar uma loucura de gente e ocupações desenfreadas com impacto ambiental.

Que as pessoas não respeitem a natureza.

Incêndios florestais, redução de circulação de fauna e impactos ambientais negativos.

Recuperação de áreas degradadas, respeito aos antigos moradores (humanos e não humanos).

Se as pessoas realmente vão se ajudar, ajudar o cerrado, pensar num todo, no outro e não só em si mesmo, que o egoísmo de cidade grande fique da porteira principal para fora.

Saber se poderá continuar sendo parte de corredores ecológicos, pois não sabemos como será a postura dos vizinhos...

Preocupo-me com o sucesso do processo coletivo de gestão da área da antiga fazenda. Gostaria muito que o espírito coletivo fosse maior que o individualismo, pois é um local que merece ser bem cuidado, com melhorias em sua qualidade ambiental e com envolvimento com os moradores locais.

Convivência pacífica comunitária com foco principal na proteção do meio ambiente.

Água. Uso desordenado dos recursos hídricos. Sem planejamento, cooperação e sem tecnologias de intervenção mínima, acho que podemos ter um problema crônico de água.

Os animais silvestres não terem mais liberdade para transitar e "desaparecerem"; muito barulho com a presença de turistas nas terras que vão oferecer hospedagem; excesso de luz artificial nos arredores; degradação do rio São Bartolomeu.

Ainda duas pessoas relataram que possuem preocupação com a situação da infraestrutura compartilhada de ponte e das estradas, que se agrava por conta do maior fluxo de carros e caminhões carregando materiais de construção.

Temos uma grande erosão no limite de nossa gleba com a estrada de acesso. Hoje este é o ponto de maior preocupação e junto a isso a manutenção das estradas de acesso que impactam diretamente na ampliação da referida erosão e, conseqüentemente, no carreamento de sedimento que provoca o assoreamento da grota existente ao fundo de nossa gleba.

A segurança, estradas e Pontes.

Foi levantada também a problemática da falta de regularização fundiária na região, afinal, a Fazenda Canadá é entendida como uma terra devoluta pelos olhos do poder público e o/as adquirentes precisam batalhar no mundo jurídico para obter a efetiva escritura de seus terrenos.

De perder esse pedaço de terra e o poder publico não ter a capacidade de administrar e gerar tanto valor quanto eu geraria de forma privada. Acredito que as pessoas fisicas e empresas com uma gestao esg sao muito mais capazes de gerarem renda, gerarem impacto positivo e maior aproveitamento de espaços do que o poder publico, quando bem informadas, e acredito que o Negão conseguiu selecionar muito bem as pessoas para quem ele vendeu os terrenos.

Apesar do perfil de alto poder aquisitivo entre o/as adquirentes, é importante lembrarmos que o grupo não é totalmente homogêneo e duas pessoas afirmaram ter receio de não possuir meios financeiros para cuidar adequadamente da terra.

Não poderia deixar de citar, ainda, a preocupação relatada por um indivíduo que comprou a terra de forma coletiva e que diz ser uma incógnita como se dará o relacionamento com as demais pessoas que partilharam a aquisição do terreno.

A última pergunta feita no formulário eletrônico à/os adquirentes procurou cimentar e levantar demais informações sobre o que almejam como projeto para o futuro. A pergunta era, “como você imagina o seu futuro na Fazenda Canadá no longo prazo? (daqui +20 anos)”, ao que responderam:

Feliz.

Lar como refúgio da cidade.

Vivendo de forma harmônica e integrada com o cerrado.

Tranquilo.

Vivendo da permacultura.

Cercado de plantas e amadurecimento pessoal.

Espero um local ainda com bastante cerrado conservado e moradores conscientes.

Imagino que a Fazenda Canadá será como uma extensão da Vila, um imenso bairro privado cheio de casas e construções e fluxo de pessoas.

Tendo um mega projeto sustentável e desenvolvimento de ciência e tecnologia.

Meu refúgio em um espaço totalmente recuperado, uma unidade de conservação e de turismo consciente.

Residindo na Canadá.

Meus filhos aproveitando a casa e o rio.

Eu sonho que tenha um controle de qualidade com respeito à natureza local e imagino que pode ser o contrário.

“Acredito que irá se tornar um bairro novo de Cavalcante, infelizmente. Quero usufruir enquanto for uma área rural.

Vivendo em uma área de cerrado restaurado, com boa relação com a vizinhança e em uma rotina de cuidados comigo e minha área.

Frequentando por longos períodos, nosso terreno reflorestado, espaços comuns nele e boa relação com o entorno.

Cerrado regenerado.

Não faço ideia.

Já habitando a propriedade, com casa, espaço de vegetação nativa maior que o atual, com promoção de cursos sobre conservação da biodiversidade e agrofloresta estabelecida.

Mas tenho grande preocupação em relação às relações que serão estabelecidas com os vizinhos e moradores de Cavalcante. Estamos caminhando para um processo de elitização, com fortalecimento de um pensamento burguês e, em vários momentos, autoritário.

Morando num lindo espaço protegido, ajudando a regenerar aqui para ajudar todo o planeta.

Me imagino residindo na fazenda e podendo retirar todo o meu sustento da terra, com uma produção de alimentos nativos e consolidando o uso da nossa futura infraestrutura para a formação ambiental de profissionais e entusiastas, bem como para realização de lazer consciente e integrado ao ambiente.

Morando no local e vendo a fazenda Canadá como um refúgio de natureza preservada.

Minha tranquilidade e paz em meio à natureza e com os filhos que quiserem continuar por aqui!

Imagino que possa, porventura, ir lá residir. Por enquanto, só quero participar de um processo coletivo de ocupação e recuperação de uma área degradada, ter uma casa para visitar de quando em vez e, eventualmente, ganhar um dinheiro com sua locação.

Vizinhança esclarecida cria uma comunidade forte com foco na preservação do meio ambiente.

Vivendo bem entre meus amigos, em família, preservando e respeitando o cerrado.

Rodeada de pessoas colaborativas que têm em comum o bem-viver numa área de preservação ambiental de cerrado.

Encontrar muitos moradores, vizinhos, talvez vire uma Vila.

Quero continuar o que já fazemos hoje, plantando e preservando... Cuidando da família que tenho aqui.

Sendo a minha segunda ou principal moradia e um dos meus meios de renda.

Tranquilo, com um pequeno restaurante focado na gastronomia sustentável do Cerrado, parceiro dos agricultores familiares e quilombolas da região.

Me Imagino vivendo na fazenda, adaptada aos desafios de estar em uma área de proteção, integrada no âmbito coletivo e ativa nas decisões e questões comunitárias"



Me vejo com uma casa de final de semana em meio ao cerrado restaurado, colhendo frutas no pomar/floresta recuperada, em uma propriedade que seja sustentável e com menor impacto ambiental possível.

Com minha família integrada e próxima à natureza.

Depois de imaginar um cenário trágico de urbanização elitizada, prefiro hoje nem imaginar.

Não sei.

Não projeto mais futuros aqui na Fazenda. Planejo ir embora.

VIVO E COMPARTILHANDO NOSSA HUMANIDADE.

Novamente, irei retomar aqui as noções de Gilberto Velho para apoiar a realização de um balanço geral do que aprendemos até agora sobre os projetos desta parcela de adquirentes de glebas na Fazenda Canadá. É preciso lembrarmos que a memória é aquilo que possibilita uma visão em retrospecto mais ou menos organizada de uma trajetória individual, a biografia, portanto, é o próprio elemento fundante que cria as condições necessárias para que o projeto seja elaborado pelo indivíduo, sendo este nada mais do que a antecipação no futuro dessas trajetória e biografia, na medida em que a pessoa busca, por meio do estabelecimento de metas e objetivos, a organização dos meios pelos quais o projeto será implementado dentro de um campo de possibilidades a partir da negociação com a realidade e os demais projetos (1994, p. 86).

Entendemos, assim, que, de certa forma, confirma-se aquela suspeita inicial que foi colocada com relação à expectativa sobre as pessoas que compõem a nossa *assemblage*. Este é, em grande parte, composto por pessoas jovens, economicamente ativas, que, ou não moram em Cavalcante, ou não nasceram ali. Por meio diversos, chegaram até o que sobrou do coração do Cerrado goiano e se encantaram com as suas belezas naturais e a forma diferente de existir que, supostamente, ali se vê. Comparadas às suas vidas caóticas cheias de poluição e de egoísmo nas cidades, aquelas terras idílicas se tornam a visão de uma aurora de uma nova vida, um símbolo que decidiram perseguir.

Muito fica jogado para o tempo futuro, é certo. Seria preciso olhar para essa questão novamente em momentos posteriores para ver como irão se comportar o/as

adquirentes. Efetuamos um levantamento geral dos projetos de vida do/as adquirentes de terras na Canadá. Possuímos uma visão ampla da nossa *assemblage*. E o que podemos dizer sobre a escala do projeto individual?

### 3 - Reserva Natural Veredas dos Buritis

Não dá para falar sobre a implementação de projetos na Fazenda sem falar da auto-intitulada Reserva Natural<sup>11</sup> Veredas dos Buritis, uma propriedade privada com pouco mais de 84 hectares localizada na fronteira da Fazenda Canadá, beirando o Parque Nacional. Quero que olhemos para este caso da Veredas não como um espelho das outras glebas, pois este é um caso único no contexto da Canadá e deve ser encarado com a atipicidade que lhe é característica, mas que sintetiza bem algumas características do perfil geral desenhado no levantamento *online*. É uma boa oportunidade para darmos um *zoom* na escala dos dados e observar um pouco como se dá, de fato, a implementação de um projeto a partir da memória, no campo de possibilidades.

Os proprietários da Reserva, André Aquino e Daniel Ferreira, um executivo do Banco Mundial e um diplomata de carreira que moram fora do Brasil há 15 anos, eu conheci na ocasião em que lhes prestei serviços em formato de *freela*<sup>12</sup> em comunicação e fortalecimento institucional. A partir daí, muito se desenrolou no âmbito profissional e com o passar do tempo eles acabaram se tornando os meus principais interlocutores nesta pesquisa. Foi a partir da iniciativa da Reserva Veredas dos Buritis que tive a oportunidade de conhecer outro/as adquirentes da Fazenda e demais figuras de Cavalcante.

A Veredas dos Buritis é especial, pois além de seu tamanho, ela é a síntese do perfil que observamos na *assemblage* em larga escala. As preocupações com o meio ambiente também se fazem presentes aqui, assim como iniciativas que aliam o rural ao que é da cidade e a vontade de ali residir futuramente. No momento em que olharmos atentamente para o que motiva o projeto desse casal, será possível ver de que forma essas peças se encaixam - notaremos a presença ativa da memória, especialmente a de André. Mas, para isso, será preciso antes entendermos o pano de fundo para vermos de que forma o projeto deles se constrói na prática.

---

<sup>11</sup> O termo "Reserva Natural" não possui peso real na legislação brasileira. Os proprietários afirmam estarem estudando a possibilidade de tornar a região parcialmente uma RPPN no futuro, aí sim, com caráter de perpetuidade e resguardada sobre a lei federal.

<sup>12</sup> Um freelancer, também conhecido como "freela", é um profissional autônomo que presta serviços para empresas ou indivíduos em períodos específicos de tempo. O termo em inglês é amplamente utilizado para descrever essa modalidade de trabalho independente.

### 3.1 - Carreira e Veredas

Pelo menos uma vez por ano, André e Daniel vêm ao Brasil para visitar a família e aproveitar o recesso deles de uma maneira que só o brasileiro sabe fazer: com bastante afeto, conversa fiada, uma boa comida, bastante cerveja, fumo de palha e um churrasquinho na brasa. Foi durante uma destas ocasiões, em Cavalcante, que pude encontrar pessoalmente com essa dupla em um formato mais informal - momentos que me permitiram aprofundar os laços profissionais, de amizade e ter um maior entendimento sobre as suas biografias.

André nasceu na cidade de João de Monlevade, nome do mesmo município que abriga pouco mais de oitenta mil habitantes a cerca de 116 km da capital do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. Já Daniel nasceu em Juiz de Fora, uma cidade de porte médio com cerca de quinhentos mil habitantes próxima do limite com o Estado do Rio de Janeiro, também em Minas. Ainda assim, apesar da relativa proximidade das suas cidades natais (+-300 km), ambos se conheceram na capital do país, em Brasília, há cerca de vinte anos, em um tradicional bar no Setor Bancário Sul. Neste momento, ambos já davam os primeiros passos de suas carreiras profissionais no Banco e no Itamaraty.

Eventualmente, cresceram em seus empregos e receberam posições que exigiram que se mudassem para fora do Brasil. Inicialmente, ficaram um tempo nos Estados Unidos e, logo em seguida, se mudaram para o Congo e a Etiópia, até o momento em que tiveram que se mudar para Jacarta, na Indonésia, onde vivem atualmente. Eu nunca havia parado para pensar, mas algo que me relataram sobre tal trajetória profissional, é que determinadas partidas não são nada fáceis. Ambos me relataram que foi na África que começaram a criar raízes novamente e a partida dali deixava novos laços afetivos para trás.

Isso sem falar sobre a saudade de casa. Me lembro em especial de André relatando, em uma de nossas conversas ao redor de uma fogueira sob o céu da chapada, o seu carinho com a forma do brasileiro de ser. O brasileiro não tinha um propósito para estar ali em volta da fogueira como um norte-americano, ele apenas estava. Ou estava ali pelo afeto e pelas trocas que são possíveis.... Também não eram como os indonésios, que provavelmente iriam preferir cantar karaokê e fumar *kretek* do que tomar uma cervejinha gelada e comer um churrasco falando besteira.

Das motivações que levaram à compra da parcela em que estabeleceram a Veredas dos Buritis, uma, sem dúvida, foi a saúde de casa.

A escolha da localização da Veredas dos Buritis não é produto do acaso, mas, sim, fruto de uma deliberação de ambos. Em entrevista ao *Um Só Planeta* da Globo, em 2022, André afirmou que eles vinham alimentando esse sonho de criar, como chamavam em uma piada interna, uma "república geriátrica" com ex-colegas de faculdade. Só que, eventualmente, conversa vai, conversa vem, se depararam com uma oportunidade em Cavalcante e aí tudo tomou um rumo mais ambicioso, algo que nunca tinham imaginado antes.



Daniel (à esq.) e André (à dir.) instalando plaquinhas com informações sobre a flora nativa do Cerrado, 2021, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

Desde que comecei a conversar com André, deu para perceber que ele tinha um profundo entendimento sobre como funcionam os ecossistemas em geral (carbono, água e sociobiodiversidade). Ele tinha uma visão para a implantação daquele projeto da Veredas dos Buritis, que, ainda que estivesse em constante construção, tinha o seu esqueleto muito bem definido. Muito disso surge da biografia, sendo preciso entender a atuação de Aquino dentro do Banco Mundial para compreender um pouco melhor de que forma a sua carreira e os seus demais outros projetos em demais campos de possibilidades influenciaram algumas de suas tomadas de decisão na Fazenda Canadá.

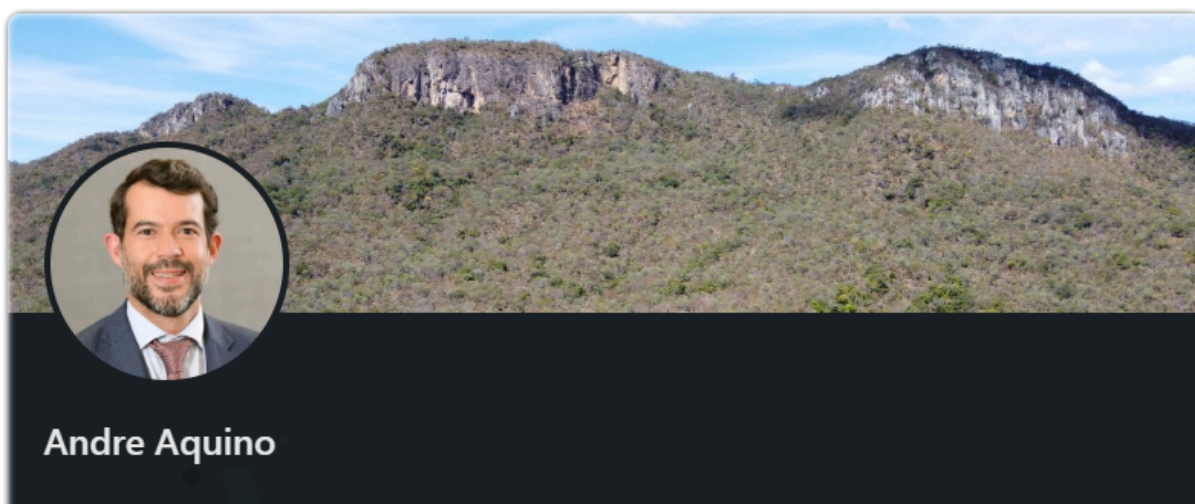
Conforme nos lembram DeLuca, Rocha de Oliveira e Chiesa (2016, p. 466), a carreira perpassa por apropriações e reapropriações de elementos objetivos e subjetivos de uma biografia. A carreira é uma construção realizada pelo indivíduo a partir de objetividades e subjetividades que compõem um campo de possibilidades pelo qual ele transita e negocia com a realidade. Ainda segundo as autoras, é possível entender, então, que a carreira depende dos campos de possibilidades.

Em uma sociedade como a nossa, o indivíduo transita por diferentes mundos, ou fronteiras simbólicas, com mais ou menos facilidades, dependendo do seu potencial de metamorfose. É a partir desse trânsito entre fronteiras que se revela o campo de possibilidades (Velho, 2006 *apud. DeLuca, Rocha de Oliveira e Chiesa, 2016, p. 468*).

Ao trazermos os conceitos de Gilberto Velho, buscamos esclarecer que o campo de possibilidades que se apresenta não pode ser compreendido de maneira dicotômica e estática, como apresentado nos estudos que articulam a discussão em torno de estrutura e agência, mas sim como um emaranhado de projetos individuais e coletivos relacionados, que se reforçam e se alteram mutuamente. Esse entendimento rompe com a ideia da presença de apenas dois elementos no campo da construção de trajetórias, pois um mesmo indivíduo pode traçar sua carreira na negociação de projetos com família, comunidade, grupo étnico de referência, profissão, ou mesmo com as diferentes organizações de que participa.

(DeLuca, Rocha de Oliveira e Chiesa, 2016, p. 470)

Segundo a descrição de seu perfil profissional no LinkedIn, uma plataforma de mídia social focada em negócios, Aquino ocupa a posição de Especialista Líder em Meio Ambiente na Prática Global de Meio Ambiente, Recursos Naturais e Economia Azul do Banco Mundial. Atualmente atua como Líder do Programa de Desenvolvimento Sustentável na Indonésia e Timor Leste, abrangendo os setores de Agricultura, Meio Ambiente, Social, Urbano e Água, baseado em Jacarta. O melhor de tudo é a sua foto para capa de perfil: uma vista da Serra de Sant'Anna, localizada em sua propriedade em Cavalcante.



Vista parcial da paisagem da Reserva Natural Veredas dos Buritis no LinkedIn de Aquino, 2022, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

Algo que pude perceber ao trabalhar com Aquino durante esse tempo e que também está presente em sua descrição na plataforma, foi a abordagem focada em pessoas e a sua capacidade de gerir várias coisas ao mesmo tempo, focando sempre nos resultados e indicadores. Não trabalhei com Aquino sob sua chefia dentro de uma organização como o Banco Mundial, mas trabalhei para ele e conheci um pouco de sua forma de compreender e atuar no mundo.

### **3.1.1 - Criando uma identidade**

A primeira demanda que recebi de André, já nos momentos finais de 2019, foi criar um Projeto de Identidade Visual (PIV) para a sua iniciativa, a Reserva. Foi exatamente neste momento que eu comecei a participar, ainda que de maneira inconsciente, do campo de possibilidades da Fazenda Canadá.

Sempre que sou contratado para serviços de comunicação, é procedimento padrão meu estabelecer em consenso com o cliente alguns fundamentos baseados na memória e no projeto do indivíduo contratante. Isso tem o objetivo de me fornecer alguns insumos mentais, inspirações e argumentos para dar ao cliente a maior satisfação possível e entregar um produto que é de seu desejo. Este foi o momento em que pedi para André e Daniel me apresentarem todas as informações que eles detinham sobre a Reserva.

Fizemos um primeiro *brainstorm* e acordamos alguns elementos do Cerrado que poderiam servir como inspiração. A vereda era uma delas, juntamente com o

próprio fruto do buriti e o soldadinho, um pequeno passarinho. Lembro-me que um dos pedidos de André neste momento era para que uma das propostas a serem enviadas fosse similar à do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, tendo em vista a proximidade com o território. Um dos objetivos declarados da Veredas dos Buritis é servir como um corredor de fauna para outras áreas protegidas, como o Quilombo Kalunga e outras RPPNs e unidades de conservação. Além disso, decidimos fazer também um formulário online, pois as propostas seriam avaliadas por vários amigos e pessoas próximas dos proprietários.



Quatro opções de logo para a Veredas. A logo final foi a mistura da 2 com a 3 (esq->dir).

Na imagem anterior se pode conferir quais foram as propostas que coloquei para avaliação. A logo escolhida por André, Daniel e amigos é o resultado da soma da segunda proposta (com algumas alterações) e a fonte usada na terceira.



# Manual da logomarca

Aqui neste manual você irá encontrar um guia para aplicação da logomarca em diferentes produtos de comunicação.

Também poderá conferir um pouco do processo de concepção da simbologia usada para a Reserva Natural Veredas dos Buritis em Cavalcante - GO.



Capa do Manual da Marca e Identidade Visual da Reserva Natural Veredas dos Buritis.



Logo do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.



Uma das páginas do Manual da Marca com as fotos de André que serviram de inspiração.

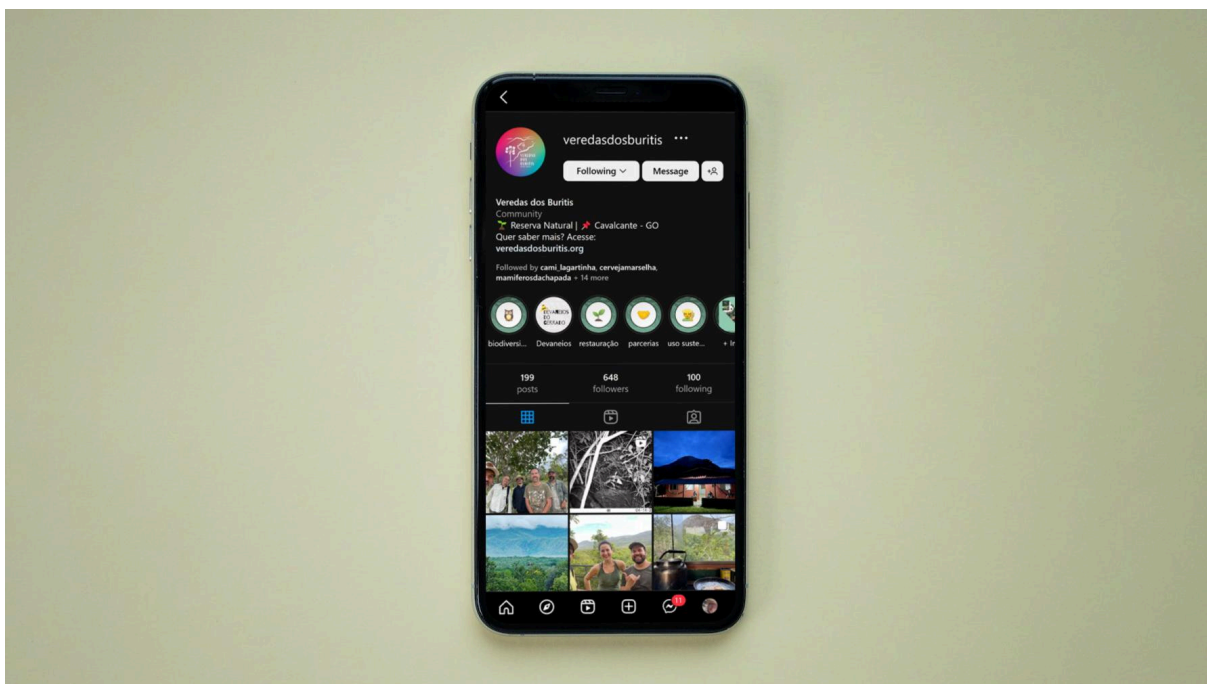
A construção da logo foi uma jornada de trocas e aprendizados mútuos. Eu ainda dando os primeiros passos em vetorização<sup>13</sup> e André formulando as suas ideias ao longo do caminho. Ao longo de todo esse processo estivemos conversando sobre a logo, mas não apenas isso. Outros assuntos também começaram a dar as caras e foi aí que notei a intenção de André em me inserir em outras atividades que ele tinha em mente para a sua Reserva: a produção da logomarca seria apenas o começo de uma parceria.

### 3.1.2 - Projetando a identidade

Fechado este primeiro produto, logo em seguida já fui demandado a produzir algumas brochuras com certos dados informativos da Reserva para André e Daniel compartilharem com amigos, parentes, pessoas próximas e possíveis *stakeholders*<sup>14</sup>. Além disso, também realizei o trabalho de gestão de um perfil no Instagram para divulgar as iniciativas e fotos tiradas na propriedade. Um dos *hobbies* preferidos de Aquino é a observação de pássaros, que se soma à outra atividade que faz em seu tempo livre: a fotografia.

<sup>13</sup> Técnica usada para criação de logos.

<sup>14</sup> Em inglês, *stake* significa interesse, participação, risco. *Holder* significa aquele que possui. Assim, *stakeholder* também significa parte interessada ou interveniente.

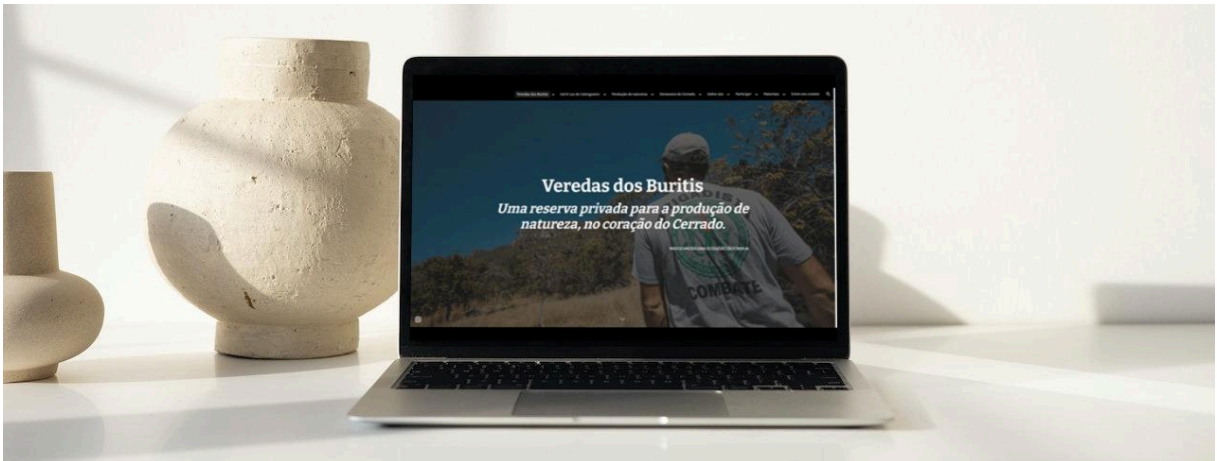


Página da Veredas dos Buritis em 2023.

Praticamente todo o material parte do corpo comunicacional da Veredas é bilíngue, com versões em Português e em Inglês. Foi a partir da produção das brochuras com informações mais técnicas sobre a propriedade e do manejo das mídias sociais que comecei a entender o público alvo da reserva e quem eram, afinal, as pessoas próximas com a qual estávamos compartilhando todas aquelas informações.

Foi a partir dos *analytics* deste perfil do Instagram que não pude deixar de notar o quão internacional era e, conseqüentemente, estava entrelaçada a iniciativa na qual eu participava com a carreira, a memória e o projeto dos indivíduos proprietários da Reserva. Como seguidores do perfil, havia pessoas na África, na América do Norte e do Sul, Ásia e Europa - basicamente, em todos os continentes do globo. Havia entre eles, vários seguidores de peso: eram instituições, grandes especialistas, cientistas, tomadores de decisão e até celebridades.

O legal das mídias sociais - e, certamente foi um dos motivos que levou à minha contratação para prestação deste tipo de serviço - é que ela permite uma grande aproximação com o restante do público. Isso levou à troca de saberes e interações para lá de interessantes, como veremos mais à frente. Com o passar do tempo e o amadurecimento das iniciativas, os canais foram ampliados e eu criei um website para a Veredas dos Buritis .



Página da Veredas dos Buritis na internet ([veredasdoburitis.org](http://veredasdoburitis.org)) em 2023.



Primeiro post da Veredas no Instagram, com o mapa e fotos de André.

### 3.1.3 - Inventário Florestal

A feitura do inventário florestal pelo engenheiro florestal Ricardo Haidar, o “Casinha”, foi um dos passos dados com o objetivo de entender a propriedade, além de, claro, fornecer insumos e dados que iriam futuramente apoiar as atividades de restauração do Cerrado desenvolvidas pelo casal Kalunga, Emílio e Geovana.

Casinha, com o apoio de Emílio e família, que são grandes conhecedores da região, fizeram o levantamento da flora ali na região e descobriram que uma parte considerável, principalmente na subida da serra, ainda estava intocada pelos capins exóticos - fruto do uso da fazenda durante décadas como pastagem.



Levantamento para o Inventário Florestal da Veredas, 2021.

Os resultados indicam que a Veredas dos Buritis é um local com grande biodiversidade e possui uma massa considerável de cobertura vegetal. Ao total, foram catalogadas 127 espécies arbóreas na Reserva.

Um dos resultados do Inventários Florestal, no que diz respeito ao que é da comunicação da Reserva Veredas, foi a realização da primeira edição do Devaneios do Cerrado, uma iniciativa de juntar diferentes cabeças em vídeochamada para falar sobre a sociobiodiversidade, manejo, ciência e conservação.

A abertura dos Devaneios do Cerrado aconteceu em 15 de abril de 2021 e contou com a participação de Ricardo Haidar, responsável pelo inventário florestal e do (à época) Secretário de Turismo e Meio Ambiente de Cavalcante, Rodrigo Neves. No público, havia vizinhos adquirentes da Fazenda Canadá, outros proprietários de Reservas em Cavalcante, professores, cientistas e comunicadores.



Convite para a primeira edição dos Devaneios do Cerrado, abril de 2021.

### 3.1.4 - Devaneios do Cerrado

Tendo em vista o sucesso definitivo da primeira edição do Devaneios, era o momento de pensar nos próximos passos. A segunda edição desta rodada de bate-papos buscava expandir um pouco mais o debate. A partir dos desdobramentos de uma reunião com André, ficou decidido que este segundo momento teria como tema o “monitoramento participativo e a gestão de fauna em áreas de conservação e seu entorno”.

Aqui, vale ressaltar que grande parte do ímpeto que motiva a realização desta segunda edição do Devaneios surge também a partir das movimentações da Rede de Monitoria Participativa da Fauna na Chapada dos Veadeiros, uma iniciativa entre alguns proprietários privados de Cavalcante (incluindo a Veredas) e a Universidade de Brasília, que possui o objetivo de fazer monitoramento da fauna, coletar e analisar dados para fornecer meios pelos quais possa ser potencializada a conservação conjunta nessas áreas e na Área de Proteção Ambiental do Pouso Alto como um todo.

Na hora de pensar nos convidados, ficou decidido que iríamos fazer um intercâmbio de informações entre as savanas africana e brasileira, somando a nova experiência no Cerrado goiano com a memória e os laços que surgem a partir da carreira de Aquino, que morou vários anos no Congo e na Etiópia, e trabalhou com

inúmeros atores locais também em outros países da África lusófona. O objetivo era, assim, agregar as experiências de monitoramento de fauna do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros com a do Parque Nacional da Gorongosa em Moçambique:

É com enorme prazer que convidamos você para participar da segunda edição da nossa série de bate-papos informais sobre a conservação da natureza, os Devaneios do Cerrado! Dessa vez com a participação especial do Parque Nacional da Gorongosa em Moçambique!

O tema central do nosso papo será o monitoramento participativo e a gestão de fauna em áreas de conservação e seu entorno.

A Reserva Natural Veredas dos Buritis busca colaboração com os atores da região para a conservação do Cerrado. A monitoria participativa da fauna pode acelerar o fortalecimento da governança integrada da paisagem da Chapada dos Veadeiros. Temos muito orgulho de anunciar que somos parte da Rede de Monitoria Participativa da Fauna na Chapada dos Veadeiros, uma aliança pela conservação da fauna no coração do Brasil! Venha participar do nosso bate-papo e entenda como a monitoria participativa da fauna pode servir como um facilitador para a conservação do Cerrado!

Conheça os nossos convidados:

Na moderação, teremos a presença de André Cunha, um dos idealizadores do Programa de Conservação dos Mamíferos da Chapada dos Veadeiros e professor do Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília.

Lucas Gonçalves também faz parte do Programa de Mamíferos da Chapada e é pesquisador associado do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. Suas principais atividades de pesquisa estão relacionadas à ecologia aplicada, zoologia aplicada, biodiversidade, biologia da conservação e gestão de recursos naturais.

Tara Massad é ecóloga e faz parte da equipe científica do Parque Nacional da Gorongosa. Motivada pela curiosidade em compreender as interações que geram a biodiversidade tropical e pela urgência de protegê-la, estuda as interações planta-inseto e investiga o papel das defesas das plantas na melhoria do reflorestamento tropical e na recuperação das florestas pós-fogo.”

(Reserva Natural Veredas dos Buritis, 2021)



Segunda edição do Devaneios com: Tara Massad, Lucas Gonçalves e André Cunha, maio de 2021.

O público da segunda edição contou com a presença de pessoas no Brasil e na África (principalmente de Moçambique, mas não apenas), unidos em um debate frutífero de troca de experiências e informações que podem agregar e potencializar o monitoramento da fauna e da conservação. Algo que ficou bastante evidente neste bate papo foi como a experiência de sucesso do Parque da Gorongosa pode servir como um norte para as atividades desenvolvidas no Cerrado da Chapada dos Veadeiros. Na ocasião, foram trocados contatos entre os especialistas e pontes foram erguidas para uma colaboração mais substancial no futuro.

O terceiro (e até o momento presente, o último) episódio do Devaneios aconteceu em oito de novembro de 2021 e teve como tema a prevenção de incêndios por uma abordagem de gestão integrada do território. O convite para a terceira edição dos Devaneios dizia o seguinte:

🔥 É hora de Devanear! O tema do nosso bate-papo da vez é: Prevenção de incêndios por uma abordagem de gestão integrada do território.

Esta é uma produção conjunta, feita em parceria com a Funatura e o Instituto Cerrados, que estão nos apoiando na realização da terceira edição dos Devaneios do Cerrado!

A ideia é conseguir fortalecer a colaboração entre os atores da paisagem da Chapada dos Veadeiros na prevenção do fogo, em resposta aos incêndios que consumiram mais de 30 mil hectares da região, apenas em 2021. Essa sessão discutirá como a colaboração em rede entre o poder público,



proprietários privados, comunidades locais e academia - a gestão integrada do território - pode contribuir para a prevenção dos incêndios.

O diálogo discutirá diferentes ferramentas para prevenção do fogo, como o Manejo Integrado do Fogo (MIF), a aplicação da lei como dissuasor de ações criminosas, a utilização de dados (sensoriamento remoto, dados de campo) para fortalecer as ações de prevenção, o manejo de herbívoros para reduzir carga de combustível, entre outros.

A sessão também trará a experiência do Kruger National Park, o maior parque da África do Sul com 20,000 Km<sup>2</sup> e quase 2 milhões de turistas anualmente, um dos parques mais visitados no mundo. O Kruger se encontra em uma área de alto risco de incêndios e trabalha com seus vizinhos, proprietários privados e comunidades locais, na prevenção do fogo.

Teremos na moderação, o nosso colega Pedro Bruzzi da Funatura. Ele guiará o nosso papo com os queridos convidados:

- Navashni Govender, representando os Parques Nacionais da África do Sul
- Luis Henrique Neves, do ICMBIO - PN Chapada dos Veadeiros
- Yuri Salmona, diretor do Instituto Cerrados
- Charles Pereira do PREVFOGO
- Rafael Drummond da BRIVAC

(Reserva Natural Veredas dos Buritis, 2021)

Card-convite para a terceira edição do Devaneios do Cerrado com: ICMBio, SAN Parks, Instituto Cerrados, Funatura, PREVFOGO e BRIVAC, novembro de 2021.

Novamente a experiência africana com o manejo de paisagens mostrou-se valiosa para as iniciativas tocadas aqui no coração do Cerrado - percebe-se que há mais daquilo que nos aproxima, do que o que nos afasta. Ainda, a possibilidade de unir uma representante do SAN Parks, o chefe do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, a sociedade civil e as brigadas federais e voluntárias em uma mesma conversa se provou bastante animadora.

O público, ainda maior do que nas duas primeiras edições, evidencia duas coisas: primeiro, há um interesse real por parte de alguns pesquisadores, tomadores de decisão, técnicos da sociedade civil e vizinhos da Fazenda Canadá em iniciativas e trocas de experiências que possam apoiar na manutenção da savana de pé, seja no Brasil, na Chapada dos Veadeiros, ou na África. Segundo, ainda que eu estivesse fazendo a produção dos Devaneios, tal mobilização com esses grandes nomes só foi possível por meio da figura de Aquino, que se mostra, mais uma vez, um agente com uma capacidade ímpar de mobilização de diferentes atores. Isso, claro, é mais uma evidência do quão intimamente ligado está a execução do projeto Veredas dos Buritis à memória, à biografia e à carreira de André.

### **3.1.5 - Campanha de financiamento coletivo para a BRIVAC**

Assim como ocorre com o patrimônio histórico e cultural de Cavalcante, a gestão do fogo neste gigantesco município também conta com a garantida omissão do poder público, que joga a responsabilidade do combate aos incêndios nas costas de um pequeno efetivo do Prevfogo<sup>15</sup> e de alguns voluntários locais que se desdobram do jeito que podem e colocam-se na batalha pela proteção da biodiversidade e das comunidades locais, apesar dos escassos recursos.

Estes brigadistas voluntários organizam suas ações sob a instituição da Brigada Voluntária Ambiental de Cavalcante (BRIVAC), fundada em 2017 após a mobilização para o combate dos incêndios que tomaram grande parte da Chapada dos Veadeiros naquele ano. É sempre importante lembrar que Cavalcante é um território imenso e possui uma área total de 6.953,6 km<sup>2</sup>, pouco mais de 2% da área do Estado de Goiás, aproximadamente mil e duzentos quilômetros quadrados a mais do que o país inteiro de Brunei, no sudeste asiático.

---

<sup>15</sup> O Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (Prevfogo) é responsável pela política de prevenção e combate aos incêndios florestais em todo o território nacional

Não precisamos ir muito longe nos pensamentos para imaginar que a supressão efetiva de incêndios nas numerosas serras durante a época da seca é um baita desafio. Estes brigadistas voluntários mantêm a sua instituição de pé apenas com o dinheiro e com os equipamentos que recebem a partir de doações, projetos e por meio de campanhas de arrecadação. Vários destes brigadistas voluntários me relataram que a motivação principal para colocarem as suas vidas na linha de frente em situações calamitosas e frequentemente perigosas, é a satisfação de saber que estão contribuindo positivamente com a sua comunidade e com o Cerrado, mesmo apesar de ser um trabalho não remunerado e muito puxado.



Felipe, um brigadista voluntário, posa para foto olhando para a Serra de Sant'Anna na Reserva Natural Veredas dos Buritis, julho de 2021, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

Um dos desdobramentos da parceria entre a Veredas dos Buritis e a Brigada Voluntária de Cavalcante (BRIVAC) resultou em uma campanha de financiamento coletivo voltada a angariar recursos financeiros para apoiar o trabalho desse pessoal nas próximas temporadas de fogo. Essa campanha tinha como público-alvo pessoas fora do Brasil: eram os/as amigos/as de Aquino e Ferreira que poderiam fazer doações em dólares americanos e proporcionar insumos mais substanciais para o combate ao fogo.

A campanha durou pouco menos de dois meses e rodou em todas as mídias da Veredas dos Buritis, além dos contatos mais íntimos proporcionados pelos proprietários da Reserva. No final, foram arrecadados R\$ 10.772,00 para que a Brigada pudesse investir na aquisição de seguro de vida, compra de equipamentos de proteção pessoal e apoiar custos operacionais do combate a incêndios, como, por exemplo, transporte, alimentos e água potável. Além dos materiais acima citados, também produzi um vídeo para agregar valor na campanha.

Já em dezembro de 2021, durante uma das minhas estadias em Cavalcante com o objetivo de produzir dados para a pesquisa, aproveitei para fazer uma entrega simbólica de um “cheque” para a Brigada Voluntária, marcando o fim da campanha e a entrega dos recursos financeiros.



Entrega do valor arrecadado na campanha de financiamento coletivo, dezembro de 2021.

O leitor pode notar que no carro de Felipe (brigadista voluntário da foto) há um adesivo logo abaixo do “cheque”. Tal enquadramento não é mero acaso. Este é o adesivo da Rede de Monitoria Participativa da Fauna na Chapada dos Veadeiros, um projeto ainda incipiente que tem o objetivo de somar proprietários privados sob um guarda-chuva de conservação e produção de ciência. A Rede é, em grande parte, encubada pela Veredas dos Buritis com o apoio da Funatura, do Programa de Mamíferos da Chapada da Universidade de Brasília, outros adquirentes da Fazenda Canadá e demais parceiros proprietários de RPPNs e reservas privadas.

### **3.1.6 - Rede de Monitoria Participativa da Fauna**

Grande parte do ímpeto para a criação da Rede de Monitoria surge a partir das experiências e do trabalho de Aquino com a gestão de paisagens enquanto um executivo do Banco Mundial e financiador de projetos voltados ao meio ambiente. Algo que sempre escuto de André é que a conservação em escala de paisagem só acontece quando há uma sinergia entre o poder público, a iniciativa privada e a sociedade civil. No site da Rede de Monitoria ([redemonitoria.org](http://redemonitoria.org)), também criado por mim sob demanda de Aquino, a iniciativa se auto descreve assim:

Este projeto nasce do ideal de alguns proprietários privados de colaborarem entre si para a conservação do Cerrado, e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes da Chapada dos Veadeiros. A Rede já complementa os esforços da Universidade de Brasília (UnB) e do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) de monitorar a fauna para fortalecer a sua conservação, através de um programa contínuo de monitoramento científico e divulgação dos dados.

Em 2021, realizamos pela primeira vez o nosso Seminário de Planificação, que foi a primeira oportunidade dos idealizadores e parceiros da Rede se reunirem para debater os aspectos estratégicos da iniciativa. Algumas das decisões tomadas e caminhos pensados, assim como mais detalhes sobre o plano de ação, podem ser conferidos no nosso Resumo Executivo:

(Rede de Monitoria Participativa da Fauna, 2021)

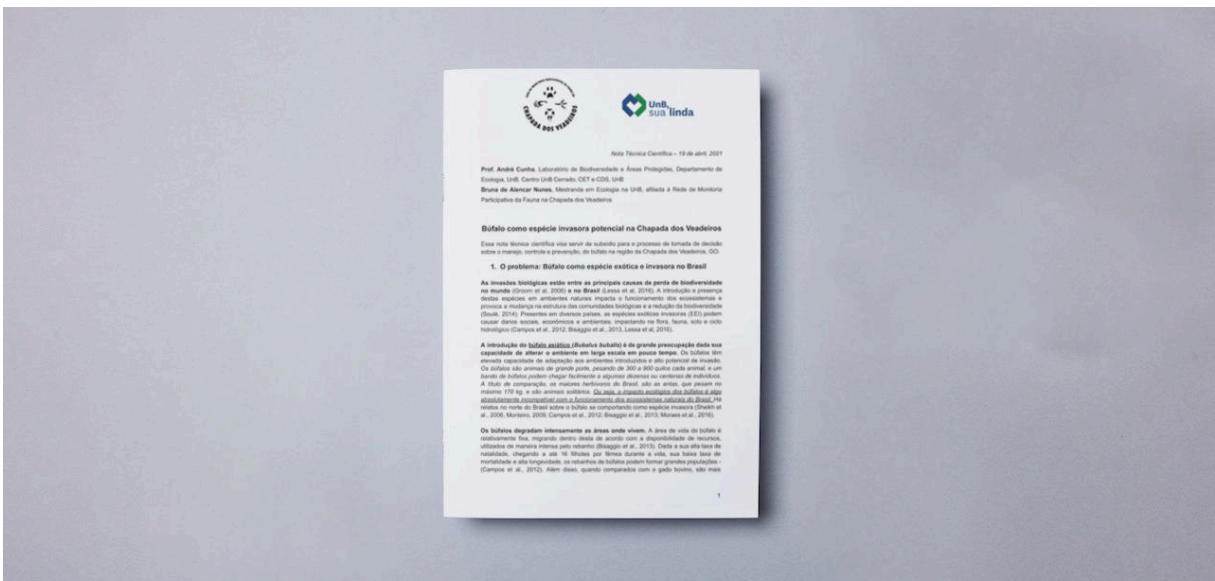
A Rede de Monitoria, enquanto um coletivo de proprietários privados com a sociedade civil e o Programa de Mamíferos da Universidade de Brasília, desenhou um espaço amostral de coleta de dados ao norte e dentro do PARNA Chapada dos Veadeiros, onde estão instaladas *camera-traps*<sup>16</sup> que registram dia após dia a

---

<sup>16</sup> Dispositivo fotográfico instalado em árvores que detecta movimentos por meio de um laser e inicia a gravação a partir disso.

movimentação da fauna nativa, trazendo à luz dados que podem criar insumos para construção de políticas públicas e demais iniciativas de conservação.

O primeiro grande resultado da Rede se deu com o lançamento de uma Nota Técnica sobre os Búfalos enquanto uma espécie invasora em potencial na Chapada dos Veadeiros. Esta nota forneceu informações técnicas que apoiaram a reação da prefeitura à invasão de terras do Sítio Histórico Kalunga em abril de 2021. A invasão e resistência do território Kalunga aos Búfalos, colocados ali a mando do grileiro Marcos Rodrigues da Cunha, repercutiu até na grande mídia, como pode ser atestado pela reportagem do G1: Kalungas barram entrada de búfalos em fazenda dentro do sítio histórico e cobram desapropriação de terra. Sem a Nota Técnica produzida pela Rede em mãos, dificilmente a prefeitura de Cavalcante teria os meios para embasar juridicamente a ação rápida e efetiva que se deu no Quilombo contra o grileiro e a espécie invasora.



Nota Técnica (redemonitoria.org/nota-técnica) da Rede com a Universidade de Brasília, abril de 2021.



Monitoramento de fauna na Faz. Canadá, 2021, Cavalcante - GO. Foto: C. E. Rodrigues

### **3.2 - Em suma**

A Reserva Natural Veredas dos Buritis está envolvida em inúmeras frentes e atividades de conservação, restauração e beneficiamento do Cerrado. Todas elas caminham paralelamente. O breve panorama que estabeleci não pretende abarcar a totalidade de tudo o que faz o Projeto da Veredas dentro e fora da Fazenda Canadá. Este é um pequeno relato de apenas algumas das atividades que desenvolvi com André desde 2020. Apenas quero que tenhamos na “ponta da língua”, que, além do que está colocado aqui no trabalho, ainda há muito, muito mais sendo feito por aquelas terras.

Há projetos em andamento que são voltados à produção da ciência cidadã, com trilhas informativas e demais iniciativas com a população local, à restauração do Cerrado, com o casal Kalunga Emílio e Geovana, ideias para a prática do turismo de natureza, observação de pássaros e mastofauna, valoração por meio de carbono estocado, parcerias institucionais e, certamente, outros projetos que eu sequer faço ideia, tendo em vista a capacidade sobre humana dos proprietários de gerir atividades em múltiplas frentes e de articulação de suas imensas redes de contatos

espalhadas pelo globo. Há muito o que se falar sobre a Veredas e poucas páginas restantes neste trabalho.

Apesar do meu enfoque maior na figura de André Aquino, é Daniel Ferreira a pessoa que cuida da parte mais administrativa da Veredas, tomando as decisões neste sentido. Ele também se fez presente ao longo de todo este tempo de forma consultiva, trazendo de vez em quando alguns questionamentos e levantando as suas opiniões ao longo de determinados processos criativos. Apesar do projeto da Veredas se pautar bastante na memória de Aquino, é preciso manter em mente que todas as decisões são tomadas em conjunto e, conseqüentemente, passam pela chancela de Daniel.

Conforme nos relembra Velho (1994), os valores, vontades e emoções que um indivíduo possui no presente influenciam as suas circunstâncias. A memória e o projeto se unem para dar sentido à vida e às escolhas, moldando a identidade de cada um. A memória e o projeto pessoal são elementos cruciais na formação da identidade social dos indivíduos. Tanto a perspectiva retrospectiva quanto a prospectiva ajudam a situar o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações dentro do contexto de sua vida, e ao longo das várias etapas de sua trajetória. Em suma, a memória e o projeto individuais são amarras essenciais na construção da identidade social de um indivíduo em sociedades que enfatizam a individualidade, como a nossa.

Ao olharmos para algumas das minhas experiências vividas com a Veredas dos Buritis, evidencia-se como esta está necessariamente pautada na memória de pelo menos um de seus proprietários, André Aquino. O caso dos Devaneios do Cerrado, que une vários antigos colegas de trabalho de Aquino com novos contatos conservacionistas na Chapada dos Veadeiros deixa isso muito claro. Aquino busca, a partir de vivências bem sucedidas com antigos parceiros em sua carreira, criar elementos para que o seu projeto possa, literalmente, florescer. Memória, carreira e biografia estão aqui para dar significado e ordem à essa trajetória.

Por outro lado, o projeto é uma realidade que existe no mundo da interação social. Embora possa ser oculto ou mantido em segredo (não é o caso aqui), ele é expresso por meio de conceitos, palavras e categorias que implicam antes de tudo a existência dos outros. Acima de tudo, o projeto é uma ferramenta fundamental para negociar a realidade com outros indivíduos ou grupos. É essencialmente um meio de



comunicação, utilizado para expressar e articular interesses, objetivos, sentimentos e aspirações para o mundo.

Olhemos um pouco para a trajetória de H. G., conforme relatado por Giuliani (1990, p. 3). A história de H. G. é emblemática e pode ser usada como um parâmetro para apreciar outras considerações sobre o nosso adquirente.

H. G. conta que quando chegou em sua propriedade, mais de meio século atrás, havia serras e rios, mas nenhum deles possuía peixes. Nos anos 1950, tentou repovoar os rios da região com peixes, mas acabou desistindo devido às práticas predatórias que surgiram e tomaram conta da mentalidade da época. Ele recorda ter arriscado a vida várias vezes tentando impedir a pesca com bombas e outros métodos destrutivos. Então, comprou cerca de 800 hectares de terras montanhosas onde passavam 3km de rio. Passou anos pressionando, lutando e buscando convencer tomadores de decisão a declarar a área como "reserva ecológica". Finalmente, fundou uma associação que transformou mais de 25 mil hectares em uma estação ecológica, na qual se tornou o principal responsável.

A conclusão de Giuliani sobre a figura de H. G. é que este é, de fato, uma pessoa capaz de conjugar ecologismo com o que o autor chama de neorruralismo. Aponta ainda que a batalha de H. G. não era apenas idealismo, mas, sim, quando lutava contra a destruição da biodiversidade, estava defendendo o seu patrimônio em formação, o qual dependia de boas condições ecológicas. Isso significa então que H. G. estava buscando privatizar a natureza, que por definição é algo público? Segundo Giuliani, sim. Só que isso mostra também que podem, sim, existir formas de acumulação de riqueza privada que não só conservam e reproduzem natureza, mas levam ao desenvolvimento de formas sociais de uso dela, de maneira contemplativa, ou por meio do turismo de natureza, por exemplo.

Evidentemente as realizações de H. G. são bastante especiais, assim como as pessoas que podem usufruir delas são bastante selecionadas. Pela análise de Viola (1987), talvez possamos considerar nosso protagonista como um "ecocapitalista", pertencente a uma franja marginal dos movimentos ecológicos, porém, como sustenta o autor, bastante poderosa, por manter sólidas ligações com políticos e agências estatais. Com efeito, uma dimensão importante do sucesso da empresa e do projeto mais geral reside na capacidade do empresário de apoiar-se numa série de relações sociais que possam viabilizar uma e outra coisa. Ele soube combinar pessoas influentes com pessoas capazes de se identificar com o projeto mais geral da estação ecológica. Praticamente, selecionou seus vizinhos e membros dessa associação e, graças a eles, conseguiu manter afastadas todas as tentativas de modificação do ambiente. Paradoxalmente, a perspectiva da conservação socializante da natureza e da criação de uma

identificação territorial passa, nesse caso, por um processo radical de exclusão social.

(Giuliani, 1990, p. 8)

Voltando à Veredas, mais uma vez podemos notar a grande capacidade de metamorfose de Aquino, que em questão de pouco menos de dois anos interagindo em Cavalcante, conseguiu adentrar e fazer boas mobilizações entre o cenário conservacionista da Chapada dos Veadeiros. Assim como fez H. G., este é um dos propósitos da Reserva Veredas: gerar riqueza a partir da savana de pé. Vale à pena lembrarmos que uma grande parte do trabalho de André Aquino para o Banco Mundial é precisamente este! O projeto não é simplesmente uma construção abstrata da razão, mas sim o resultado de uma decisão consciente, moldada pelas circunstâncias e pelas possibilidades que se apresentam ao sujeito. A identidade, por sua vez, é construída por meio da interação constante entre o projeto individual e a sociedade. Embora um sujeito possa ter múltiplos projetos, existe sempre um principal que serve de referência para os demais.

Seria possível, então, olhar para H. G. e Aquino e depois traçar algum tipo de paralelo? Eu acredito, verdadeiramente, que sim. Com um *plus* a mais, cortesia do século 21: a era das informações. O frequente discurso sobre a importância do papel das reservas privadas para a conservação em escala de paisagem e a frequente busca de incrementos ao seu projeto se dão a partir da multiplicidade de contatos e experiências pautadas em sua biografia, carreira e memória. Os exemplos do Devaneios, da Rede e os demais aqui relatados, são apenas uma pequena fração de algo que Aquino relata ter se tornado muito maior em escala e mais ambicioso do que inicialmente previsto. E eu ainda nem contei que André e Daniel também são donos de uma RPPN (diferenciando-se da Veredas, que não possui esse título) lá na região do Catingueiro, em Cavalcante. Sim, o local de nascimento do seu Odecy, o Negão.

Por fim, vale lembrar que este é um caso único. Parece-me que, talvez, essa nova dimensão do neorruralismo ainda está restrita a uma pequena minoria abastada e conectada (Giuliani, 1990, p. 8). O que evidencia uma contradição quando comparado com a conservação feita às duras penas pelos povos originários e comunidades tradicionais do Brasil. Os neorrurais e os tradicionais, ambos buscam proteger a sociobiodiversidade como fonte de satisfação de suas necessidades

individuais e coletivas, sejam elas quais forem. Mas enquanto o primeiro recebe apoio dos tomadores de decisão e das pessoas influentes da região, os mais vulneráveis não possuem as mesmas oportunidades.

Para finalizar este resumo, melhor do que eu falando, gostaria de deixar com o leitor um breve relato de Aquino resumindo o que é a iniciativa Veredas dos Buritis:

Os planos são basicamente a conservação da flora e fauna, a restauração de áreas que foram degradadas pelo pasto e a exploração sustentável dos recursos; que ainda está em desenvolvimento, mas provavelmente vai ser um turismo científico, possivelmente para ornitologia, para observação de pássaros. É isso, a atuação da Reserva em rede com os vizinhos também ligados à conservação, também com o setor público representado pelo Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros e pela prefeitura municipal de Cavalcante e a área do Quilombo dos Kalunga, que é extremamente importante porque o impacto é ao nível mais amplo, ao nível da paisagem e só pode ser feito se várias propriedades, privadas e públicas, trabalharem juntos. Então, a Reserva tem a vocação, a intenção de contribuir e se engajar com os atores do entorno.

(André Aquino, 2023)

## 4 - Reflexão

### 4.1 - Um novo condomínio em Cavalcante?

É impossível negar a existência dos receios sobre um eventual processo de condominização da Fazenda Canadá. O expressivo movimento de venda e compra de terras que explodiu ao longo da pandemia de SARS-CoV-2 acendeu um alerta. Este receio expressa-se não apenas no meio urbano de Cavalcante, ou por parte dos vizinhos imediatos, mas também, inclusive, por uma parte considerável do/as adquirentes de glebas da Fazenda. Porém, estariam estes receios cimentados em elementos que compõem a realidade?

Para concluir este trabalho e pautar a conversa sobre a possível formação de um condomínio na zona de amortecimento do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, gostaria de recorrer a um artigo fruto da pesquisa da professora Cristina Patriota, quando se debruça sobre a questão dos condomínios. A discussão que ela traz nos fornecerá alguns insumos teóricos para que possamos olhar de maneira crítica a situação posta com a assemblage de projetos de vida da Fazenda Canadá.

O que é um condomínio, afinal? Esse tipo de espaço habitacional vem se proliferando pelo globo há mais de duas décadas. Só que é apenas a partir da década de 1990 que os “condomínios” enquanto um conceito ganham um espaço de destaque no discurso público, na mídia e nas ciências sociais. Segundo Patriota, o termo que se cunhou internacionalmente para designar conjuntos residenciais com perímetros definidos por muros, cercas e aparatos de segurança privados é o “gated community”, utilizado amplamente pelos urbanistas Edward Blakely e Gail Snyder no livro *Fortress America: Gated Communities in the United States*. Indagados sobre a escolha do termo, os autores relatam terem simplesmente reproduzido aquilo que já é amplamente utilizado em propagandas imobiliárias que apelavam para o desejo norte-americano de viver em *communities*:

O termo *community*, quando utilizado em propagandas imobiliárias nos EUA, é um termo poderoso, que remete a uma gama de ideias e valores que se relacionam à vida associativa, ao bem-estar da família nuclear, ao empreendedorismo individual e à própria manutenção de valores democráticos igualitários. Porém, essas *communities* que estão sendo vendidas não são aquelas pequenas cidades da Nova Inglaterra onde os puritanos instituíram uma sociedade: são incorporações imobiliárias recentes, que se situam em espaços onde se encontram justamente os

*suburbs* que muitos norte-americanos identificam como sendo um oposto da *small town*.

(Patriota, 2010, p. 211)

O fenômeno dos *suburbs* norte-americanos e o *urban sprawling* acometem o país desde a explosão imobiliária que os fez crescer de maneira vertiginosa a partir do final da segunda guerra mundial. Os seus maiores críticos apontam para a feiura das casas feitas em uma linha de produção (*cookie-cutter houses*), que, em alusão à uma gigantesca linha de produção, também produziria pessoas sem identidade e industrializadas, as *cookie-cutter people*. A autora ainda aponta para o fato de que foi dito que os subúrbios produziam homens alienados com esposas massacradas como motoristas dos filhos, que, por sua vez, se tornavam adolescentes frustrados.

O espraiamento suburbano é um crescimento canceroso, em vez de um crescimento saudável, e está destruindo a vida cívica (...). Suburbanitas sentem o que está errado com os lugares em que habitam. Trânsito, tempo de locomoção diária, e grandes distâncias de locais de compras, trabalho e lazer estão altamente cotados entre suas reclamações. Mas todos esses inconvenientes poderiam ser mais suportáveis se os subúrbios não fossem tão carentes da maioria dos sinais de comunidade (...). A estrutura do subúrbio tende a confinar as pessoas a suas casas e carros; ela desencoraja caminhadas, passeios e interações com vizinhos. O subúrbio é a última palavra em privatização, talvez, inclusive, sua consumação letal, e ainda soletra o fim da vida civil autêntica.

(Duany e Plater-Zyberk, 1992:1 *apud* Patriota, 2010, p. 211)

Mesmo apesar de todas as críticas, dados do censo de 2000 comprovam que mais de 60% dos norte-americanos vivem em locais considerados algum tipo de *suburb*, nos levando ao entendimento de que se o condomínio é alvo de ataques e duras críticas, a cidade parece ser ainda menos desejável para grande parte da população daquele país. Foi o sociólogo Herbert Gans (1982 / 1983) que, de maneira contundente, demonstrou que se os subúrbios têm tanto apelo comercial, é porque as pessoas querem viver em suas próprias casas, com quintais para as crianças brincarem, longe do tumulto das cidades grandes e ao mesmo tempo com acesso aos benefícios da sociedade moderna. Patriota ainda coloca que: “Se a cidade pequena é um sonho da maioria dos norte-americanos, os subúrbios talvez sejam a forma de moradia acessível que mais se aproxima desse ideal” (2010, p. 213).

Poderia o caso das *gated communities* norte-americanas serem a expressão de uma força globalizante tão forte a ponto de observarmos seus desdobramentos em uma fazenda do interior goiano? Ou há ainda mais nuances para olharmos? Diversos especialistas e autores das mais diferentes áreas, entendendo que o modelo norte-americano tem sido amplamente copiado mundo afora, tratam erroneamente as áreas residenciais muradas, incluindo os condomínios fechados e horizontais que encontramos no Brasil como apenas mais um espécime do gênero *gated community*. (Patriota, 2010, p. 213).

Algo que chamou a atenção de Patriota ao longo de sua pesquisa foi que uma grande maioria desses autores e especialistas previamente citados utilizavam o termo norte-americano para se referirem a esse tipo de área e citavam os autores de *Fortress America*, Blakely e Snyder. Entretanto, o que faltava ali era o justamente o uso deste termo pelos “nativos” dos estudos para se referirem às suas próprias áreas:

Listo aqui outros termos utilizados nos artigos: *fortified enclaves, gated housing estates, extended-family compounds, cultural enclaves, gated settlements; walled communities, fortified villages, enclosed neighborhoods, security villages*; condomínios fechados, condomínio exclusivo, *barrios privados, barrios cerrados, countries*. Não acredito que essa profusão de termos seja simplesmente um reflexo das diferenças linguísticas encontradas em diferentes países, mas sim um indicador de que se trata de fenômenos que, se apresentam alguma generalidade, também têm grandes especificidades locais.

(Patriota, 2010, p. 214)

O conceito de *gated communities* é exageradamente globalizante. Sob este termo aparecem nos estudos supracitados as mais diversas formas de configuração espacial. Eram complexos prediais na Barra da Tijuca, empreendimentos imobiliários para funcionários de construtoras transnacionais em países árabes, conjuntos de moradias populares na África do Sul, complexos de casas habitados por uma mesma família, bairros com *shoppings* e hotéis, centros de grandes cidades, etc... (Patriota, 2010, p. 214).

Patriota ainda nos lembra que grande parte daqueles que se interessam por *gated communities* parece dedicar o seu foco principal no próprio muro perimetral, ou nos elementos que, em tese, separariam o dentro do que está fora. Nesta lógica, o próprio muro, ou, no nosso caso, as cercas, seriam o próprio veículo de organização e significação do território. O que vai em total contraponto com o que

estamos estabelecendo até aqui, que é a emergência de uma totalidade, resultado da interação entre diversos projetos individuais e coletivos que estão em diálogo com a realidade e pautados na memória.

[...] acredito que um dos problemas de se falar de estilos de vida globalizados e mesmo de usar termos como “*gated communities*” para designar espacialidades em diversas partes do mundo é produzir uma falsa homogeneização, perdendo não só as particularidades locais, mas a riqueza dos processos por meio dos quais os fenômenos se configuram.

(Patriota, 2010, p. 218)

Assim como Patriota (2010, p. 218), a proposta deste trabalho foi estudar as implicações das “escolhas efetuadas por sujeitos a partir de *projetos* elaborados em *campos de possibilidades*” (Velho 1994 *apud* Patriota, 2010).

As informações levantadas sobre os projetos e as memórias dos adquirentes da Fazenda Canadá nos permitem compreender alguns processos sociais que estão evidenciados nas relações estabelecidas, tanto com quem está dentro, quanto com quem está de fora. Patriota, quando se debruça sobre a questão dos condomínios em Brasília e Goiânia, se depara com a conclusão de que que esses condomínios, juntamente com áreas vizinhas, podem ser interessantes para se pensar categorias importantes como “*status*, classe e alteridade, assim como processos de segregação social, tópicos que constituem preocupações clássicas das ciências sociais” (2010, p. 218).

Assim como os condomínios de Goiânia e Brasília, a Fazenda Canadá não é somente uma configuração espacial onde as pessoas escolhem viver. É, além disso, um território que possui em sua própria composição, significados e valores socialmente compartilhados onde são feitos importantes investimentos materiais e emocionais. É por conta destes valores e significados que se torna impossível olhar apenas para o que está delimitando, como fazem os autores de *gated communities*. Imputar a esse fenômeno em Cavalcante um conceito tão englobante, a adoção de um simples estilo de vida globalizado, nos faria perder de vista algumas nuances que são próprias da realidade local e da história do território.

Menos do que uma perspectiva holista que perde a visão das partes, mas mantendo alguma noção de totalidade naquela de composição (*assemblage*), talvez a grande contribuição da etnografia esteja na sua

capacidade de apresentar esses processos, acompanhar os atores (Latour, 2005, 2006) e, assim, oferecer um conhecimento que não homogeneíze de antemão, pela própria designação conceitual dos fenômenos.

(Patriota, 2010, p. 222)

A ideia aqui foi olhar para a Fazenda Canadá baseado na multiplicidade dos agentes que se combinam a partir de suas próprias vontades, biografias, valores e projetos. Essa soma de interações sociais formadas por elementos heterogêneos também foi percebida de maneira parecida por Tarde, Ong e Collier, e, posteriormente, por Latour (1999, 1993, 2005). Assim como faz Patriota, a proposta aqui foi pensar formas sociais e espaciais a partir de uma perspectiva de *composição* ou dos *compostos*. (2010, p. 222). Essa perspectiva nos dá a vantagem de poder perceber o mundo social sem necessidade de recorrer a distinções ontológicas entre natureza e sociedade.

Os agentes que formam os compostos (no caso de Patriota, os condomínios, e no nosso caso, a Fazenda Canadá) não são apenas indivíduos fazendo coisas individualmente, ou conjuntamente, mas são a somatória das construções materiais e imateriais, como as ideias, os objetivos, os projetos, os conflitos, etc. Olhar sob essa ótica nos permite pensar processos sociais como a combinação de fatores transversais (Patriota, 2010, p. 2023).

Também permite pensar fenômenos urbanos de uma ótica que vai além de uma oposição entre espaços de fluxos e espaços de lugar e de processos de acirramento da segregação urbana (Castells, 2006; Caldeira, 2000). Não se trata de negar a existência desses processos, mas de pensar as originalidades e diversidades de combinações possíveis. Trata-se, portanto, de pensar os condomínios horizontais como composições abertas, apesar do fechamento espacial ser uma característica muito comumente associada às espacialidades designadas por tal nome.

(Patriota, 2010, p. 222)

Acredito que uma das preocupações acerca da possível condominização da Fazenda Canadá seja justamente por trazer elementos simbólicos urbanos para um local que seria, a princípio, rural. É importante mantermos em vista que não se trata de comparar realidades fechadas ou traços específicos de formas sociais análogas, mas pensar como estes elementos que estão dados se associam uns aos outros em processos que resultam na emergência de fenômenos singulares (Patriota, 2010, 223). A heterogeneidade e a capacidade de sobreposição de diferentes dimensões



são elementos que chamam a atenção aqui no nosso caso específico da Fazenda Canadá e também de outros diferentes autores que se debruçam sobre o tema da vida urbana.

Assim como nos condomínios do Distrito Federal e de Goiânia, o fenômeno recente do parcelamento da Fazenda Canadá não pode ser compreendido somente a partir de sua inserção nos processos locais de expansão urbana, ou fragmentação fundiária. A explicação de que há uma suposta vinculação automática a fenômenos globais, como sugerem os formuladores do conceito de *gated communities*, ou ao aumento dos índices de violência, ou à pandemia de SARS-CoV-2 também não bastam. (Patriota, 2010, p. 224).

O argumento de Cristina Patriota, e, conseqüentemente o meu, se sustenta no princípio de que a comparação de fenômenos análogos é importante e frutífera, mas a construção de “tipos” e “modelos” ao quais certos casos automaticamente se encaixam mais esconde do que ajuda a entender (Patriota, 2010, p. 224). A proposta é, portanto, olhar para essa formação habitacional (formada por urbanitas) como uma *composição multiescalar*. Entender o fenômeno da repartição da Fazenda Canadá não como apenas um espaço definido pela sua unidade, muros ou delimitações físicas, mas sim como a emergência de algo a partir das interações sociais e da negociação dos projetos uns com os outros.

Conforme coloca Saskia Sassen em seu livro de 1991, *The Global City*, as dinâmicas urbanas atuais combinam elementos que atuam em diferentes níveis de escala. A cidade pode ser vista como o maior exemplo de um "sistema multiescalar", onde, apesar do aparente caos e desordem, existem sistemas e ecossistemas interagindo dentro dela, às vezes sem ser de maneira intencional. Esse tipo de funcionamento é semelhante às pequenas ações que os indivíduos tomam, como a instalação de mecanismos para a captação de água da chuva ou telhados verdes, que podem inspirar outros a fazerem o mesmo. Sassen chama isso de "paralelismo sistêmico" entre a cidade e a biosfera.

Poderia o fenômeno da Fazenda Canadá no início de 2023 ser enquadrado como a formação de um novo condomínio em Cavalcante? Não, pelo menos por enquanto. Ela pode então ser compreendida como uma *composição multiescalar* em potencial, que já traz elementos urbanos para o rural? Certamente.

## 4.2 - Fim?

O debate sobre a questão da possível condominização da Fazenda Canadá em Cavalcante não foi eu quem criei. Ele surge constantemente ao longo da investigação, em diferentes momentos da minha própria trajetória como pesquisador e trabalhador. Se é preciso evocar o elemento urbano como parte intrínseca das ferramentas conceituais necessárias para abordar o debate sobre condomínios em Cavalcante, é porque, talvez, o elemento urbanita já está presente naquele meio “rural”. Relembramos que a dimensão social que bebe nas fontes do meio urbano já está presente nas mentes, nas vontades, nos medos e desejos dos adquirentes neorrurais, e, inevitavelmente, expressando-se no mundo real por meio dos projetos postos em prática nos campos de possibilidades.

Notamos, ainda, que o fracionamento do imóvel rural foi premeditado, se não, no mínimo, ele foi coordenado e facilitado pelo Negão a partir de suas próprias memórias e do seu projeto como indivíduo. A seleção dos adquirentes em busca do “espírito de conservação” reflete-se, atualmente, no perfil urbanita e neorrural dos abordado neste trabalho.

Ao longo deste trabalho conseguimos desenhar um panorama da situação da Fazenda Canadá no momento em que o seu fracionamento é concluído. Bem no cuspide da transição entre pasto e habitação humana. Nesta monografia, tentei articular dados que nos ajudassem a compreender, a partir principalmente das ferramentas conceituais de Gilberto Velho, algumas das intencionalidades das pessoas para com a região por meio das parcelas de terra recém adquiridas por elas. Entendemos que os seus projetos estão postos no campo de possibilidades da Fazenda Canadá, onde dialogam com a sociedade e com os outros demais projetos das outras centenas de adquirentes com suas demais centenas de projetos, etc...

Conhecemos algumas das expectativas, dos anseios e até algumas das subjetividades dos nossos adquirentes neorrurais de Cavalcante. Se pudermos criar uma *persona* para o adquirente médio da Fazenda Canadá, esta seria uma mulher, que apesar de não acreditar em nenhuma religião específica, busca algum tipo de espiritualidade. Ela possui pós-graduação, trabalha em uma posição importante em algum lugar significativo e vive bem financeiramente. Posicionada no topo da pirâmide social da sociedade brasileira, essa *persona*, apesar de ainda morar na cidade onde trabalha, possui planos reais de eventualmente residir em Cavalcante.

Ela busca, com a aquisição do terreno na Fazenda Canadá, cultivar um local para que ela possa descansar e ter paz, e quem sabe, até criar uma fonte de renda. Por último, precisamos lembrar que essa *persona* possui um bom nível de entendimento sobre o Cerrado e o projeto de trabalhar o solo de alguma forma sustentável.

Também conhecemos Negão e vimos como as suas memórias e biografia são influentes na elaboração de suas visões prospectivas, os seus projetos, que, conseqüentemente, acabam resultando na venda de terras para essas pessoas, urbanitas interessadas em “fugir” das grandes cidades. Vimos também um pouco de como as memórias de André Aquino são fundamentais para a elaboração do projeto da Veredas dos Buritis tal como ele é.

É muitíssimo provável que haja casos muito semelhantes ao da Fazenda Canadá no Brasil afora. Espera-se que a proposta de olhar para um território rural fragmentado e interativo deste tipo a partir das noções de Gilberto Velho, para ir até a camada da memória e dos projetos dos indivíduos, acrescido posteriormente do debate sobre condomínios de Cristina Patriota e a visão deste fenômeno como uma *composição multiescalar*, possa servir como um bom insumo para elaborações futuras sobre outras demais dimensões socioculturais.

Conforme vimos a partir das ideias expostas por Giuliani, essa tendência do novo rural não deve ser vista como uma mera coleção de concepções sociais reacionárias, mas como uma oportunidade para superar estereótipos negativos associados ao ambiente rural e seus métodos de produção. Conforme nos lembra Azevedo, em seu artigo do *Le Monde Diplomatique*, de certa forma, o surgimento do neorruralismo pode ajudar a promover uma mudança na identidade rural. Os aderentes a essa tendência podem contribuir para desconstruir a imagem pejorativa de um caipira ignorante, atrasado, monótono e desinteressante, que foi construída na modernidade e que enxergava o estilo de vida urbano como superior.

## 5 - Bibliografia

AZEVEDO, Elaine de. Neorrurais: os imigrantes da utopia. *Le Monde Diplomatique*, [S. l.], p. 1-1, 20 abr. 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/neorrurais-os-imigrantes-da-utopia/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BARBOSA, Romero Ribeiro; DE OLIVEIRA, Rozângela Aparecida. Do Escambo para a Sobrevivência à Acumulação Capitalista: a trajetória econômica de Goiás entre os séculos XVIII e XXI. *Ciência Geográfica*, Bauru, ano 23, v. 23, p. 700-709, 2019.

BORGES, Júlio César Pereira. Fazenda-roça goiana: matriz espacial do território e do sertanejo goiano. Orientador: Eguimar Felício Chaveiro. 2016. 189 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BRASIL, Americano. Cunha Mattos em Goiás (1823-1826). In. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Tomo 96, v. 150, 1924. p. 177-251.

CASTRO, J. A. et al. O estado e a apropriação do território de Goiás. O espaço goiano: abordagens geográficas. Goiânia: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2004.

CEPF, Critical Ecosystem Partnership Fund et al. Perfil do Ecossistema: Hotspot de Biodiversidade do Cerrado. 1. ed. Brasília: [s. n.], 2017. 520 p. Disponível em: [http://cepfcerrado.iieb.org.br/wp-content/uploads/2017/09/PR\\_Cerrado-Perfil-do-Ecossistema\\_TEXTO APENDICES\\_port\\_revisada-20170804.compressed.pdf](http://cepfcerrado.iieb.org.br/wp-content/uploads/2017/09/PR_Cerrado-Perfil-do-Ecossistema_TEXTO APENDICES_port_revisada-20170804.compressed.pdf). Acesso em: 5 maio 2022

CERRADOS, Embrapa. Embrapa Cerrados: conhecimento, tecnologia e compromisso ambiental. 4. ed. Planaltina, 2000. 34 p.

Chega ao fim processo de regularização fundiária de Cavalcante e região. Disponível em: <https://tj-go.jusbrasil.com.br/noticias/455108435/chega-ao-fim-processo-de-regularizacao-fundiaria-d-e-cavalcante-e-regiao>>. Acesso em: 22 set. 2022.

DA CUNHA, Manuela Carneiro. História dos Índios no Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DE LIMA, Luana Nunes Martins. Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga: a emergência da identidade étnica Kalunga pelos direitos fundiários. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG, III., 2012, Jataí. Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga: a emergência da identidade étnica Kalunga pelos direitos fundiários [...]. Jataí: [s. n.], 2012. Tema: História e Diversidade Cultural, p. 1-12.

DE TORAL, André Amaral. Os índios negros ou os Carijó de Goiás: a história dos Avá-Canoeiro. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 27/28, p. 287-325, 1984/1985.

DELUCA, G.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.; CHIESA, C. D. Projeto e Metamorfose: Contribuições de Gilberto Velho para os Estudos sobre Carreiras. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 20, p. 458-476, ago. 2016.

ESTEVAM, Luis Antonio. O tempo da transformação: estrutura e dinâmica na formação econômica de Goiás. 1997. 203 p. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

FILHO, M.; DE, D. R. O estudo do ecoturismo praticado na Chapada dos Veadeiros, no Estado de Goiás, Brasil : uma visão ambiental estratégica. 2007.

FRANÇA, Sebastião Fontenele. As condições que sacralizaram o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga na microrregião da Chapada dos Veadeiros - Nordeste de Goiás. Orientador: Éder de Souza Martins. 2019. 284 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

GIULIANI, G. M. NEO-RURALISMO: o novo estilo dos velhos modelos. 1990

JATOBÁ, Danielli. A Comunidade Kalunga e a Interpelação do Estado: da Invisibilidade à Identidade Política. Orientador: Rita Laura Segato. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

JUSBASIL, Tribunal de Justiça de Minas Gerais TJ-MG - Apelação Cível: AC  
Xxxx-54.2006.8.13.0144 MG | Jurisprudência. Disponível em:  
<<https://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/tj-mg/114646210>>. Acesso em: 6 mar. 2023.

KINKER, S. Ecoturismo e Conservação da Natureza. Guia — Brasil Aventura. No Caminho dos Heróis. São Paulo, 1997.

LEI No 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850. Disponível em:  
<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l0601-1850.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l0601-1850.htm)>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MENDES, Estevane de Paula Pontes. SIMPÓSIO NACIONAL CERRADO, IX., 2008, Brasília. Ocupação e produção no Cerrado goiano: do século XVIII ao XX., 2008.

NOGUEIRA, Mônica. Gerais a dentro a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. 1. ed. Brasília: Mil Folhas do IEB, 2017. 237 p. ISBN 9788560443543.

NOLETO, Júlia Tossin. Tem vez que o cristal dá em cima. Tem vez que ele dá na baixada: uma etnografia do conhecimento do garimpo e dos garimpeiros de cristal de rocha da Chapada dos Veadeiros - GO. Orientador: Henyo Trindade Barretto Filho. 2020. 97 p. Monografia (Graduação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

NORA, P. Les Lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1984.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta Sant'Anna. História de Goiás, 6ª ed. Goiânia: Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 1994.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina. Condomínios e Gated Communities: por uma antropologia das novas composições urbanas. Anuário Antropológico, [s. l.], v. 35, n. 2, p. 209-233, 2010. DOI <https://doi.org/10.4000/aa.970>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/970>. Acesso em: 5 dez. 2022.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, vol. 5, n.10. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

RIBEIRO, Luanna de Souza. História do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros: da sua criação à sua [re]ampliação em 2017. Orientador: José Luiz de Andrade Franco. 2020. 167 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SASSEN, S. The Global City, 1991. Princeton University Press, Princeton, NJ. 288 pages. ISBN: 0-691-07866-1. Bulletin of Science, Technology & Society, v. 13, n. 2.

SOBRINHO, Fernando Luiz Araújo; DA SILVA A., Iara Cristina; VIEIRA, Patrícia Laundry Mollo. Uma análise geográfica do plano de desenvolvimento turístico de Cavalcante-Goiás. Boletim de Geografia, v. 33, n. 3, p. 31-45, 2016.

SOUSA, Luiz Antonio da Silva e. Memória sobre o descobrimento, governo, população, e cousas mais notaveis da Capitania de Goyaz. Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Rio de Janeiro, p. 429-510, 1849.

VELHO, G. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. [s.l.] Zahar, 1994.